This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

+ *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.

+ *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.

+ *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.

+ *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at `http://books.google.com/`

Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
  A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.

- Evite consultas automatizadas.
  Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento ótico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.

- Mantenha a atribuição.
  A "marca dágua" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.

- Mantenha os padrões legais.
  Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As conseqüências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em `http://books.google.com/`

A 465629

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES · SCIENTIA · VERITAS
1817
· LIBRARIES ·

THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
THE UNIVERSITY OF MICHIGAN
ARTES SCIENTIA VERITAS
1817
LIBRARIES

LISBOA DESTRUIDA

POEMA,

AUTHOR

O P. THEODORO DE ALMEIDA,

DA CONGREGAÇAÕ DO ORATORIO DE LISBOA.

LISBOA:

Na Off. de Antonio Rodrigues Galhardo,

Impreſſor dos Conſelhos de Guerra, e do Almirantado.

ANNO M. DCCC. III.

Com licença da Meſa do Deſembargo do Paço.

Com Privilegio Real.

Vende-se na Casa do Espirito Santo.

869.8
A4487li

O vous, qui ne cherchez, que ces rimes impures
Des plaiſirs ſeduiſants dangereuſes peintures :
Sur mes chaſtes tableaux ne jettez pas les yeux :
Fuyez ; mes vers pour vous ſont des vers ennuyeux :
De ſons de la vertu votre oreille ſe laſſe . . . . . .

Racine Poem. ſur la Grace.

7/2112 -190

PROLOGO.

NAõ he aſſas crivel quanta falta faz na hiſtoria de huma Monarquia a memoria de varios ſucceſſos, que no principio ſe deſprezáraõ, ou por ſerem entaõ notorios, ou por ſe naõ avaliar, como era juſto, a futura influencia, que teriaõ, tanto no Civil, como no Moral do Eſtado. Quantas vantagens naõ teriamos hoje conducentes ao progreſſo da Agricultura, do Commercio, da Navegaçaõ, &c., ſe deſde o principio da Monarquia Portugueza ficaſſem conſignados em eſcritos veridicos e exactos os primeiros exemplos praticos daquellas materias? Outro tanto ſe póde julgar de qualquer cataſtrofe, ou revoluçaõ notavel, que no decurſo dos tempos tem acontecido.

Ora ſendo o fatal terremoto, que experimentou a Cidade de Lisboa no anno de 1755, taõ notavel, que faz epoca, aſſim a reſpeito das coiſas civis, como dos cuſtumes da Naçaõ; he para admirar, que ſendo já paſſados quarenta e ſinco annos, naõ tenha ainda apparecido hiſtoria alguma individual deſte acontecimento: tendo elle ſido taõ famoſo, como ſenſivel nas quatro partes do Mundo; porque além da Europa, onde

fez o maior eſtrago, tambem chegou a Marrocos na Africa, á Circacia e Terra Santa na Aſia, e ás Antilhas na America. Algumas Memorias ſe tem publicado, mas taõ ſuccintas, taõ confuſas, e em muita parte taõ falſas, que mais ſervem de offuſcar, que de aclarar a relaçaõ do ſucceſſo.

Portanto tendo eu ſido teſtimunha ocular, e preſente a muita parte dos ſucceſſos deſte horroroſo Terremoto, e ouvido no meſmo tempo de outras teſtimunhas illuſtres e fidedignas parte dos ſucceſſos, que naõ preſenciei pela differença dos lugares; cuidei logo depois do terrivel fenomeno em ordenar eſte Poema, a fim de que a minha recente memoria ſem confuſaõ nem dúvida me forneceſſe as circunſtancias mais memoraveis. Concluida que foi a empreza, por mais de quarenta annos a conſervei fechada, para que com eſta demora mais longa, dó que Horacio recomenda, amadureceſſe e ſahiſſe á luz, menos imperfeita. Nem até agora era neceſſaria a ſua antecipaçaõ; porque a muitos, que tinhaõ viſto os ſucceſſos, ou os tinhaõ ouvido aos que os preſenciáraõ, ſeria inutil a relaçaõ eſcrita. Agora porém, que já as teſtimunhas oculares vaõ faltando, e que até eu meſmo pela minha longa idade eſtou proximo a ſahir deſta vida, me determinei a publicalla.

To-

Todos ſabem, que os primeiros e mais ſeguros fundamentos da verdade na hiſtoria, ſaõ as narrações de pais a filhos; ſegue-ſe depois a tradiçaõ de geraçaõ a geraçaõ. A certeza he provavel na ſua origem, mas em cada geraçaõ vai perdendo hum gráo de probabilidade, até que com o tempo ſe perde a verdade, e principia a fabula originada das noticias vagas e confuſas da tradiçaõ popular, como ſe vê na hiſtoria das Origens naõ ſó das antigas Monarquias, mas ainda das modernas. Neſte abyſmo pois viriaõ a cahir os ſucceſſos, que ſerviraõ de objecto deſte Poema. Por eſta cauſa eſtou certo, que quando elle no juizo dos eruditos naõ mereça applauſos como Poema regular, ao menos naõ deſmerecerá a eſtimaçaõ commum, que fazem dos eſcritos uteis, os que amaõ a ſincera verdade, e muito mais ſe attenderem ſer obra de quem ſe conſidera membro do Eſtado e da Igreja, e como tal obrigado por caracter e profiſſaõ a utilizar o publico, e defender a Religiaõ, como tenho moſtrado ha muitos annos, tanto na Patria, como nos Reinos eſtrangeiros. Eſtes ſaõ pois os dois fins, a que ſe dirige a obra, que pertendo publicar.

E em quanto á defeza da Religiaõ, infelizmente ſe offereceo a triſte occaſiaõ de a ver combattida por hum ímpio famoſo.

Por-

Porque entre os poucos eſcritos, que, como diſſe, apparecêraõ até agora deſte aſſumpto, hum delles foi a fabuloſa e ſummamente curta deſcripçaõ, que *Mr. Voltaire* publicou com intento de impugnar a Pope, obra dictada, naõ pelas Muſas Chriſtãs, mas certamente pelas Furias infernaes, e a mais execranda de todas as que tem produzido eſte infeliz. E eſta foi a cauſa, que me moveo a compôr a Ode á Religiaõ Chriſtã, que ſerve de Dedicatoria ao Poema.

Pareceo-me conveniente á narraçaõ dos ſucceſſos, conforme ſe offereciaõ, juntar nos lugares competentes as notas hiſtoricas, que ſinalaõ os lugares e peſſoas, ſervindo juntamente de lhes dar mais evidencia, e fazer mais authentica a ſua verdade. No fim do Poema ſe acharáõ tambem outras Notas e Illuſtraçoẽs á cerca do artificio Poetico, empenho, que ſobre ſi tomou hum amigo meu, a quem communiquei a minha empreza. E tambem para contentar os amantes da Filoſofia, me reſolvi a concluir o volume com huma Diſſertaçaõ á cerca das circunſtancias fyſicas do Terremoto de Lisboa, que ha annos li na Academia Real das Sciencias. Tenho expoſto o meu projecto e intençoẽs; naõ faltaráõ Juizes em grande número, ſegundo a maxima de S. Jeronymo (epiſt. contra Vigilantium.) *Qui ſcribit, multos ſumit Judices.*

ODE
Á RELIGIAÕ CHRISTÃ
DEDICATORIA
DO POEMA.

1 Eu nas fraldas frondoſas da Montanha
Que os Poetas povoaõ, recreava
Meus ſentidos co' as vozes agradaveis
Dos Poetas, que ouvia. (*a*)
2 De David lá ſoava a ſanta Lyra
Só por Deos afinada: a melodia
Era tal, que minha alma alienada
De ſi fóra ficava.
3 Qual Orfeo fabuloſo, ſe tocava
Os rochedos, os montes, e os rios
O's louvores de Deos alvoroçados
Promptamente attrahia.

Vi-

(*a*) Os que tem o paladar do Entendimento fino, e por modo nenhum eſtragado com mantimentos corruptos e groſſeiros, achaõ nos Poetas Divinos bellezas taõ delicadas e agradaveis, que nenhum Poeta grego, Latino, ou vulgar pode comparar-ſe, eſpecialmente David, ou Job.

4 Vinha o Sol, vinha a Lua e as eſtrellas (*b*)
Dez mil giros nos ares repetindo,
O' Poeta divino obedecendo
A Deos ſempre louvando
5 Torna a Lyra a tocar: eisque a minha alma
Já tardia ſe ſente arrebatar
Eu naõ ſei onde fui; ſei que naõ poſſo
Cá dizer, o que vi
6 Perfeiçõés taõ paſmoſas conheci
Tal idéa de Deos em mim ficou
Que voltando á Montanha em tudo via
Eſſe Deos, que lá vi.
7 Como o Sol, que nos vidros já quebrados
Se retrata de fórma, que luzindo
Eſpalhados na terra, mil ſoes vemos,
Quando hum ſó no Ceo temos
8 Aſſim eu para a terra, quando olhava,
Para as fontes, e prados e boninas,
Para os fructos e pomos, eu lá via
Attributos divinos.
9 Quando as fontes co' as pedras murmuravaõ
O' ſuſſurro das aguas reſpondiaõ
Paſſarinhos nos ares co' as cantigas
Dirigidas a Deos.

Quan-

(*b*) Exurge gloria mea, exurge Pſalterium & Cythara. Pſalm. 107. 2. & Pſalm. 56. 11. Stellæ vocatæ ſunt, & dixerunt: Adſumus, & luxerunt ei, qui fecit illas. Baruch. 3. 39.

10 Quando os ventos os boſques embalavaõ
E o pomo maduro deſpegado
Do ſeu ramo cahia, o paſſageiro
Só de Deos o acceitava.
11 Quando as nuvens a chuva joeiravaõ
Sobre os cãpos que os fructos nos produzẽ
A Deos via, que os filhos cá na terra
Cuidadoſo ſuſtenta.
12 Eisque lá dos abyſmos do Cocyto
Sahe hum ronco terrivel e medonho
Que a minha alma aturdio, e que nas veas
O meu ſangue gelou
13 Naõ foi voz, mas foi ſetta, foi peloiro,
Foi hum raio, naõ ſei que coiſa foi;
Foi-me morte, mas naõ, que melhor fôra
Porque entaõ naõ ſentia.
14 Era a voz d'hum Poeta, (*c*) que enſinava
Que o gram Deos no governo deſte mundo
(Naõ acabes, naõ digas, lingoa minha)
Sempre faz o peor.

Ai

(*c*) Falla de Voltaire, que no Poema intitulado *L'Optimiſme*, ou *Le Candide*, impugnando a Pope, ſe valeo do Terremoto de Lisboa, para moſtrar, que Deos no governo do mundo ſempre faz o peor; ſyſtema contrario ao de Pope, que moſtra, que Deos faz o melhor. Mas he bem claro, que a invectiva do noſſo Poeta contra Voltaire, naõ he approvaçaõ do Poema de Pope, onde diſfarſadamente ſe eſtabelece o Deiſmo.

15 Ai que diſſe! eu proteſto naõ queria
Tal dizer: mas do meu peito convulſo,
Da razaõ perturbada, e d'alma afflicta
Eſta voz eſcapou
16 O meu zelo m'inflamma, (*d*) quando vejo
Huma lingoa blasfema o ſanto nome
Do gram Deos ultrajar, e em quanto vivo
Naõ me poſſo callar (*)
17 Que blasfemia taõ fea! que loucura!
Pôr defeitos, pôr erros, pôr maldades
No q̃ he ſabio, q̃ he ſanto, e por eſſencia
Summamente perfeito!
18 Deſta grande carroça do Univerſo
Leva as redeas na maõ o Omnipotente:
O ſeu braço robuſto, quem lho póde
Com violencia dobrar. (*e*)

Ou

(*d*) Tabeſcere me fecit zelus meus, quia obliti ſunt verba tua inimici mei. Pſalm. 118.

(*) Racine exprimio com bella energia eſte penſamento, dizendo:

Si la timidité fait taire les Prophetes
La colere ouvrira la bouche des Poetes.
Poema de Graça Cant. 1. v. 23. 24.

(*e*) Indica mihi ... ſi habes brachium, ſicut Deus. Job. 40. 2. 3.
Virtuti brachii tui quis reſiſtet? Sap. 11. 22.

19 Ou quẽ póde enſinar-lhe o bõ caminho? (*f*)
Quem os riſcos moſtrar, ou os precipicios?
O poder infinito governando
Poderá torpeçar? (*g*)
20 O Poeta blasfemo ſó ſe firma
No tremor de Lisboa, onde deſcobre
Muitos males: ah cégo! ſe elle viſſe
Eſſes bens, que eſtou vendo! (*h*)
21 Huma luz lá do Ceo na minha mente
Raiar vejo; eu deſcubro no futuro
Dez mil bens: ah q̃ eſtrellas taõ brilhantes
Neſſe eſcuro ſcintilaõ.
22 Vejo o grande lethargo, que os mortaes
Occupava, e que os tinha entorpecido:
Com eſte golpe geral foi diſſipado:
E que o mundo acordou. (*i*)
23 A virtude, que eu via perſeguida,
Eſcondida, encuberta, envergonhada,
Vejo agora, que a buſcaõ com cuidado
Como coiſa divina. (*k*)

O

(*f*) Quis poterit ſcrutare vias ejus? Job. 36. 22.
(*g*) Quis adjuvit Spiritum Domini? aut quis conſiliarius ejus fuit, & oſtendit illi? Iſai. 40. 13.
(*h*) Melius judicavit (Deus) de malis benefacere, quam mala nulla eſſe permittere. Auguſt. Enchirid. cap. 25. 26. 27.
(*i*) Dedit vocem ſuam, mota eſt terra. Pſalm. 45. 6.
(*k*) Cantabiles mihi erant juſtificationes tuæ in loco peregrinationis meæ. Pſalm. 118.

24 O demonio ſoberbo triunfava,
Inſolente de Deos zombar queria
Mas agora vencido berros dando,
Nos infernos s' eſconde.
25 Muitos máos o maldito pertendia
Já levar: a Juſtiça aſſim mandava,
E de Deos a grande ira; mas de tudo
O Amor triunfou. (*l*)
26 Vejo lobos trocados em cordeiros
Carvões negros brilhando como eſtrellas,
Dragões feros eu vejo com' huns Anjos:
O tremor os voltou (*m*)
27 Vejo a Deos geralmente reſpeitado,
Seus preceitos já vejo obedecidos,
Os bons amaõ, já temem os perverſos:
Tudo vai muito bem. (*n*)

Deos

(*l*) Miſericordiæ Domini, quia non ſumus conſumpti, quia non defuerunt miſerationes ejus. Jer. Thren. 3. 22.

(*m*) Cum occideret eos, quærebant eum & revertebantur. Pſalm. 77. 38.

(*n*) Que illuminada Filoſofia a do noſſo Poeta neſta clauſula, *Tudo vai muito bem*, deduzida dos evidentiſſimos principios, que formaõ o corpo deſta Ode? E que céga e miſeravel Filoſofia de Pope no ſeu *Tout eſt bien*, ou *Tout eſt au mieux*, conſequencia deduzida de principios erroneos, que formaõ o corpo do ſeu Poema, ora diſperſos, ora artificioſamente encubertos, e maſcarados com ar de verdade e de Religiaõ? Mas ſobre tudo he impia a Filoſofia de Voltaire

28 Deos da Igreja a ſeara tem mondado,
As más hervas, eſpinhos e abrolhos,
As raizes nocivas foi queimando;
Trigo limpo deixou. (*o*)

29 Outros vejo, que o premio merecido
Bem cançados pediaõ ſuſpirando,
Mas a morte tardia os ferrolhava;
O tremor os ſoltou. (*p*)

30 Qual Princeza, que as flores mais mimoſas
Có' a maõ tenra degola, e põe na coroa,
A's mais vis deixa a vida, deſte modo
O Senhor ſe portou. (*q*)

31 Já lá eſtaõ nas cadeiras ſoberanas
Os que triſtes gemiaõ cá no mundo; (*r*)
Já lá dizem mil bens do Terremoto,
Que lhes fez tanto bem.

Ou-

---

no ſeu *Optimiſmo* o mais abominavel de todos os ſeus poemas.

(*o*) In tempore meſſis dicam meſſoribus: Colligite primum zizaniam & alligate eam in faſciculos ad comburendum: triticum autem congregate in horreum meum. Math. 13. 26.

(*p*) Clamaverunt juſti & Dominus exaudivit eos, & ex omnibus tribulationibus eorum liberavit eos. Iſ. 33. 17.

(*q*) Univerſæ viæ Domini miſericordia & veritas requirentibus teſtamentum ejus & teſtimonia ejus. Pſalm. 24. 11.

(*r*) Lætati ſumus pro diebus, quibus nos humiliaſti, annis, quibus vidimus mala. Pſalm. 89. 17.

32 Outros Juſtos o ſeu grande inimigo
Fataes golpes com força e raiva dando, (*s*)
Pertendia matar, mas Deos zombando
Sempre os quiz conſervar.
33 Ah que Deos ſe moſtrou bem poderoſo!
Pois do mundo, fortuna, e da ſoberba,
Das idéas dos grandes mais famoſos
N'hum momento triunfa. (*t*)
34 Ora a morte chamou, ſendo tardia,
Ora a foice fatal da maõ lh' arranca
Deos a eſte dá morte, áquelle a vida: (*u*)
Como quiz tudo fez.
35 Calle pois, emudeça a lingoa infame,
S'elle os bens naõ tem viſto, que Deos tira
Só de hum mal. Como he Deos elle o Bem
Só o deve adorar. (*y*) (Sũmo (*x*)

De

(*s*) Inimici mei dixerunt mala mihi: quando morietur & peribet nomen ejus. Pſalm. 40. 5.

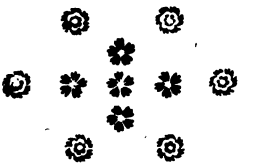
(*t*) Deus confringet capita inimicorum ſuorum. Pſalm. 67. 23.

(*u*) Omnia quæcunque voluit, Dominus fecit in cœlo, & in terra, in mari, & in omnibus abyſſis. Pſalm. 134. 6. Item 113. 11.

(*x*) (Impii) non intellexerunt opera Domini, & in opera manuum ejus. Pſalm. 27. 7.

(*y*) Dominum Deum veſtrum . . . timete, & illum adorate. 4. Reg. 17. 36. Dicite in cordibus veſtris: Te oportet adorari, Domine. Baruch. 6. 5.

De mil bens, que o Senhor lhe concedêra
Quantos males tirou o disgraçado!
Mas da ſua diſgraça agora hum Bem
Para nós Deos tirou. (z)



A D-

(z) Como Deos de todo o genero de males ſabe tirar muitos bens, por iſſo diſſe S. Paulo, *Oportet hæreſes eſſe*; que era conveniente, que houveſſe hereſias: e entre varios bens, que dellas reſultaõ, o mais commum he o que nota Santo Agoſtinho. *De vera Relig. cap.* 8. *num.* 15. a que chama beneficio da divina Providencia: *Utamur etiam iſto divinæ Providentiæ beneficio.* E eſte bem he que *Multi ut diem Domini videant & gaudeant, per hæreticos de ſomno excitantur.* De maneira, que quando eſtes impios com os ſeus abominaveis ſyſtemas cuidaõ arruinar a Religiaõ, entaõ mais concorrem para a ſua firmeza, deſpertando os ſeus defenſores.

INTRODUCÇAÕ.

He preciſo que hum Canto harmonioſo
Suaviſe eſtes caſos que refiro
Miſturando com o doce o amargoſo,
Pondo balſamo logo quando firo:
Se aqui faço algum golpe laſtimoſo
Eſſe ferro cruel logo retiro;
Que o meu fim he ſómente o dar ſaude;
Porém da-la ſem ſangue nunca pude

LISBOA DESTRUIDA

CANTO PRIMEIRO.

ESTANCIA I.

CANTAREI de Lisboa o caſo horrendo,
Que d'eſpanto ſerá para os vindoiros,
Deſtruida por fórma, qual vencendo
Naõ podiaõ deixalla os bravos Moiros,
Arrazada de todo parecendo
Por canhões, por bombardas, e peloiros;
Mas por Deos deſtruida n'hum momento,
Abalando o ſeu firme fundamento.

II.

Eu quizera ter vozes competentes
A poder deſcrever, como he devido,
Os ſucceſſos famoſos e frequentes
Que eſtes tempos nos tem acontecido:
Mas duvido, que além dos que preſentes
Com ſeus olhos o viraõ, ſeja crido,
O que paſmo de todos ficou ſendo,
E que vou nos meus verſos deſcrevendo.

III.

Vinde vós, alto Eſpirito celeſte,
Que eſte caſo choraes amargamente,
Que Lisboa algum dia defendeſte
Dos Turbantes da brava e Turca gente
Já que agora livralla naõ podeſte
Da Juſtiça de Deos Omnipotente,
Dirigi de tal modo eſta memoria,
Que a Deos ſó ſeja dada toda a gloria.

IV.

Vinha o Tejo ſoberbo e caudaloſo
Muitos rios diverſos convidando
Para as margens beijar obſequioſo
Da formoſa Lisboa, e naõ parando

Eis-

Eisque agora tres vezes receoſo, (1)
Eſpantado de horror vai recuando;
Pois que via eſqueleto de Cidade
Eſſe centro da pompa e vaidade.

V.

Do seu cais algum dia mui formoſo,
De Palacios e Torres adornado
O aſpecto, que via era horroroſo:
Tudo eſtava em ruinas tranſtornado.
As muralhas, que forte e mageſtoſo
O faziaõ, já tinha derribado (2)
O tremor, e nas pedras Tirſo eſtava
Admirando a mudança, qu'obſervava.

VI.

Neſte tempo paſſava hum foraſteiro
Que ficava ſuſpenſo, e tendo eſtado
Longo tempo a chorar o derradeiro
Triſte fim de Lisboa, o vio paſmado.

(1) No dia do Terremoto tres vezes fugio o mar meia hora depois dos tres tremores.

(2) Parte deſte cais foi ſummergido com os repetidos inſultos do mar, que infeſtou fortiſſimamente toda a coſta de Portugal, Algarve e Andalufia.

Tirſo entaõ ſe levanta, e liſongeiro
Foi buſcallo, e depois de ſaudado,
S'informou de quem era, e quiz comſigo
Qu'obſervaſſe as ruinas ſem perigo.

VII.

Era hum homem d'aſpecto venerando,
Qu'algum dia vivêra na Cidade
Eſtimado na Côrte, mas deixando
Seus applauſos fugíra á vaidade
N'huma Aldea vivia cultivando
Com trabalho e ſuor a ſu'herdade:
Na frequente liçaõ ſe divertia,
Qu'outro trato dos homens naõ queria.

VIII.

Quanto menos c'os homens converſava
Tanto mais nos objectos diſcorria:
Dos effeitos as cauſas indagava,
Naõ parando ſómente no que via.
Nos ſucceſſos com goſto meditava,
Porqu' em tudo verdades deſcobria
Qual Mineiro, que cava em buſca d'oiro
Que nas coiſas mais vis acha theſoiro.

IX.

Eisqu' agora o trazia o grande aballo
Qu' eſte caſo funeſto em redondeza
Tinha feito, pois qu' elle acreditallo
Naõ queria ſem ter toda a certeza;
Com ſeus olhos queria examinallo
Tirſo entaõ, a pezar da gram triſteza,
Reſolveo-ſe a moſtrar-lhe todo o horror,
Qu' em ſeu peito cauſava a maior dôr.

X.

Ah Miſſeno! (lhe diz) Tu qu' eſtás vendo
Eſtes grandes eſtragos, qu' examinas
Com cuidado os ſucceſſos, qu' eſtaõ ſendo
Para nós os mortaes mudas doutrinas;
Vem comigo obſervar o mais horrendo
Cadaver de Lisboa, e nas ruinas
Tu verás, que de Deos o braço irado,
Quando chega a ferir, he mui pezado.

XI.

Eſta meſma Cidade, qu' algum dia
Co' heceſte formoſa e florecente,
Qu' baſtava aviſtalla, e d' alegria
Os eſtranhos s' enchiaõ de repente, (3)
Tu verás infundir melancolia
No ſemblante de todos geralmente
Pois ſó reſtaõ da ſua formoſura
Eſqueleto, cadaver, ſepultura.

XII.

Naõ procures ver torres levantadas,
Nem palacios ſoberbos e pompoſos,
Nem Igrejas aos Santos dedicadas,
Nem Conventos de bons Religioſos.
Tudo ardeo: ſaõ paredes chamuſcadas
Os palacios mais ricos e formoſos
As mais bellas fachadas ſe tornáraõ
Em ſepulcros da gente, qu' enterráraõ. (4)

XIII.

(3) He conſtante, que quem entrava pela barra de Lisboa, ſe enchia de alegria, vendo deſde Paço d'Arcos até Marvilla, tudo caſas de campo magnificas, e todo o mappa de Lisboa, (que ſaõ tres legoas) lindiſſimo.

(4) Affim ſuccedeo em caſa do Illuſtriſſimo e Excellentiſſimo Senhor Gonçalo Xavier, onde ficáraõ enterradas trinta peſſoas, que ahi morréraõ.

XIII.

Naõ ha ruas, nem praças; impedidas
As verás co' as paredes arrazadas,
Galarias inteiras eſtendidas
Pelo chaõ, mas desfeitas e quebradas,
As columnas pompoſas denegridas,
Vês, qu' em pó ſe desfazem calcinadas.
Eſtá viſto, que a pompa e mageſtade
Tudo he cinza, poeira e vaidade.

XIV.

Os cunhaes das paredes deſcarnados
Do reſtante das pedras, que cahíraõ,
Obeliſcos parecem levantados
A' memoria dos caſos, que ſe víraõ:
Denegridos, funeſtos, inclinados
Inda agora ameaçaõ os que fugíraõ:
Sem ter letras na baſe, eſtaõ dizendo
De Lisboa infeliz o caſo horrendo.

XV.

Naõ reparas qu' agora vás paſſando
Por cima de telhados! os formoſos
E ſoberbos palacios vás pizando,
Os marmores polidos e luſtroſos.

Igu-

Igualmente hum ſó paſſo vai calcando
Humildes caſas, torreões pompoſos,
Co' a ſoberba a vileza miſturada
Nas ruinas nos diz, que tudo he nada.

XVI.

Por hum lado e por outro vamos vendo
Fumegar eſſas cinzas, e as madeiras
Já queimadas, as traves inda ardendo,
Qu' os incendios conſomem derradeiras.
Os meus pés eu os ſinto ir aquecendo,
Pois por baixo eſtaõ brazas verdadeiras. (5)
Proſigamos... mas acho-me enganado
N'um caminho, a qu' eſtava acoſtumado.

XVII.

Perco o tino: ond' eſtou? q̃ campo he eſte? (6)
Taõ deſerto, e no meio da Cidade!
Dize, amigo, pois tu bem conheceſte
A Lisboa, antes deſta novidade.

Mas

(5) Mais de 15 dias depois do incendio ainda durava o brazido.

(6) Rara foi a peſſoa, que naõ perdeſſe o tino nas meſmas ruas, por onde muitas vezes tinhaõ andado antes da ruina.

Mas já ſei ond' eſtou: inda naõ leſte
Mais funeſta mudança na verdade,
Naõ he campo: ſaõ ruas muito eſtreitas
Mas de todo arrazadas e desfeitas.

XVIII.

Neſtas ruas o povo miſturado
Huns c' os outros os vias concorrendo
Cada qual a tratar do ſeu cuidado:
Tudo cheio, huns cõprando, outros vẽdẽdo:
Mas agora que vês? tudo callado,
Solitario eſtá tudo: eſtamos vendo
Paſſarinhos cuidando em fazer ninhõs
Nos mais francos e publicos caminhos. (7)

XIX.

Neſſes Templos formoſos e ſagrados
Os altares nós vemos, em que ardiaõ
Os devotos incenſos tributados
O's ſagrados Heroes, qu' alli ſe viaõ.
Os altares, qu' eſtaõ ſantificados,
Ond' as victimas ſantas s' offereciaõ,
Os altares de Deos, que naõ peccáraõ
Tambem noſſo caſtigo experimentáraõ.

XX.

(7) Na rua do Chiado a mais publica e frequentada da Côrte ſe viaõ os Pardaes brincando entre ſi, como no campo ſolitario.

XX.

As imagens dos Santos, que vivendo
Mil favores de Deos ſempre gozáraõ,
E prodigios por ellas Deos fazendo
Bem moſtrava, que muito lh' agradáraõ
Derrubadas por terra as eſtou vendo,
Em tiſsões denegridos ſe tornáraõ.
Quem fez iſto? foi Deos, foi Deos irado:
Ora a muito o impellio noſſo peccado.

XXI.

Queira Deos, qu' as imagens de Maria
Similhante ruina naõ paſſaſſem,
Ai de nós miſeraveis! que ſeria
Se do incendio geral naõ eſcapaſſem?
Ai meu Deos! da Senhora alli ſe via
Hũa imagem: naõ creio, qu' a livraſſem.
Certamente entre as outras, que cahíraõ
Eſſas chammas geraes a conſumíraõ. (8)

XXII.

(8) Aſſim aconteceo na Igreja do Eſpirito Santo, e em outras muitas, que inteiramente arderaõ.

XXII.

Mas paremos hum pouco, companheiro
Caminhar eu naõ poſſo; eſtou ſuſpenſo
Taõ irado eſtá Deos que juſticeiro
Naõ ſe aplaca inda vendo o amor immenſo
D'huma Mãi de que he filho verdadeiro;
Sua Imagem ſim vê, mas o intenſo
Horror que Elle já tinha da maldade
O faz ter huma tal ſeveridade.

XXIII.

Eſte Deos algum dia em levantando
O ſeu braço por dar o merecido
Caſtigo, quando vìa hum ſervo orando
Aplacava o furor já concebido.
Mas agora vai tudo deſprezando
Com rigor: naõ ha ſervo, nem valido;
Tudo lança por terra, tudo arraza
Fere, mata, queima, deſtroe, abraza.

XXIV.

Mas eu oiço aqui perto eſtar ſoando
Das enchadas os golpes; pois cheguemos
A ver iſto: alli he, lá eſtaõ cavando
Com fadiga mui grande, perguntemos.

Po-

Porém naõ: naõ perguntes, reparando
Nas acções, os intentos conhecemos.
Os veſtigios de Igreja me parecem,
Poſto qu' elles apenas ſe conhecem.

XXV.

Sacerdotes eu vejo cuidadoſos
Apartando humas pedras, outros vejo
Deſcontentes e triſtes e choroſos
Como quem naõ conſegue algum deſejo.
Todos olhaõ com ſuſto receoſos
De diſgraça: repara qu' o manejo
Da caliça e da terra he com cuidado: (9)
Ah naõ ſeja o qu' a mim me tem lembrado!

XXVI.

Lá ſe daõ por perdidos, levantando
Das ruinas os vaſos precioſos,
Mas vazios das Fórmas, qu' adorando
Lá vejo outros com pranto laſtimoſos.
Tambem vós, companheiro, eſtais chorando!
Com razaõ, que ſaõ caſos horroroſos.
Jeſu Chriſto em ruinas enterrado
Entre os mortos, meu Deos Sacramentado!

XXVII.

(9) Succedeo iſto na Igreja de Noſſa Senhora do Soccorro.

XXVII.

Iſto diſſe, e as mãos ao Ceo levanta,
Penetrado, qu' eſtava d' alta dôr:
Só de Deos quer ſoccorro, e da Lei ſanta,
A que moſtra ter puro e ſanto amor.
Mas Miſſeno, que via afflicçaõ tanta
De loucura ou deſmaio houve temor,
E tomando a palavra com brandura,
Lhe foi dando doutrina bem ſegura.

XXVIII.

Naõ te deixes, amigo, penetrar
Deſſa dôr; porque temo, que te faça
Na Fé ſanta, que tens, titubiar,
Que ſerá para ti maior diſgraça.
Deos he juſto, e mui ſanto: duvidar
Ninguem póde. Ora dá, or' ameaça.
Mas qu' amor nos naõ moſtra caſtigando?
Que bondade naõ tem ameaçando?

XXIX.

As lagrimas, confeſſo, m' eſtaõ vindo
Por eu ver a Lisboa em tal eſtado;
Mas agora os mortaes iraõ ſentindo
O ſeu juſto caſtigo do peccado.

Se peccavaõ, depois ficavaõ rindo
Crendo ſer coiſa leve hum Deos irado.
Moſtrou Deos, qu' era juſto e juntamente
Qu' era honrado, zeloſo, Omnipotente.

XXX.

Viſtes já como as ondas agitadas
Pelo vento, ſoberbas accomettem
Os rochedos mais altos, e quebradas
Na raiz a ſubillos arremettem?
E nas brancas eſpumas já trocadas
Lá por cima os dominaõ e ſubmettem?
Mas olhaſte, e naõ viſte coiſa alguma;
Em nada ſe tornou tod' eſſa eſpuma.

XXXI.

Viſte como a poeira de huma eſtrada
Mui desfeita, piſada e abatida,
Mas em nuvem ſoberba transformada
Pelo vento, de todos he temida.
Tudo inveſte; hum lhe foge, outro curvada
A cabeça, co' a maõ tendo eſcondida
A cara, vai andando para o vento?
E que he della? acabou-ſe n' hum momento.

XXXII.

Aſſim meſmo o pompoſo monumento
Da ſoberba e do fauſto, que parece
Ser eterno, por ter ſeu fundamento
Em rochedo, que ſempre permanece,
Mandou Deos, e desfez-ſe n'hum momento.
Dize agora onde eſtá? naõ apparece.
A Lisboa em Lisboa procuramos
Mas ſó cinza, e poeira, e fumo achamos.

XXXIII.

Se Deos nunca os malvados caſtigaſſe,
Ou ſe cégo os ſeus crimes por bondade
Indolente, ou muı froixo disfarſaſſe;
Com ſeus filhos teria crueldade.
Que ſeria dos bons, s'elle os deixaſſe
Entr'os máos? pois ſua impiedade;
Mil tormentos haviaõ padecer,
E mil mortes ainda antes de morrer.

XXXIV.

Deos hum freio tem poſto á Liberdade,
Que he a luz da Razaõ; porém naõ baſta:
O que quer commetter qualquer maldade,
Eſta luz de ſeus olhos logo affaſta.

Sem

Sem temor da maior ſeveridade,
O furor das paixões muitos arraſta:
Mas, com os golpes, que ferem, e co' a dor
Prompto acorda do ſomno o peccador.

XXXV.

Se Deos juſto os caſtigos verdadeiros
Naõ moſtraſſe, ós qu' agora ſaõ viventes;
Entr' as garras crueis dos carniceiros
E raivoſos Leões ſendo innocentes
Os veria eſpirar como cordeiros,
E fartar no ſeu ſangue os feros dentes.
Dos caſtigos, que temem ſó futuros,
Os malvados ſe daõ por mui ſeguros.

XXXVI.

Donde vês, caro amigo, ſer bondade
Do gram Deos, a que cauſa eſte temor
Nos mortaes arrazando eſta Cidade,
Caſtigando peccados com rigor.
Iſto vendo, com gram fidelidade
Guardaraõ a Lei ſanta do Senhor.
Foi hum *bem* para todos geralmente
O caſtigo, que teve pouca gente.

XXXVII.

Mas paſſemos daqui: vamos ſubindo,
Lhe diz Tirſo, a ſentar naqueli' outeiro:
Deſſe monte a Cidade deſcubrindo,
Farás della o conceito verdadeiro.
Com a viſta geral a tudo unindo,
De Lisboa terás hum mappa inteiro:
Depois diſſo dirás, ſe tens ouvido,
Que outro caſo taõ grande tenha havido.

FIM DO PRIMEIRO CANTO.

CANTO SEGUNDO.

ESTANCIA I.

PARA a parte do Norte s' elevava
Hum dos montes, que cercaõ a Cidade.
Era o ſitio taõ alto, qu' aviſtava
Tudo em roda com grande liberdade.
Par' hum lado Miſſeno ſe voltava
Magoado de pena e ſaudade:
Par' o outro voltava, mas olhando
Cada vez mais paſmado hia ficando.

II.

Deſejava obſervar com miudeza
As ruinas, buſcando com cuidado
Os lugares, onde elle com certeza
N' outro tempo, na Côrte tinha eſtado:
Nem veſtigios achava; e a viveza
Deſſa dôr era tanta, qu' apoſtado
A ſeu pranto impedir, já naõ podia,
E c' os olhos choroſos já naõ via.

III.

Neſta fórma Miſſeno tinha eſtado
Largo tempo a olhar, e Tirſo eſtava
Obſervando a Miſſeno, que calado
C' o ſilencio ſómente s' explicava
Mas em fim pouco e pouco recobrado
Deſs' impulſo maior, qu' o perturbava,
Diſs' a Tirſo o conceito, que fazia
De taõ triſte ſucceſſo, como via.

IV.

Tenho viſto (lhe diz) as lamentaveis
Ruinas de Lisboa; e já corrido
Muita parte d' Europa, e taõ notaveis
Nunca vi, nem me lembra de ter lido.

As ruinas de Troia memoraveis
Já vencidas ficáraõ, por ter ſido
Só do fogo abrazada, e já ſe via
Arrazada Lisboa, quando ardia.

V.

Dize pois ſe a memoria perturbada
Com ſucceſſos taõ triſtes, te conſente
O formar hũa hiſtoria derivada
Da tragedia, a que tu foſte preſente.
Dize os paſſos, que deo taõ apreſſada
Diſgraça: conta tudo fielmente.
Teſtimunhas naõ quero que naõ víraõ,
Que coſtuma haver erro, no que ouvíraõ.

VI.

Tu me mandas, (diz Tirſo) que fallando
Eu renove hũa dôr, que vivamente
A minh'alma atormenta, pois narrando
O que vi, torno a vêr na minha mente.
Mas he bem, qu'eſta hiſtoria vá contando,
E qu'a poſſas contar a toda gente.
Ouve pois, mas perdoa ſe chorares,
E ſe lagrimas terno derramares.

VII.

De Novembro contava unicamente
Horas nove e tres quartos: mui ſereno
Todo o Ceo, todo o mar e geralmente
Tud' alegre ſe achava; o campo ameno.
O Sol claro, benigno, e mui patente;
Nem bulia c' o vento o tenro feno:
Quieto eſtava tudo, alegre o dia,
Toda a terra banhada d' alegria.

VIII.

O Paſtor nas campinas convidava
O ſeu gado a paſtar alegremente;
Entretanto a ſi meſmo recreava
Sua frauta tocando docemente:
Ouvia o paſſarinho, e deſcantava
Entre ſi competindo mutuamente:
Eſtas vozes os outros eſcutando
D' huns raminhos nos outros vem ſaltando.

IX.

Nas aldeas eſtava ao ſoalheiro,
Eſtendido na relva deſcançado
O rude camponez, e o companheiro
Convida par' o Sol junt' a ſeu lado.

Do trabalho deſcança o jornaleiro
Da ſemana, ſem ter outro cuidado.
Nenhum delles temia, nem cuidava
No qu' a todos de pert' ameaçava.

X.

Nas Igrejas o povo concorria
Com fervor, diligencia e humildade.
Era grande, ſolemne e ſanto o dia,
Mui devota e geral ſolemnidade.
Todos vem fervoroſos á porfia.
A lavar-ſe da culpa e da maldade.
Deos perdoa aos contritos com brandura,
Mas para outros levanta a eſpada dura.

XI.

Eis que Deos deſcarrega de repente
Sobre nós hum tal golpe, taõ pezado,
Que bem vimos ſer braço Omnipotente,
E por juſtos motivos irritado.
Toda a terra entaõ treme, e juſtamente
Na preſença de Deos, qu' eſtava irado:
Eſtremecem do monte os fundamentos,
E perturbaõ-ſe os meſmos Elementos.

XII.

Hum ſuſſurro horroroſo e nunca ouvido
Lá por baixo da terra hia ſoando: (1)
Era como hum trovaõ, que ſeu bramido
Com horror cada vez hia augmentando.
As entranhas da terra com gemido
Pareciaõ-ſe eſtar deſpedaçando.
Eſtalava o mais ſólido rochedo,
Tudo em nós era ſuſto, tudo medo.

XIII.

Como as ondas bravias fluctuava
Eſta terra, que firme parecia:
Para hum lado, e para outro s' inclinava
Do Poente ó Naſcente ſe movia. (2)

Po-

(1) Durou eſte ſuſſurro alguns minutos, o que deo occaſiaõ a differentes juizos; cuidando huns que eraõ os Coches das Peſſoas Reaes, que chegavaõ por ſer Sabbado, em que cuſtumavaõ ir viſitar a Igreja das Neceſſidades; attribuindo outros a vento mais diſtante.

(2) No Convento do Eſpirito Santo corria huma parede de Norte a Sul, e no vaõ della tinha hum Congregado a ſua caixa, o qual ſobre ella agarrado á ſua janella, e balanceando para fóra e para dentro, ahi ſupportou o terremoto, que foi tal que atirou com a caixa fó-

Porém logo inconſtante ſe mudava,
E do Norte inclinava ó meio dia (3)
Nós cahimos por terra derrubados,
Ou por força do impulſo, ou afflictados.

XIV.

O meſmo pavimento parecia
Nos faltava, e deixava ſumergidos:
Hũas vezes parece, que deſcia,
E nos demos de todo por perdidos;
Porém outras de ſi nos repellia, (4)
Huns tremulos ſómente, outros cahidos:
Qual novilho bravio, que ſacode,
Eſſe jugo, que já ſoffrer naõ póde.

XV.

---

ra, mas elle ſe ſalvou; o que he prova de ſer o balanço de Naſcente a Poente.

(3) Na torre da Igreja das Neceſſidades hum dos fogachos ficou inclinado ao Norte pela eſpiga de ferro, que dobrou: prova de ſer o balanço tambem de Norte a Sul.

(4) Muitos argumentos ha deſte tremor de baixo para cima: por quanto varias Eſtatuas faltavaõ ſobre as ſuas baſes, e com tal regularidade, que todas ficáraõ voltadas igualmente para outra parte differente daquella para onde antes olhavaõ. Iſto vi eu no Jardim, que tem em Mafra o Marquez Mordomo Mór.

Da meſma cauſa naſceo tambem, que ſubindo o chaõ de Lisboa, em quanto durou a effervecencia ſubterranea, o mar fugio, tomando o

XV.

As paredes qual boſque accomettido
Com gram força do vento, que batendo
Hũas ramas c' o as outras com bramido
Os ſeus troncos encurva, e vaõ gemendo.
Aſſim meſmo já tendo combatido
Entre ſi todas s' hiaõ desfazendo
Em pedaços; cahiaõ de repente
Telhados, traves, pedras ſobr' a gente.

XVI.

Muitos houve, que mal aconſelhados
Par' o vaõ das janellas tontos hiaõ;
Onde haviaõ d' eſtar refugiados
Deſſa eſpada de Deos, de que fugiaõ?
Mas qu' horror! Oh meu Deos! precipitados
Com as janellas cahir juntos ſe viaõ:
Sobr' os outros cahiaõ, que paſſavaõ:
Huns e outros ahi mortos ficavaõ.

XVII.

---

balanço, que eſta elevaçaõ do terreno pedia, e depois de meia hora tornou a recobrar a ſua ſituaçaõ antiga, quando o terreno de Lisboa voltou ao ſeu aſſento. E como neſſe dia foraõ tres os tremores, a todos meia hora depois ſe ſeguiraõ tres invasões do mar, ſem haver vento, nem tormenta.

XVII.

Eu naõ poſſo pintar-te vivamente
As imagens d' horror, que neſſe dia
Encontrei com meus olhos, ind' a gente
Mais feroz compaſſiva entaõ ſeria.
Alarido geral, morte frequente
Tudo pranto e clamor, tudo agonia
Tudo ſuſto e pavor, tudo gemidos,
E huns ais, que feriaõ os ouvidos.

XVIII.

Muitos houve, que já meio enterrados
Pertendiaõ livrar-ſe do perigo;
Mas em vaõ forcejavaõ, pois quebrados
Os ſeus membros s' achavaõ ſós comſigo.
Nem ſeus ſervos achavaõ, nem creados,
Nem vizinho, ou parente, nem amigo;
E na terra jazendo eſtavaõ vendo
As paredes ſobr' elles já pendendo (5)

XIX.

---

(5) Aſſim aconteceo a hum creado do Senhor Infante D. Manoel, que atirou comſigo de huma janella a baixo para fugir; mas ficando com huma perna quebrada, via por inſtantes cahir ſobre ſi a torre da Igreja das Neceſſidades. Chamava-ſe eſte creado Joſé Franciſco.

XIX.

Os mais delles fugindo ſó ſabiaõ
Diſcorrer pela rua, atropelando
Ora os mortos, mas eſſes naõ ſentiaõ;
Ora os vivos, qu' eſtavaõ já eſpirando.
Huns pediaõ ſoccorro, outros gemiaõ:
Cada qual d' eſcapar hia cuidando,
Mas fugindo talvez elles ficavaõ
Opprimidos das pedras, que tombavaõ.

XX.

Tres donzellas eu vi, que mui chorôſas
Forcejavaõ a mover hum gram penedo,
A mãi viva querendo piedoſas
D' entre os mortos tirar ſem terem medo.
Seus clamores e vozes laſtimoſas (6)
Commoçaõ ſim faziaõ n' hum rochedo,
Porém fructo nos homens naõ fizeraõ,
Que querendo valer-lhes naõ puderaõ.

XXI.

(6) Succedeo iſto no Adro de S. Juliaõ a huma mulher chamada Joanna Ferreira.

XXI.

Muitos houve, que tendo já ſahido
Do perigo; lembrados, que ficavaõ
Lá nas caſas as filhas, ou marido,
A livrallos da morte lá tornavaõ.
Mas os muros, que tinhaõ reſiſtido
O's aballos, a todos ſepultavaõ
Morrendo eſtes por ter muita clemencia
Qu'a afflicçaõ miſturou com imprudencia.

XXII.

Hũa illuſtre Senhora eſtando fóra
Do perigo, pergunta, ſe perece
Sua filha, ou ſe vive: ſem demora
Qu'eſcapou do perigo reconhece.
Prompta em terra ajoelha, a Deos adora,
A mercê recebida lh'agradece.
Eis qu'hum muro, que perto lhe ficava
S'arruina ſobr'ella, quando orava. (7)

XXIII.

(7) Succedeo iſto em Valverde á Illuſtriſſima e Excellentiſſima Senhora D. Maria da Graça, Mãi da Marquezinha de Caſcaes.

XXIII.

Huns tolhidos de ſuſto naõ fugiaõ,
Perecendo tranquillos e paſmados;
Porém outros parece, que corriaõ
Em procura da morte afadigados.
Huns buſcavaõ a morte, e naõ morriaõ:
Outros della fugindo, eraõ buſcados.
Só aquelles, qu'a Maõ de Deos buſcava,
Pereciaõ, nenhum della eſcapava.

XXIV.

Se nas caſas ficavaõ, lá morriaõ;
Se ſahiaõ á rua, perigavaõ;
Se conſelho eſperavaõ, pereciaõ;
Se fugiaõ, co'a morte s'encontravaõ;
Se devotos ós Templos s'acolhiaõ,
Sepultados ou mortos lá ficavaõ;
E ſe delles ſahiaõ apreſſados;
Pela gente morriaõ atropelados. (8)]

XXV.

(8) Foraõ innumeraveis os que morrêraõ nas portas das Igrejas atropelados do povo, que arrebatadamente forcejava a ſahir. Só no Adro da Igreja dos Martyres ſe achâraõ 13 peſſoas mortas.

XXV.

Se invocavaõ devotos neſſe dia
Com fervor os ſeus ſantos protectores,
Era em vaõ, porque tudo parecia,
Qu' era contra os afflictos peccadores.
Dia d' ira terrivel! nem Maria
Diſpenſava benigna os ſeus favores.
Par' os Ceos enviavaõ os ſeus gemidos,
Mas huns mortos ficavaõ, outros feridos.

XXVI.

Eſta eſpada de Deos naõ perdoava
Neſſe dia a ninguem dos que na mente
Deſignara: por tudo ella cortava,
Peccador obſtinado ou penitente.
Aqui morria hum juſto, alli ficava
Envolto no ſeu ſangue hum innocente,
Alli jazem as Virgens dedicadas
O' ſerviço de Deos, deſpedaçadas. (9)

XXVII.

(9) No Convento do Calvario em Alcantara morrêraõ 32 peſſoas entre Religioſas e creadas da Communidade.

XXVII.

As Igrejas, que Deos tinha mandado
Erigir, para nellas com brandura
Conceder o perdaõ, ſendo rogado
De qualquer miſeravel creatura,
Eſſas meſmas agora eſtando irado
Quiz fazer cadafalſo deſta dura
E terrivel juſtiça; e que ficaſſem
Ahi mortos os meſmos, que o buſcaſſem. (10)

XXVIII.

Qual ſe ſóbe aos altares, e s' abraça
Có' as Imagens ſagradas, qual s' eſconde
Por de tras dos Sacrarios; da diſgraça
Deſejando eſcapar, ſem ſaber onde.
Ao Miniſtro de Deos eſte embaraça,
Os ſeus pés abraçando; elle reſponde
Como tonto, fugindo reveſtido (11)
Pela rua ſem tino, nem ſentido.

XXIX.

(10) Foraõ innumeraveis os que morrêraõ nas Igrejas, por ſer o dia e hora de grande concurſo.

(11) Hum Monſenhor da Santa Igreja Patriarcal andou muitos dias com Roquete e habitos coraes pelas ruas, e era Monſenhor S. Paio. Outros fugiaõ paramentados, como eſtavaõ no Altar.

XXIX.

A ſeu Deos recorriaõ muito afflictos,
As lagrimas corriaõ cento a cento,
Já batiaõ no peito, já contritos
D' obſtinados ficavaõ n' hum momento.
Piedade pediaõ com taes gritos,
Que parece chegavaõ ó Firmamento;
Porém Deos nos parece neſſe dia,
Que nem ver, nem ouvir entaõ queria.

XXX.

He verdade, que tinha derramado
O ſeu Sangue por eſtes peccadores,
Que por elles goſtoſo tinha dado
Sua vida nas mãos de malfeitores.
Mas agora eſſe Deos muito irritado
Tira a vida inda áquelles, que favores
Recebiaõ frequentes, e derrama
Muito ſangue daquelles, a quem ama.

XXXI.

Elle meſmo preſente a tudo eſtando
Cheio d' ira c' o braço Omnipotente
As columnas das baſes arrancando
Dá c' os Templos em terra de repente.

Tudo morre; e alguns inda eſpirando
Ai, ai, ai pronunciaõ lentamente.
Hum momento depois ſe cala tudo
Já naõ s' ouve huma voz, tudo eſtá mudo.

XXXII.

Entre tanto o tremor continuava: (12)
As paredes mais fortes já cedendo
O's impulſos da terra, que ſaltava,
Cahiaõ, reſiſtir já naõ podendo.
De poeira hũa nuvem levantava
Cada caſa cahindo, e naõ ſe vendo
Outra coiſa, a poeira eſcurecia
A luz clara do Sol naquelle dia.

XXXIII.

Ah que dia terrivel! Deos irado
De piedade parece s' eſquecia.
De furor nunca viſto tinha armado
O ſeu braço, e perder-nos ſó queria.

(12) O maior tremor naõ durou mais que dois minutos: o ſegundo ás onze horas, e o terceiro ás tres da tarde foraõ menores.

Razaõ tinha, qu' aſsás tinha eſperado
Noſſa emenda: eſperar mais naõ podia.
Quiz comnoſco acabar por hũa vez:
Foi mui ſanto, e mui juſto no que fez.

XXXIV.

Naõ foi ſó (diz Miſſeno) a *Rectidaõ*
Da divina *Juſtiça*, que brilhou
Neſte caſo paſmoſo: muitas ſaõ
As Divinas Bellezas, que moſtrou.
Daqui pois tiro a triſte occaſiaõ
Para muito penſar: Deos oſtentou
Mais amor á nós outros, mais bondade
Que furor, e do que ſeveridade.

XXXV.

Os ſucceſſos, que tu me tens contado
Saõ bem triſtes: mas ſabe, que doutrinas
Mui divérſas, do que tu tens penſado
Claramente por elles tu m' enſinas.
Que piedade, oh meu Deos, tendes moſtrado,
Reduzindo Lisboa a taes ruinas!
Pois no fogo da mór ſeveridade,
Tudo em vós foraõ lances de bondade.

XXXVI.

Muitos tinheis na mente deſignado
Para a morte: eſperaſtes por hum dia
De perdaõ taõ geral, que o mais culpado
Com razaõ de ſeus crimes s' abſolvia.
Vós o vieis, Senhor, que confeſſado
Recebia o perdaõ, que pertendia;
E quando elle já eſtava bem diſpoſto
O chamaſtes a vós com muito goſto. (13)

XXXVII.

Suas almas alegres triunfantes
Deſſes Templos, que as chammas abrazavaõ,
E dos corpos, qu' ainda palpitantes
A's eſféras celeſtes s' elevavaõ.
Talvez tinhaõ mui poucos dias antes
Crimes taes, qu' ó inferno os condemnavaõ:
Ora quanta bondade eſtá luzindo
Neſſes meſmos, que Deos hia ferindo.

(13) Foi obſervaçaõ juſta, que muita parte dos que morrêraõ eraõ peſſoas, que devotamente ſe tinhaõ confeſſado naquella manhã, e depois dos Sacramentos ahi recebêraõ a morte feliz, que naõ eſperavaõ.

XXXVIII.

Os qu' ó lado dos mortos ſe livravaõ
E talvez tinhaõ ſempre mal vivido,
Vendo o riſco, de qu' elles eſcapavaõ
Pezar tinhaõ de terem taõ máos ſido.
O ſeu peito com golpes magoavaõ
C' huma dôr, como nunca tinhaõ tido.
Muitos máos hum ſó morto convertia,
E talvez que nem eſſe ſe perdia. (14)

XXXIX.

Os ſegredos quem ha de penetrar
Do Senhor, que ſempre obra como Deos.
Suas obras devemos adorar
Pois nos trata deveras como ſeus.
O ſeu fim nunca foi ſó caſtigar
Com rigor merecido os crimes meus.
O ſeu fim foi no mal o reprimir-me,
E naõ menos no bem o d' attrahir-me.

XL.

(14) Obſervou-ſe, que grande número de peſſoas, que eſcapáraõ da morte junto dos mortos, mudaraõ de vida.

XL.

Eſte eſtrago horroroſo irá ſoando
Muito longe, e a fama mui ligeira
Os caſtigos de Deos vai publicando,
Dando delle hũa idéa verdadeira.
Os mortaes iraõ vendo, qu' em peccando
Nunca eſcapaõ da eſpada juſticeira.
Ah que bens naõ fará na Chriſtandade
Só a voz deſta gram calamidade.

XLI.

Eu 'ſtou vendo na caſa do futuro
Grandes bens, qu' os mortaes iraõ tirando
Deſte mal; mas agora o grande eſcuro
Que lá reina, eſtes bens vai occultando.
Muitos vejo o caminho mais ſeguro
Para o Ceo ir nos claũſtros procurando;
Outros fazem no mundo tal mudança,
Que ſó penſaõ na Bemaventurança.

XLII.

Ah que Deos já mais deixa de ter fim
No que faz; fim que ſeja mui decente:
Quer o mal muitas vezes, iſſo ſim;
Mas he ſó para hum bem conveniente.

Pa-

Para ſi, nunca o quer, porque iſſo aſſim
Era ſer Deos dos males dependente:
Para nós he o bem, para que poſſa
Premiar com mil bens virtude noſſa.

FIM DO CANTO SEGUNDO.

CAN-

CANTO TERCEIRO.

ESTANCIA I.

NESTE ponto aviſtáraõ de repente
Junto a ſi tres Matronas mui formoſas,
Que cuidando naõ ſer viſtas da gente,
Quando os viraõ, paráraõ vergonhoſas. (1)
Era

(1) Eraõ a Marqueza de Tavora D. Leonor, ſua Filha a Condeça de Atouguia, ſua Nora a Marqueza de Tavora moça, e ſua Ne-

Era o trage bem novo e naõ decente,
Mas ſuppria o decóro; e mageſtoſas
Bem moſtravaõ no pejo, que as cubria
A cauſa do ſeu traje qual ſeria.

II.

Levantáraõ-ſe logo diligentes
Os dois bons companheiros, e buſcando
As Matronas, moſtráraõ ſer contentes
Que quizeſſem no monte ir deſcançando.
Mas naõ tendo os aſſentos competentes,
Alcatifas na relva preparando,
Deſejavaõ poder ter almofadas
De veludo, broçados, ou bordadas.

III.

Deſta fórma ſuſpenſo Tirſo eſtava
E mais qu' elle Miſſeno, qu' entrevia
Naõ ſei que de grandeza, qu' occultava
A pobreza que fóra apparecia.

A

ta D. Joanna, menina de tenra idade; as quaes ſe retiravaõ para a ſua Quinta do Campo pequeno.

A mais alta, e que ſer tambem moſtrava
De mais annos, as outras excedia
N' huma gram mageſtade e gentileza,
De qu' a todas dotára a natureza. (2)

IV.

Pela maõ conduzia huma Menina
Mal veſtida, mui linda, e mui cançada:
Suas forças prudente lh' examina:
Ella diz, que naõ póde dar paſſada.
N' huma ſombra deſcançaõ, qu' a divina
Providencia lhes tinha preparada,
E Miſſeno do alforge repartia,
O que ſó para ſi nelle trazia.

V.

Muito urbanas lh' acceitaõ o preſente
Camponez, porque a fome as apertava (3)
E refeitas, queriaõ brevemente
Proſeguir, porque o pejo as obrigava.
En-

(2) A preſſa, com que eſtas Senhoras fugiaõ dos perigos, e as circunſtancias da calamidade as obrigou a ir eſcapando da morte, como puderaõ, em ſumma pobreza, e extremo deſalinho.

(3) Eſtas Senhoras padecêraõ neſtes dias fomes e frios indiziveis, incommodos indiſpenſaveis em tal perturbaçaõ.

Entaõ Tirſo e Miſſeno juntamente,
Cada qual com mais goſto lhes moſtrava
Compaixaõ; e Miſſeno promettia
Que da Aldea hũa teia lhes traria.

VI.

As mais moças choravaõ neſte dia:
A mais velha moſtrava hũa igualdade
Admiravel, e tal que bem ſe via
Ter no peito total ſerenidade.
Nem triſteza moſtrava ou alegria
Padecendo hũa tal calamidade,
Mas moſtrou qu' era muito agradecida;
Se o naõ foſſe, nunca era bem naſcida.

VII.

Entaõ Tirſo pedio-lhe, que quizeſſe
Referir-lhe os ſucceſſos, que paſsáraõ
Neſtes dias, porque ſe conheceſſe
De que modo com vidas eſcapáraõ:
E jurou, que ſe algum delles podeſſe
Acudir-lhes; (mas niſto ambos juráraõ)
Certamente remedio encontrariaõ,
Quanto o tempo e as forças permittiaõ.

VIII.

Naõ jureis, lhe diz hũa a mais ſerena,
E dizendo moſtrava hum ar riſonho.
Voſſas obras ſaõ taes, qu' eu tenho pena
Naõ poder ... mas eu diſto me envergonho.
Porém já que o bom Deos aſſim o ordena,
Tudo quanto quereis aqui deponho.
Póde ſer, qu' a liçaõ que Deos m' enſina
Para todos ſerá grande doutrina.

IX.

Eu que n'Aſia por força de vaidade
Diſputei tratamento ás Soberanas,
Circunſtancias da minha dignidade
Pelas leis das Politicas humanas, (4)
Vim

(4) Os Vice-Reis dos Eſtados da India, ſegundo o coſtume, em que eſtaõ de poſſe, daõ aos Soberanos vizinhos o tratamento de Senhoria; e delles recebem o de Excellencia. Como eſta Senhora era cazada com o Marquez Vice-Rei, ſuccedeo, que huma Soberana daquelles Eſtados mandando-a comprimentar como Vice-Rainha, e enviando-lhe, ſegundo o coſtume hum preſente, acompanhado com carta ſua, nella lhe naõ declarava o tratamento do coſtume. Pelo que reſpondeo a Vice-Rainha ao preſente com outro; mas eſcreveo ao ſeu Miniſtro neſſe Eſtado huma

Vim a dar neſtes termos d' humildade,
A que exemplo ſerei das Luſitanas:
Mal cuberta me vi, vi-me indecente, (5)
Obrigada a paſſar por entr' a gente.

X.

Mas naõ cuides, qu' occupo o penſamento
No que tenho perdido, qu' era terra
Tudo quanto perdi: no entendimento,
Se mo Deos conſervar, tudo s' encerra.

Aos

carta, em que lhe dizia, que levaſſe o preſente á Soberana da ſua parte, e lhe diſſeſſe, que ella naõ eſcrevia, porque huma carta, que acompanhava o preſente, que recebêra, naõ lhe conſtava, que foſſe para ella. Entendeo a Soberana o remoque, e lhe eſcreveo logo, dando-lhe tratamento de Excellencia, e recebeo carta da Vice-Rainha com o de Senhoria.

(5) Eſtando na cama, quando ſentio o tremor, ſaltou fóra como eſtava; e apenas lançou maõ de hum guardapé, que a poucos paſſos lhe ficou debaixo do técto de huma antecamera, que lhe cahio aos pés; de fórma que em camiza ſahio para a rua, que hoje he a de S. Franciſco, até que hum homem lhe deo o ſeu capote para ſe cubrir: e deſta fórma foi até S. Pedro de Alcantara deſcalça.

Aos mortaes em geral dou documento,
Que a ſoberba do peito lhes deſterra.
Algum dia teraõ neſta pobreza
Gram theſouro os que tem maior nobreza.

XI.

Nunca a Deos conheci taõ claramente,
Nem taõ perto de mim ſua figura
Nunca vi: eu o adoro humildemente,
E goſtoſa lhe beijo a eſpada dura.
Deo-me hũ golpe, aſſim foi; mas levemente,
Para mim mais brilhou ſua ternura:
Eſcapei por milagre do ſeu braço:
Niſto as lagrimas chovem no regaço.

XII.

Eu, apenas me treme o apoſento,
De repente do leito me levanto
C'hum veſtido na maõ; mas n'hum momento,
Oh meu Deos, quem paſſou perigo tanto?
Logo o téćto vem ter ao pavimento
Mas no ar lá eſperou, ſómente em quanto
Eu á porta cheguei, que parecia,
Qu' inda o téćto debaixo me colhia.

XIII.

Vou entrar para dentro d' outra ſalla
A veſtir-me; mas antes que tocaſſe
Na coiceira o meu pé, tudo s' aballa,
Tudo cahe; e cuidei me ſepultaſſe.
Providencia de Deos! hei de louvalla
Para ſempre, pois quiz, que ſó ficaſſe
Lá debaixo das pedras o veſtido,
Mas eu naõ, que lho tinha merecido.

XIV.

Eu fiquei com meu filho e meu conſorte
Abraçada, eſperando a cada inſtante
Qu' acertaſſe o ſeu tiro a cruel morte,
Cuja foice paſsára naõ diſtante.
Mas naõ quiz: contentou-ſe deſta ſorte
De aſſuſtar o meu peito aſsás conſtante.
E quiz Deos prolongar a minha vida;
Qu' he mercê, qu' ha de ſer correſpondida.

XV.

Neſte ponto os ſeus olhos levantava
Para o Ceo com tal modo, e tal ternura,
Que por elles bem claro entaõ moſtrava
Querer dar a ſeu Deos ſu' alma pura.

So-

Sobr' o peito inclinada a maõ firmava
Como quem as palavras aſſegura;
E do peito hum ſuſpiro interno dando
Com lagrimas o vai acompanhando.

XVI.

E naõ ſó (continúa) a minha vida
Foi de Deos mercê nova, e nova graça;
Eis-aqui (coiſa rara e nunca ouvida)
Quem ſua vida deveo á gram diſgraça.
Entaõ chega a ſeu peito enternecida
Eſſa linda Menina, e terna a abraça:
E as duas Matronas, qu' iſto ouviaõ
Mil louvores a Deos entaõ diziaõ.

XVII.

Eſſa meſma diſgraça embravecida
(Continúa a Matrona) de repente
Sepultar intentava eſta ſó vida;
Sem querer perdoar, ſendo innocente.
O ſeu golpe repete enfurecida,
De lhe ter eſcapado impaciente;
Mas no golpe ſegundo lh' abre a porta (6)
Ah que s' elle naõ foſſe eſtava morta.

XIX.

(6) A camera, onde a Menina dormia ſe arruinou, tapando as pedras das paredes, e as traves do téćto, que cahira, o caminho aos

XVIII.

Pelas pedras das caſas encerrada,
Mas illeſa chorava, e bem gemia,
De ninguem ſua voz era eſcutada,
E ſeu pranto ninguem o percebia.
Eis-que torna o tremor, quando rachada
Apparece a parede, que s' abria:
Continúa o tremor, e creſce a fenda;
E ſahiſte: oh tal vida Deos defenda.

XIX.

Vós agora contai, como eſcapaſtes
Deſta grande diſgraça: conſolai-nos
Com narrar os ſucceſſos, que paſſaſtes;
Porque modo ſois vivos declarai-nos.
He razaõ, (diz Miſſeno) e pois contaſtes
Voſſa ſorte, Senhoras, eſcutai-nos;
Porque o ter nos trabalhos companhia,
D' ordinario a nós todos allivia.

XX.

---

para a Menina ſahir: mas o ſegundo tremor ás onze horas fez rachar huma parede, que até entaõ eſtava firme, e pela fenda della pôde ſahir.

XX.

Eu porém tudo ignoro; pois vivendo
N' huma Aldea pequena retirado
Do tumulto da Côrte, deſt' horrendo
Trabalho, que contais, fui bem livrado.
Eis alli quem preſente a tudo eſtando
Os ſucceſſos mais raros tem contado:
Elle póde narrar tudo o que ſabe;
Crer podeis, que mentir nelle naõ cabe.

XXI.

Entaõ Tirſo, com voz interrompida
Do ſeu pranto lhe diz: Pois dais licença
Contarei brevemente, como a vida
Conſervei: eu o digo ſem detença.
Maravilha bem rara e nunca oûvida,
Que difficil teria a voſſa crença,
Se de mim naõ fizeſſeis tal conceito,
Qu' affaſtaſſeis de falſo o vil defeito.

XXII.

N' hum Convento m' achava neſſe dia,
Aſsás alto, magnifico, pompoſo, (7)
Que n' altura ſoberbo aſsás vencia
Tudo em roda co' a viſta mageſtoſo.
Sobr' abobadas fortes s' erigia
No mais alto de marmore viſtoſo
Huma grande parede com portadas
De columnas mui altas e lavradas. (8)

XXIII.

Neſte ſitio contente paſſeava:
Eis que ſinto tremer: tonto corria
Par' hum ſitio opportuno, mas voltava
A buſcar o perigo, qu' eu fugia.

Naõ

(7) O que aqui Tirſo narra em ſua peſſoa, ſuccedeo em realidade ao P. Bartholomeo de Almeida no Convento do Eſpirito Santo, que na parte, que olha para o Caſtello tinha huma altura formidavel.

(8) Sobre a abobada ultima corria ao longo della huma parede com quarenta e duas umbreiras inteiriças de marmore, e ſeis columnas de pedra muito altas.

Naõ ſei como, ou porque: ſei qu' eu andava
Par' aqui, par' alli, nem eu ſabia,
Onde eſtavaõ os marmores firmados,
Nem os téctos, e traves, e telhados.

XXIV.

N' hum momento cahe tudo de repente;
E me vejo deſcer á profundeza
Dos abyſmos, cahindo juntamente
Tudo quanto eu cuidava ter firmeza.
Por hum lado e por outro totalmente
Involvido em columnas de grandeza
Indizivel, em pedras, em paredes,
Em telhados, fiquei como aqui vedes. (9)

XXV.

Eis-aqui toda a cauſa do meu pranto;
Naõ procede de dôr, mas de ternura:
S' eu daqui por diante naõ for ſanto,
He razaõ me condemnem de loucura.
Grãde Deos! Sobre os bõs com grand' eſpãto
Sei, que veio eſta voſſa eſpada dura;
Mas a mim, e mais outros inimigos
Defendeſte da morte e dos perigos.

(9) Faz horror a quéda, que deo, porque a abobada, que ſe abateo, era de huma caſa mui larga, e de volta de meio circulo inteiro.

XXVI.

Sobre muitos de vidas depravadas
As paredes e caſas vi cahindo;
Grandes pedras chovendo amiudadas
Quaſi, quaſi, que os hiaõ ſumergindo.
Humas quaſi eſtiveraõ demoradas
Lá no ar, eſperando, que fugindo
Eſcapaſſem, ficando ſó mettidos
Por debaixo das pedras os veſtidos. (10)

XXVII.

Outros tendo os ſeus pés embaraçados,
Por naõ dar hum ſó paſſo, naõ morriaõ.
Ante os pés os penedos deſpegados
Do mais alto das caſas lhes cahiaõ.
Hũas pedras nas outras para os lados
Vaõ cahindo, e tocar-lhes naõ queriaõ
Porque Deos lhes mandava s' affaſtaſſem
E que nem levemente lhes tocaſſem. (11)

XXVIII.

---

(10) Iſto ſuccedeo a muitas peſſoas, eſpecialmente em S. Paulo em caſa de Mr. Lartigue a huma criada ſua, a quem foi preciſo cortar com muito geito o coz da ſaia, para a tirar para fóra; pois eſtava illéſa, e ſó os veſtidos prezos.

(11) Muitos querendo ſahir das Igrejas com os outros, e naõ podendo embaraçados á porta,

XXVIII.

Eu dos Juſtos e Santos tinha lido
No Profeta David, que ſe cahiſſem,
O Senhor ſua maõ tinha mettido
Por debaixo, a impedir, que ſe feriſſem; (12)
Que de cima elle os tinha defendido
C'o ſeu braço amoroſo, porque viſſem
Com inveja e com paſmo os inimigos
O amor com que trata os ſeus amigos. (13)

XXIX.

Mas agora conheço, qu' amoroſo
Aſſim meſmo tratou ſeus inimigos
Defendendo-os por modo milagroſo
Da morte merecida e dos perigos.
Deſcarrega c'o braço temeroſo
Mortal golpe n' alguns de ſeus amigos;
Mas ſobr' outros piedoſo fórma eſcudo,
E proteje inda a quem o offende em tudo.

XXX.

---

eſcapavaõ de morrer como elles, opprimidos com o fronteſpicio, que cahia.

(12) Juſtus, cum ceciderit, non collidetur; quia Dominus ſupponit manum ſuam. Pſalm. 36. 24.

(13) Brachio ſancto ſuo defendet illos. Sap. 5. 17.

Porém logo na coroa collocando
As boninas, qu' eſtima na verdade:
Moſtra a todos o quanto ella goſtava
Deſſas flores, qu' o golpe degolava.

XXXV.

Aſſim meſmo tratou a Providencia
Muitos juſtos e máos, que miſturados
No jardim da Igreja com prudencia
Tem deixado viver entreſachados.
Eis que agora deixou com gram clemencia
Ir vivendo no mundo os viciados,
E colheo para ſi os qu' exhalavaõ
A fragrancia de acções, que edificavaõ.

XXXVI.

Naõ duvido porém, que Deos irado
Por mais tempo ſoffrer já naõ quizeſſe
Muitos impios a quem tinha eſperado
Largo tempo, ſem ver, qu' emenda houveſſe,
E que tendo ſua ira repreſado
Muitos annos, em fim juſto fizeſſe,
Que ſobr'elles cahiſſe, qual torrente
Deſde os Ceos deſpenhada de repente.

XXXVII.

Infelices! porém ſeja bemdito
Noſſo Deos: tudo he juſto, tudo ſanto.
Quiz ſalvar o qu' eſtava bem contrito;
Fez chorar ó perverſo eterno pranto.
Mas em nós, que reſtamos, ſempr' eſcrito
Na memoria eſtará caſtigo tanto.
Temeremos a Deos, que depois diſto
Naõ temer, he naõ crer o qu' eſtá viſto.

XXXVIII.

Deſte modo a Matrona diſcorria
Sobr' os caſos, que Tirſo lhe contava:
Cada vez mais myſterios deſcobria,
No que Tirſo talvez naõ reparava.
N' hum e n' outro de Deos muito creſcia
O conceito, que d' antes ſe formava;
Pois que viaõ brilhar a Providencia
A Juſtiça, o Amor, a Paciencia.

XXXIX.

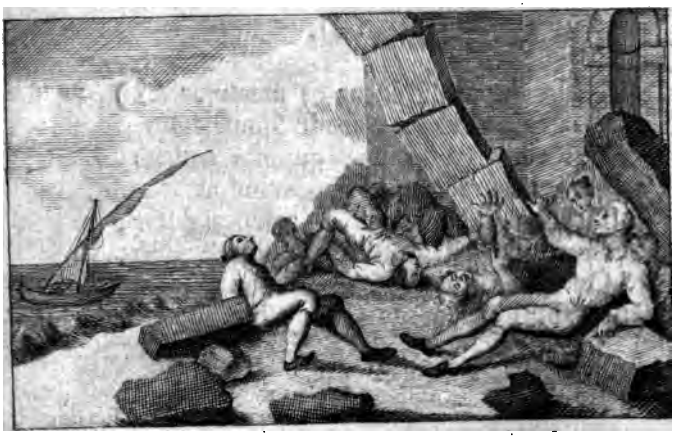
E pois tinhaõ os membros mui cançados
Seu baſtante repoiſo, levantada
Rende as graças com termos muito honrados
A Miſſeno e a Tirſo; e toma a 'ſtrada.

Todo o mundo s' eſquece da verdade;
Os incenſos lh' offerece, e lhe tributa
C' os joelhos em terra; mas agora
Deſenganos dá Deos neſta Senhora.

XLV.

Moſtrou Deos claramente, qu' a Vaidade
Os mortaes enganava, ſendo hum nada,
O que os olhos levava á mocidade,
Sendo della com cuſto mui buſcada.
Oh que bem Deos nos fez! que utilidade
Naõ tiramos d' eſtar deſenganada!
Tudo agora eſtá livre deſte engano,
Em qu' eſtava atégora o genero humano.

FIM DO TERCEIRO CANTO.



CANTO QUARTO.

ESTANCIA I.

DEPOIS qu' elles entr' ambos s'allegráraõ
Das mercês, que Deos nelles tinha obradas,
E nas maximas ſantas aſſentáraõ,
Que dos bons foraõ ſempre praticadas.
Quiz Miſſeno ſaber como paſsáraõ
Tanto ávante as diſgraças; e deixadas
Reflecções, lhe foi Tirſo deſcrevendo,
Tudo quanto lhe foi acontecendo.

II.

Neſtas horas já Deos as creaturas (1)
Contra nós tinha armado, deſejando
Tal vingança tomar, que nas futuras
Idades ſeu temor foſſe durando.
Deſatou d' huma vez as prizões duras,
Com que os mares eſtava ſubjugando;
Os mares furioſos, que bramiaõ,
Quando prezos de Deos aſſim ſe viaõ.

III.

Qual Maſtim furioſo da cadea
Vigoroſa de ferro inda detido,
Quando vê ſeu Senhor, e preſencea,
Qu' he por ſeus inimigos offendido;
Arde todo em furor, e ſe lhe atea
Nos ſeus olhos hum fogo conhecido:
Eſtá prezo, mas falta, e naõ podendo
A cadea quebrar, a vai mordendo.

IV.

(1) Armabit creaturam ad ultionem inimicorum. Sap. 5. 18.

IV.

As eſpadas tinindo, o ſangue eſcorre
Eſpuma de raivoſo impaciente,
Porque o dono ferido naõ ſoccorre;
De colera ſe céga totalmente.
Eis que o ſoltaõ dos ferros, prompto corre,
E de hum pullo arremette de repente
Derruba, fila, e matà o atrevido,
Que a ſeu dono e Senhor tinha offendido.

V.

Aſſim foraõ os mares neſte dia
Era forte a prizaõ, que lhes fizera
O Supremo Senhor, que bem ſabia
Quaõ feroz natureza ás ondas déra.
De raivoſo eſpumando accommettia
Os rochedos, qu' em roda lhe puzera,
Como freio, qu' a força reprimiſſe,
Mandando, que dalli lhe naõ ſahiſſe. (2)

VI.

(2) Uſque huc pervenies, & hic confringes tumentes fluctus tuos. Job. 38. 11.

VI.

Mas agora querendo, que o vingaſſem
Das injurias, qu' os homens lhe faziaõ,
Ordenou, qu' eſſas ondas ſe ſoltaſſem
Das prizões, qu' até li as opprimiaõ.
Deo licença, que bravas affogaſſem
Os que contra a ſua honra s' atreviaõ
Sem demora Lisboa eſtá alagada
Muita gente das ondas affogada. (3)

VII.

Lá das meſmas entranhas do profundo
Parecia ſahir o furioſo
Negro monſtro, de limo, e lodo immundo
Qu' os mortaes geralmente he temeroſo.
Aſſuſtava feroz a todo o mundo
Com bramidos e roncos horroroſo.
Todos tremem, que o Monſtro ferrolhado
Seis mil annos, o vem já deſatado.

VIII.

(3) Eſta repentina invaſaõ do mar, fez grande eſtrago nas praias, e nos lugares vizinhos, que eraõ eſpraiados. As Religioſas do Calvario, fugindo para o Convento das Flamengas defronte, paſſavaõ ás coſtas de Mariolas, aos quaes dava a agua pelos joelhos, e as que eſtavaõ ſepultadas debaixo das ruinas, ahi morrêraõ affogadas.

VIII.

Ora inveſte as muralhas atrevido,
Ora finge temellas, recuando:
Porém logo arremette deſtemido
Com mais força os impulſos reforçando.
Como toiro bravio enfurecido,
Que recua primeiro, e vai rapando
Eſſa terra, que deixa, e n' hum inſtante
Com mais força accommette mais diſtante.

IX.

Eis-aqui como as ondas envolvendo
Em ſi meſmas, a praia deſampara,
Nova area e rochedos vai moſtrando,
Quaes a olhos mortaes nunca moſtrára. (4)
Mas fugindo lá leva arrebatando
Tudo quanto co' as ondas abraçara,
Rapa a terra, c' os limos envolvendo
Eſſes pobres, que o mar eſtavaõ vendo.

(4) Sitios houve, em que o mar recuou quaſi meia legoa, onde o lugar era mui eſpraiado.

X.

Torna logo bravio e furioſo
A fazer nova preza em novo aſſalto;
Já ſem freio accomette impetuoſo
A ſubir mais feroz muito mais alto.
Qual pertende fugir, mas de medroſo
O naõ deixa correr o ſobreſalto:
Eſmorece, eis-qu' o mar o arrebata
Q. ſeu pranto deſpreza, affoga, e mata.

XI.

Altas torres inveſte embravecido,
Eſſas torres, qu' as ondas ſenhoreaõ,
Que daõ leis, que caſtigaõ, que tem ſido
As qu' entrada já vedaõ, já franqueaõ.
Sempre tinhaõ ſoberbas ſobmettido
A ſeus pés todo o mar: mas naõ receaõ
Já rebeldes as ondas aſſaltallas,
Sobmettellas de todo, e ſobjugallas. (5)

XII.

(5) Levantou-ſe o mar de modo, que parecia ſobmetter a Torre do Bugio na Foz do Tejo.

XII.

D' hum ſó golpe deſmonta a bataria, (6)
Os Murteiros, Canhões, as Colubrinas:
Tudo enfeixa n' hum monte; nem faria
Outra coiſa aos caniſſos nas campinas.
Eſpumava de bravo, e ſe temia
Que das torres deixaſſe ſó ruinas:
Mas deixou-as aſsás deſmantelladas,
Mais penhaſcos, que torres bem formadas.

XIII.

Nas planicies, que perto lhe ficavaõ,
Naõ ha voz, que declare a ligeireza,
Com qu' as aguas correndo lhes trocavaõ
A's campinas o nome e a natureza.
Os Jardins eraõ mar, e navegavaõ
Pelos boſques os barcos: a grandeza
Das Eſtatuas fazia, que penedos (7)
Pareceſſem, as arvores rochedos.

(6) Foi tal a furia, com que vinha, que deſmontou a bataria, e as peças de artilheria ficáraõ enfeixadas ao alto, encoſtadas na parede.

(7) Iſto ſe vio por todo o ſitio da Junqueira e Alcantara; e junto da Fabrica da polvora ficou hum barco encalhado mui diſtante do Téjo

XIV.

Neſtas horas alguns affugentados
Dos perigos, qu' em terra tinhaõ viſto,
Par' o mar recorriaõ, qu' enganados
Muito tempo os tivera d' antes diſto. (8)
De repente das ondas aſſaltados
C' huma nova tormenta, a Jeſu Chriſto
Invocavaõ com grande vozeria
Qual o caſo e o ſuſto entaõ pedia.

XV.

Dois ſei eu, que primeiro, qu' a mais gente
N' hum Eſcaller ſe mettêraõ mui ligeiros (9)
Quando os mais, que marchavaõ lentamente,
Receavaõ ſeguir os dois primeiros.
Eis-

(8) Meia hora depois do Tremor permaneceo o mar mui ſereno: tempo, em que o Illuſtriſſimo e Excellentiſſimo D. Franciſco de Noronha, Conego da Patriarcal ſe metteo n'hum barco para paſſar a huma Náo de guerra, e eſtando a ſubir para a Náo, o barco fazendo huma vai-vem, o eſmagou, e cahio na agua.

(9) Aſſim aconteceo no Caes da pedra aos Padres Joaõ Baptiſta, e Joaõ Chevalier, Congregados da Caſa do Eſpirito Santo, os quaes convidados pelo Principal Lazaro Leitaõ Aranha, queriaõ ir com elle pelo Téjo para a ſua caſa da Junqueira.

Eis-que s' achaõ no meio da corrente,
Sem Piloto, ſem vélas, ſem remeiros;
Porque o mar de repente arrebatára
Tudo quanto nas praias encontrára.

XVI.

Para hum lado, e para o outro foi jogando
C' o baixel, e bem delle eſcarnecia;
Hũas vezes bem longe o vai levando,
Outras vezes ás praias o trazia.
Ora o ſóbe, ora o deſce, e naufragando
Cada inſtante de todo parecia;
E depois de já delle ter zombado,
O deixou nas muralhas encalhado. (10)

XVII.

Muitos dentro da terra perigavaõ
Affogados do mar, porque jaziaõ
Lá debaixo das pedras, que tombavaõ
E livrar-ſe do pezo naõ podiaõ:

Eis-

(10) Ficou o Eſcaller encalhado em humas pedras, junto á Ribeira das Náos, e entaõ ſahíraõ para terra.

Eis-qu' as ondas entrando os affogavaõ.
Oh qu' horror eſtes pobres ſentiriaõ!
Meio mortos eſtavaõ ſepultados
Terra dentro, e morrêraõ affogados. (11)

XVIII.

Mas o ſuſto do mar inda cauſava
Maior damno, maiores vozerias.
Vem o mar, todo o povo aſſim clamava
Com tal medo, que vendo-o naõ crerias.
Inda ſobr' os oiteiros receava
Cada qual: outra coiſa naõ verias,
Senaõ povo correndo eſpavorido (12)
Sem acordo, ſem tino, ſem ſentido.

XIX.

Mui diſtantes do mar ind' o temiaõ:
Onde quer que ſe achavaõ, naõ paravaõ,
Suas ondas dizendo qu' os ſeguiaõ,
E que já poucos paſſos lhes diſtavaõ.

Quaes

(11) Aſſim ſuccedeo a muitos em Alcantara.

(12) Ainda no monte da Penha de França ſe gritava *vem o mar*, e para toda a parte ſe corria ſem acordo, procurando os lugares retirados ſem attender á ſua profundidade.

Quaes avançaõ os montes, e ſubiaõ,
Como Gamos ligeiros, quaes ficavaõ
Eſcondidos n' hum valle retirado
Com diſcurſo taõ tonto, como errado.

XX.

Entre tanto os ladrões naõ receando
Nem o braço de Deos, nem os caſtigos,
Com qu' entaõ nos eſtava ameaçando,
Pareciaõ zombar deſſes perigos.
Atrevidos roubavaõ, deſpojando,
Como fazem na guerra os inimigos;
Ora os mortos, vencendo a natureza,
Ora os vivos, qu' inda he maior crueza.

XXI.

Como lobos famintos inveſtiaõ
Nas ruinas os meſmos, qu' enterrados
Com gemidos bem ternos lhes pediaõ,
Qu' os livraſſem da morte apiedados.
Mas das bolças e joias, que traziaõ,
N' hum momento ſe achavaõ deſpojados:
E nalguns era tanta a crueldade,
Que contallo horroriza na verdade.

XXII.

Muitas Damas com joias preciosas
Nas ruinas se viaõ bem tratadas,
Gargantilhas mui ricas e custosas,
Nas orelhas brilhantes arrecadas.
Porém mãos violentas furiosas
Dellas puchaõ com força, e bem rasgadas
As orelhas deixando, vaõ fugindo (12)
Das paredes, qu' em cima vem cahindo.

XXIII.

Alguns houve, que a casa se tornáraõ
Depois della sahirem, porque viaõ
Ser preciso o dinheiro, que deixavaõ,
Hir buscar, pois futuros naõ sabiaõ:
Mas estranhos nas casas encontravaõ,
Que seus cofres sem susto lhes abriaõ,
E seu dono tratavaõ claramente
De ladraõ, d' atrevido, d' insolente. (13)

XXIV.

---

(12) Foi caso verdadeiro, que com horror se vio, quando se foraõ enterrar os mortos, que se tiráraõ das ruinas.

(13) Assim succedeo a hum estrangeiro, que morava nas casas dos bicos á Ribeira velha. Com o susto do tremor sahio precipitadamente para a rua; advertindo depois, que lhe era preciso di-

XXIV.

Neſte dia parece, que o juizo
Juntamente co' a terra ſe turbava;
Porque dando-nos Deos hum tal aviſo.
Similhante maldade s' intentava.
Cuſta a crer na verdade, qu' em ſeu ſizo
Qualquer deſſes ladrões entaõ ſe achava:
Mas he tanta nos homens a maldade,
Qu' exercita a maior credulidade.

XXV.

---

nheiro, e naõ tendo animo de o ir buſcar, pedio a hum homem, que lho foſſe buſcar, dando-lhe a chave do ſeu cofre, e promettendo, que lhe pagaria bem. Tardou o homem, e cahindo em ſi o eſtrangeiro, ſe queixou a dois ſoldados, temendo, que o homem, que mandara o eſtiveſſe roubando. Foraõ lá os ſoldados, e o que fizeraõ foi augmentar o furto; de fórma, que deſenganado o dono da caſa da loucura, que fizera, ſubio ultimamente, e lá achou os tres ladrões ás bulhas entre ſi, e todos muito bem recheados de cartuchos; de ſorte, que na força da luta alguns deixaraõ cahir, do que o dono do dinheiro ſe aproveitou.

XXV.

Entre todos os males, qu' a Juſtiça
D' hum Deos forte, offendido, e deſpreſado
Sobre nós fez cahir, o da cubiça
Dos ladrões foi de nós mal tolerado.
Porque Deos nunca affronta ou injuſtiça
Fazer póde a ninguem: o que tem dado,
Tudo póde tirar, pois qu' elle o dera:
Tire pois, leve tudo, que ſeu era. (14)

XXVI.

Mas os homens roubando o que deixára
A Juſtiça de Deos, de Deos irado,
E roubando a quem nunca os irritára,
Coiſa foi, que nos tem muito cuſtado
Tanto aſſim, que vi muitos, qu' hũa rara
Paciencia inda tinhaõ conſervado:
Caſa, filhos, mulher perdido haviaõ,
Mas dos homens os roubos naõ ſoffriaõ.

XXVII.

(14) Foi coiſa geralmente obſervada, que naõ ſe achou ninguem impaciente com o que perdêra no Terremoto ſiantes todos ſe conſolavaõ de eſcapar com vida.

XXVII.

Tens razaõ (diz Miſſeno) que o caſtigo,
Que da maõ do Senhor nos he mandado,
Todos ſabem, qu' he juſto, e niſto digo,
Que o caſtigo naõ póde ſer pezado.
Cada qual diſcorrendo diz comſigo:
Muito mais lhe merece o meu peccado.
Deos tem honra, e de mim foi offendido;
Dê caſtigo, que todo hè merecido.

XXVIII.

Mas dos homens iguaes na natureza
Cuſta muito o ſoffrer, muito mais quando
Naõ he juſto, porque noſſa fraqueza
Vai dois males pezados ſupportando.
Sobr' a injuria, o damno tambem péza:
Tudo vexa e opprime, ſeparando
Qualquer delles per ſi nos vexaria;
Hum mais outro, que força naõ faria?

FIM DO CANTO QUARTO.

CAN-

CANTO QUINTO.

ESTANCIA I.

NESTE ponto no monte retumbáraõ
Duas roucas horriſonas trombetas,
E timbales, que os ares atroavaõ,
E fizeraõ as aves inquietas
Quando logo dois homens lhes paſsáraõ
Pelo pé, que voavaõ, como ſettas,
E n'hum ponto de todo s' escondêraõ
Lá n'hum boſque, por onde ſe mettêraõ.

II.

Entre tanto os clamores s' eſpertavaõ
Das trombetas, e os éccos reſpondiaõ
Lá no monte fronteiro: elles cuidavaõ,
Qu' entre ſi muitas tropas competiaõ.
Ambos elles de fórma s' aſſuſtáraõ,
Que nas cores mudadas o diziaõ.
Num momento s' acháraõ rodeados
De cavallos, juſtiças, e ſoldados.

III.

Qual lhes lança as algemas, e á cadeia
Promptamente que ſejaõ conduzidos
Arrogante lhes manda; e d' hũa feia
E vil culpa os infama, e de atrevidos.
Qual cadeas lhes lança, pois recea,
Que lhes fujaõ das mãos; e ſeus ouvidos
De improperios lhes enche, co' as eſpadas
De bem perto a ſeus peitos apontadas.

IV.

Sendo Tirſo dos homens affrontado,
Todo o ſangue lhe ferve no ſeu peito;
Porém logo a côr cobra, qu' aſſuſtado
Perdêra, depois falla deſte geito.

Que

Que quereis, homens cégos, dest' honrado
E prudente varaõ? ou que tem feito,
Que mereça eſte trato, eſte caſtigo,
Em què cumplice poſſa ſer comigo?

V.

Naõ t' alteres, meu Tirſo, diz o velho:
E fallava com paz e mui prudente.
Os ſoldados ouvindo o ſeu conſelho,
Eſcutáraõ Miſſeno attentamente.
Naõ t' alteres, lhe diz, ſe m' aſſemelho
Aos infames ladrões neſt' inſolente
Tratamento, que vês, minha innocencia
Sabe bem compenſar eſt' indecencia.

VI.

Sempre os crimes fugi, nunca o caſtigo:
Nós devemos temer toda a maldade.
As acções ſaõ os filhos, que com ſigo
Traz o homem, no campo e na cidade
De vís monſtros he Pai, qu' abraça amigo,
Quem commette qualquer atrocidade:
Nunca he homem, ſó tem delle a figura,
Mas he bruto, pois obra tal loucura.

VII.

Eu a pena do crime mais horrendo
Nunca pude temer, inda que dura;
Se culpado me achei, fica-me ſendo
Medicina admiravel, que me cura.
Mas ſe a pena eu naõ eſtava merecendo,
Por me achar innocente, m' aſſegura
Do contagio, qu' havia alguem pegar-me,
Se naõ foſſe o caſtigo preſervar-me.

VIII.

Todo o vicio he de ſi muito horroroſo:
Mas naõ ſei, quem lh' encobre a fealdade,
Pois o tem por mui lindo e mui formoſo
Quem o ſegue, e o abraça co' a vontade.
O caſtigo he que o torna monſtruoſo,
E faz ver toda a ſua enormidade:
Rompe a maſcara falſa, que trazia;
Com qu' a todos formoſo parecia.

IX.

Com o caſtigo do crime ſe preſerva
Do contagio da culpa o innocente:
Neſſa meſma innocencia elle o conſerva
Muito mais nas leis ſantas diligente.

Sem

Sem caſtigos mui rara lei s' obſerva:
O mais ſanto ſeria delinquente:
A maldade digo eu, ſe elle naõ fôra
Triunfára de nós bem vencedora.

X.

Como hum monſtro voraz e formidavel
Vem o vicio correndo, e arraſtando
Com ſua cauda horroroſa e deteſtavel
Todos quantos mortaes vai encontrando:
O caſtigo faz mais abominavel
Inda ao longe o ſeu roſto; e que diſtando
De nós muito, fujamos de ſer preza
Miſeravel da ſua gram fereza.

XI.

Eia pois, caro Tirſo, importa agora
Teu esforço moſtrar: a natureza
Fazer deves, qu' eſteja mui ſenhora
De ſi meſma; deſterra eſſa fraqueza.
A razaõ tu bem vês, que lança fóra
Todo o medo: ella da-te fortaleza:
Como es bom, Deos te tem por innocente:
Deixa, deixa o que penſa a humana gente.

XII.

Iſto diſſe, e moſtrando alegre o roſto
As mãos trémulas ambas eſtendia
Para algemas levar, moſtrando goſto,
Qu' a Juſtiça fizeſſe o que queria.
Quando vio eſte lance o que no poſto
Excedia os demais, e conduzia
Os ſoldados debaixo do ſeu mando,
Mandou tudo parar, aſſim fallando.

XIII.

Feliz homem, qu' aſſim tens dominado,
Tuas meſmas paixões, pois da Juſtiça
O rigor naõ t' aſſuſta, e neſſe eſtado
Sentes paz e vontade taõ ſubmiſſa.
Tu, qu' eſtando innocente es affrontado
Na tua honra, e lá dentro nem remiſſa
Turbaçaõ ſe te vê, vem a meus braços,
E de amor acharás eſtreitos laços.

XIV.

Eu ladraõ te julguei; perdoa amigo
Pois dois homens, que muito tem furtado,
Pareceo ós ſoldados, que comſigo
Neſte ſitio, onde eſtás, teriaõ dado.

Porém eu com razaõ nunca com tigo
M' enganei; pois minha alma tens roubado
Mas he roubo, qu' a ti te deixa ſolto,
A mim prezo, e nos laços teus envolto.

XV.

Eſſes homens, diz Tirſo, aqui paſsáraõ
Mais que ſettas ligeiros, e paſmados
De hũa tal ligeireza nos deixáraõ,
Parecendo dois galgos ou veados.
Pelo tempo e carreira, que leváraõ
Aſsás longe eſtaraõ bem deſcançados:
Porém nós aqui eſtamos lamentando
As diſgraças, qu' eſtamos obſervando.

XVI.

Iſto apenas ouvíra o Commandante
Fez ſignal de marchar a toda a preſſa.
Sôa logo a trombeta retumbante,
Cada qual a partir logo s' apreſſa:
Os cavallos s' affligem neſſe inſtante,
Que a demora os detem: logo comeſſa
Huma marcha ligeira, e n' hum momento
A tropa toda foge como o vento.

XVII.

XVII.

Ora vês, diz Miſſeno, como agora
Nos livrou d' afflicçaõ a Providencia
Do Senhor? Tu bem vês, que ſe naõ fôra
Seu favor, naõ baſtava a innocencia.
Mas adverte, meu filho, qu' a demora
Nas reſpoſtas he filha da Prudencia
Tu es moço: ora aprende cá dos velhos
Reflectir nos aviſos e conſelhos.

XVIII.

Porém conta-me já de que maneira
S' ateou nas ruinas da Cidade
Eſſe incendio geral, ſe a verdadeira
Cauſa delle tu ſabes na verdade.
Ouvi já qu' huma chamma mui ligeira
Do Ceo vinda com toda a brevidade
S' ateára na terra: outros diziaõ,
Qu' eſſas chammas debaixo he que ſahiaõ.

XIX.

Oh naõ queiras, diz Tirſo, qu' eu refira
O mais feio ſucceſſo, qu' as idades
Já mais viraõ: naõ queiras, que te fira
A tua alma com taes enormidades.

Mas as obras de Deos e da ſua ira,
Do ſeu grande poder, pelas Cidades
He razaõ, que publiques, e que as vejaõ
Todos eſſes, qu' a Deos temer deſejaõ.

XX.

Naõ foi vindo das nuvens, nem ſobia
Dos abyſmos o fogo, qu' abrazava
A Cidade: baſtante cauſa havia
No deſcuido, que o ſuſto nos cauſava. (1)
Deſte lado, e daquelle lá ſe via
Fumegar, d' extinguillo naõ cuidava,
Nem ouſava ninguem, todos temiaõ;
Quanto mais fumegava, mais fugiaõ.

XXI.

Era fogo, que Deos tinha accendido
Para noſſo caſtigo, e dado tinha
Signal grande d' eſtar muito offendido,
E que golpe maior entaõ dar vinha.

Ca-

(1) Como ás déz horas da manhã em todas as cozinhas havia lume accezo, derrubadas as caſas, e fugindo todos, as brazas eſpalhadas pegavaõ o fogo, e ninguem acodia a apagallo, nem havia meio de o fazer.

Cada qual de ſeus crimes mui corrido
E tremendo dizia, naõ convinha
Reſiſtir ao braço Omnipotente
Contra nós muito irado, e juſtamente.

XXII.

Dentro em pouco ſe via em toda a parte
Ateada hũa chamma abrazadora.
S' ella foſſe ateada ſó por arte,
Naõ ſeria em taõ pouco taõ ſenhora.
Tudo ardia: mas ah que ſe a contar-te
Eu começo o que vi ... ah ſe naõ fôra
Teu preceito, por certo o naõ fizera;
Que callar taes horrores melhor era.

XXIII.

Nas ruinas s' achavaõ ſepultados
Muitos vivos, qu' o fogo receando;
Quando eſtavaõ das chammas affaſtados;
Com clamores s' eſtavaõ lamentando.
Era em vaõ, porque já deſamparados,
Só dos mais, que s' eſtavaõ já queimando,
Suas vozes podiaõ ſer ouvidas;
Mas tambem d' outros ais correſpondidas.

XXIV.

XXIV.

Forcejavaõ tentando, ſe podiaõ
Das ruinas livrar-ſe, inda quebrando
Os ſeus membros inteiros, e queriaõ
Suas pernas ou braços ir cortando.
Mas em vaõ, pois de todo eſmoreciaõ,
Porqu' o fogo ſe vinha avizinhando. (2)
Vaõ ſentindo hum calor intoleravel,
Huma anguſtia (oh meu Deos) inexplicavel.

XXV.

Viſtes já como os Tigres ferrolhados
Entre grades, que delles nos deffendem,
Arremettem bramindo e aſſanhados
Se de fóra com pedras os offendem,
Pullos daõ com furor deſeſperados,
Naõ podendo ſahir como pertendem,
A cabeça mettendo, bem deſejaõ
Todo o corpo metter, e bem forcejaõ.

XXVI.

(2) Iſto acontecco a todos aquelles, que perecêraõ queimados, eſtando vivos, mas enterrados nas ruinas, ſem ſoccorro algum. No Convento do Eſpirito Santo ſe acháraõ entre as cinzas os oſſos de tres Padres, que ahi morrêraõ, e no oſſo da coxa de hum ſe achou enrolado o cilicio de ferro que trazia.

XXVI.

Eis-aqui como vi dois miſeraveis
N' huma caſa das chammas occupada:
A' janella eraõ gritos formidaveis,
Tendo a porta c' o fogo embaraçada.
Groſſos ferros de todo incontraſtaveis
A janella vedavaõ: em fim de nada
Lhes valia gritar, ſobir gemendo, (3)
Forcejar a quebrallas naõ podendo

XXVII.

Inda agora parece, qu' eſtou vendo
Certo Pai, qu' encontrei naquelle dia
Taes razões laſtimoſo hia dizendo,
Qu' a chorar obrigou quem naõ queria
Das ruinas eſtava pertendendo
Sua filha livrar, mas naõ podia:
A afflicçaõ e o amor o ajudava;
Mas ſem fructo, por mais que forcejava.

XXVIII.

(3) Aſſim ſuccedeo no Convento do Carmo a dois Religioſos, ſendo hum delles o P. Fr. Luciano, que fôra Provincial. A janella voltava para o Rocio, e de lá ſe viaõ trepar pelas grades gritando, tendo a porta occupada pelas chammas.

XXVIII.

Entre tanto o calor naõ ſe podia (4)
Supportar, porque as chammas s' ateavaõ
Num mais noutro era tal ſua agonia
Qual os gritos e pranto bem moſtravaõ.
Já o fumo o ſuffoca, e já naõ via
Eſſa meſma, qu' os braços apertavaõ
Filha minha, *meu Pai* ſe reſpondiaõ
Hum mais outro nas chammas quaſi ardiaõ.

XXIX.

Já lhe cahem as traves abrazadas;
Nos veſtidos já prende a cruel chamma:
Quer largalla; mas torna as já fruſtradas
Diligencias tentár, como quem ama.
Volta o roſto das chammas ateadas,
Quer largalla; outra vez a filha clama:
Mas em fim foi preciſo aſſim largalla,
E ſeu Pai viva ás chammas entregalla.

XXX.

(4) Iſto aconteceo na rua da Condeça junto ao Carmo.

XXX.

Quando eſt' homem contava o referido
Todos quantos preſentes alli eſtavaõ
O ſeu pranto bem juſto e merecido,
Compaſſivos no pranto o acompanhavaõ.
Mas a outros teria acontecido
Pouco menos, por quanto bem julgavaõ
Que ſeus filhos, amigos, ou parentes
Morreriaõ nas chammas mais ardentes.

XXXI.

Se no mundo podeſſe ſimilhança
Ter o inferno, ſómente elle a teria
Neste fogo. Aqui fixo e ſem mudança
Enterrado nas pedras eſte ardia.
Alli outro, e lá outro, ſem eſperança
De remedio faziaõ vozeria:
Era tudo lamento dos afflictos,
Triſtes ais, tudo horrores, tudo gritos.

XXXII.

XXXII.

Muitos dias ardeo toda a Cidade (5)
E lá a vês inda em parte fumegando,
E de noite era tanta a claridade,
Que com o dia s' eſtava equivocando.
Os da aldea cuidavaõ na verdade,
Qu' eſte incendio lhes hia lá chegando:
Muitas legoas em meio deſpreſavaõ,
Que taõ perto o incendio reputavaõ.

XXXIII.

Era tanto o furor, tanta a braveza
Com qu' as chammas ſuberbas diſcorriaõ
Livremente com toda a ligeireza,
Que era o meſmo chegar logo venciaõ:

Dia-

(5) Mais de quinze dias durou o incendio, e muitos mais o brazido das madeiras do brazil, que naõ levantando chamma, ſe hiaõ conſumindo.

Diamantes e pedras de dureza
Indizivel a cinzas reduziaõ, (6)
A meſma Porſolana derretida (7)
Eu a vi, tendo a fórma já perdida.

XXXIV.

Mas que nova e eſtranha melodia
Vem ſoando de perto a meus ouvidos!
Eu por certo, que nunca neſte dia
Eſperei d' ouvir voz, ſenaõ gemidos.

Vo-

(6) Os rubins e diamantes reſiſtiaõ ao fogo, tudo o mais cedia ás chammas. A prata por modo nenhum reſiſtia: o ouro reſiſtio em partes, em outras naõ; porque os cartuchos de moedas ficavaõ reduzidos a hum bolo de ouro, conhecendo-ſe o numero das peças pelos vincos, que de lado ſe conſervavaõ; e do outro lado tinhaõ fundido, e todas eſtavaõ desfalcadas por eſſa parte.

(7) Rumas de pratos da India ficavaõ reduzidas a huma peça de Porſolana, contando-ſe os pratos pelos vincos, que de lado ſe conheciaõ.

Vozes ſaõ, diz Miſſeno, d'alegria:
Deixa ouvir, appliquemos os ſentidos:
Vozes ruſticas ſaõ, mas ajuſtadas (8)
E de gentes com goſto alvoroçadas.

FIM DO QUINTO CANTO.

CAN-

(8) Era huma Prociſſaõ bem ruſtica, em que ſe levava o SANTISSIMO, deſenterrado da Igreja do Soccorro para huma Capellinha, que reſtára intacta na Cerca do Collegio de Santo Antaõ. Dois Sacerdotes cheios de caliça, e terra levavaõ os Vaſos com o SANTISSIMO; miſturado com caliça, e precediaõ peſſoas devotas com ceſtos, enchadas, cubertores de papa, para nelles levarem os mortos, e cantando todos o terço do Bemdito, com ſumma alegria por eſtarem certos, que naõ ficava nas ruinas Forma conſagrada.

CANTO SEXTO.

ESTANCIA I.

DESTE modo ſuſpenſo Tirſo eſtava
E Miſſeno, mas logo conhecêraõ
O motivo do canto, que ſoava,
E c' o canto tambem s' enternecêraõ;
Para hum monte, qu' ao lado lhes ficava,
Hum devoto concurſo percebêraõ,
Que ſubia: era Deos Sacramentado
Das ruinas tambem deſenterrado.

II.

D' huma eſtranha alegria arrebatados
De repente deſcêraõ deſſe oiteiro,
Onde eſtavaõ obſervando deſcançados
O graõ mappa, qu' a ſi tinhaõ fronteiro
Mas agora ambos elles concordados
A hum tempo ſem ſer nenhum primeiro,
Se mettêraõ c' o povo acompanhando
Com lagrimas os mais, qu' hiaõ cantando.

III.

Cheio eſtava de gozo, e d' alegria
Todo aquelle devoto ajuntamento,
E da dor, que tiveraõ neſſe dia,
Reſpiravaõ com graõ contentamento.
Eſſe Deos ſe buſcava, e não ſe via
Nas ruinas com grande ſentimento;
Mas achado foi tanto o alvoroço, (1)
Que eu quizera dizello, mas naõ poſſo.

IV.

(1) Merece particular memoria eſte ſucceſſo. A Igreja do Soccorro de todo ſe abateo; e querendo alguns Sacerdotes deſenterrar o Sagrado Vaſo, que no Sacrario ficára totalmente opprimido com as ruinas, eſmoreciaõ, vendo-ſe n' hum montaõ immenſo de caliça e ruinas. Enſtraõ a formar como hum poço no lugar em que

IV.

Naõ pudera cauſar maior ternura
A gram pompa c' os ricos apparatos,
Com qu' a Eſpoſa de Chriſto ſempre pura
Triunfante o conduz cheia de ornatos.

Nem

ſe ſuſpeitava, que eſtaria o Sacrario, e o achãraõ arrombado, e mettendo as mãos por alguns buracos acháraõ os pés das Pixides abertas. Niſto lembrou, que algum Sacerdote ſe podia introduzir lá por debaixo das ruinas, governando-ſe pelas vozes dos que lhe fallaſſem cá de cima para encontrar o Sacrario. Era o perigo evidentiſſimo, porque eſtando as ruinas em certos lugares em vaõ, qualquer pedra, ou páo, que ſe tiraſſe lá debaixo, tudo cahia, morrendo opprimido, quem lá eſtiveſſe. Com effeito tomou hum Sacerdote eſta empreza, e encontrou o Sacrario rachado, e com gretas abertas e voltado com a cupula para baixo. Se mettia a maõ pelas gretas encontrava as Fórmas Santas, miſturadas com caliça; porém a maõ, que entrava aberta pelas gretas, naõ podia ſahir fechada. Reſolveo-ſe em fim a arrancar huma adoella, e achou duas Pixides abertas e hum Cofre, que foi enchendo de Fórmas e caliça, e como tudo eſtava junto no vaõ da cupula, ficou certo, que naõ ficava lá Fórma alguma, e até deſpegou o forro do Sacrario, que era de Tiſſo.

Nem já mais ſe verá pela futura
Idade, que s' encontrem neſtes actos
As paſmoſas inſignias, que ſe viaõ
Nos devotos, qu' a Chriſto conduziaõ.

V.

Huns nos hombros levavaõ levantadas
Picaretas, qu' a terra rude abriaõ,
E nos outros ſe viaõ ſeis enchadas,
Com qu' a terra e caliça revolviaõ
Eſtes levaõ dos cabos penduradas
Tres alcofas de paõ: no fim ſe viaõ
Dois Miniſtros de Deos cheios de terra:
Cada qual no ſeu vaſo a Deos encerra.

VI.

Quando Tirſo chorava de ternura,
Vendo a pompa de hum Deos Sacramentado
A su' alma ſentia gram doçura,
Por ſe ver neſte culto intereſſado.
Sua voz levantava e a penha dura
Da montanha vizinha hum bem formado
E'cco alegre e mui claro repetia,
E com Tirſo nas vozes competia.

VII.

O bom velho Miſſeno naõ ceſſava
De admirar iſto meſmo, qu' entaõ via
Os ſeus olhos á terra ora mandava,
Ora ao Ceo de repente elle os erguia;
Mas palavra de todo naõ fallava,
Pois as vozes o paſmo ſuſpendia
Pouco a pouco o caminho foi perdendo,
Só comſigo confuſo diſcorrendo.

VIII.

Porém Tirſo, qu' o víra alienado,
Naõ querendo perder tal companhia,
Diligente ſe poz junto ao ſeu lado,
E notou, que chorava de alegria.
Eisqu' hum Santo Varaõ muito apreſſado
Vem de longe moſtrando, que queria (2)
Alcançallos na eſtrada, que levavaõ,
Que foi facil, pois lentos caminhavaõ.

(2) Era o Monſenhor Sam Paio, que com as veſtes do Coro andou muitos dias enterrando mortos, e deſenterrando vivos.

IX.

Deſſa gram Cathedral ſahido havia,
Tendo as veſtes do Coro, de mimoſo
Nobre arminho forradas, e trazia
Por debaixo Roquete precioſo:
Capa-magna de roxo s' eſtendia
A' maneira de Manto mageſtoſo
N' huma maõ levantava hum Santo Chriſto
Com fervor, e com zelo nunca viſto.

X.

Com tal viſta paſmáraõ os caminhantes,
E cortezes o buſcaõ promptamente;
Elle os leva a fazer participantes
Do ſeu ſanto fervor o mais ardente;
Vinde os mortos (lhes diz) ſepultar antes
Qu' eſte ar puro ſe torne peſtilente:
Vinde a muitos livrar, que ſepultados,
Sendo vivos, ſe vem deſeſperados.

XI.

Neſte tempo nas maõs lhes mette enchadas,
E comſigo os conduz para a cidade.
Pouco a pouco ſe vem encorporadas
Muitas almas de grande piedade,

E c' os pobres ſe viaõ miſturadas
Peſſoas da mais alta qualidade,
E com tal devoçaõ todos ſerviaõ
Que chorar a quem via iſto faziaõ.

XII.

Hum Marquez encontrei, que fatigado
Hum defunto a ſeus hombros conduzia
N' hũa eſcada, mas ſendo acompanhado
De mais dois Cavalheiros naõ podia.
Acertou de paſſar junto a ſeu lado
Hum vil preto, pedio-lhe ſe queria
O ajudaſſe a levar aquelle morto;
Eſcuſou-ſe, ſoffreo, fiquei abſorto. (3)

XIII.

Outros vi, qu' á maneira de creados
Os mais déſtros Cirurgiões acompanhavaõ:
Qual lhes leva os eſtojos preparados, (4)
Qual os pannos em fios desfiavaõ.

(3) Succedeo iſto na rua do Carvalho ao Marquez de Tavora moço, acompanhado do Senhor D. Joaõ de Tavora, e do Conde Baraõ D. Fernando, depois Marquez de Alvito.

(4) Eraõ os Illuſtriſſimos D. Joaõ de Faro, e D. Diogo de Mello, com outros Cavalheiros ſeus parentes.

Dois mancebos illuſtres carregados
Encontrei neſſe dia, que levavaõ (5)
Muito paõ, qu' ós famintos repartiaõ
Inda ós que, por ter pejo o naõ pediaõ.

XIV.

Eſpectaculo novo! Alli cavava
Rude terra hum mancebo delicado;
Logo hum preto das mãos lh' arrebatava
O inſtrumento de todos deſejado:
Naõ ſoffria o Fidalgo, qu' alli eſtava
Ser de hum preto excedido, e affadigado,
Lança maõ do trabalho, e naõ podendo
Dez mil outros ſe vaõ offerecendo. (6)

XV.

Era nova a contenda deſte dia
Qual s' abraça c' os mortos; que no cheiro
Horroroſo affugentaõ, qual queria
Ser neſta obra difficil o primeiro.

Qual

(5) Eraõ os filhos da Senhora D. Iſabel de Brainer, depois Condeça de Ficalho, que deraõ grande exemplo de piedade.

(6) Como os mortos ſe enterravaõ em qualquer parte, onde ſe podiaõ abrir covas, e nas ruas calcadas de ſeges e carros eſtava a terra *duriſſima, por iſſo* era muito cuſtoſo abrir as covas.

Qual, tardando hum minuto, lhe pedia
Deſcançaſſe, ou quizeſſe companheiro:
Era ſanta a ambiçaõ, ſanta eſta empreza,
E qual mais deſpreſava a natureza. (7)

XVI.

Contendia o Fidalgo c' o mulato
O herege c' o bom Religioſo; (8)
Contendia o mendigo e o Donato
O mancebo c' o velho aſsás idoſo.
Anda o Monge, que vive com recato,
C' o Soldado mais livre e mais jocoſo,
Anda o Leigo, e os Miniſtros das Igrejas
Trabalhando com mutuas invejas.

XVII.

Eisque chega hum menino declarando,
Qu' inda falla debaixo das ruinas (9)
Hum pobre homem: ligeiro vai voando
O bom Tirſo, qual galgo nas campinas;
Vai

(7) Eraõ peſſoas mimoſas e delicadas, logo canſavaõ, e mutuamente ſe ajudavaõ.

(8) Succedeo no adro dos Martyres, onde ſe enterráraõ treze mortos, trabalhando tambem alguns marinheiros Hollandezes.

(9) Succedeo na Freguezia do Sacramento a hum creado da Senhora Condeça de Valadares, chamado Franciſco.

Vai Miſſeno mais tardo, acompanhando
O bom Tirſo ao qual ſuas doutrinas
O fizeraõ voltar para a cidade,
Para uſar eſta grande caridade.

XVIII.

Todo hum Templo ſoberbo s' abattêra
Sobre eſt' homem, qu' afflicto e perturbado
Neſta Igreja devoto s' acolhêra,
Eſperando achar Deos mais applacado.
N' hũas traves quebradas lhe fizera
Deos hum vaõ, ond' o tinha conſervado
Muitos dias ſem ter mais alimento, (10)
Qu' eſperar o ſeu fim cada momento.

XIX.

Quando Tirſo e Miſſeno alli chegáraõ,
Vendo o caſo difficil, qu' emprendiaõ,
Naõ he facil dizer, como ficáraõ,
Sem ſaber, como eſt' homem tirariaõ.

A

(10) Apenas eſte homem entrou na Igreja, o técto e coro ſe abatteo, e as traves do coro quebradas, encoſtadas á grade do Baptiſterio lhe deixáraõ hum vaõ, em que elle reſpirava pelo Baptiſterio; e pela janella delle ſe ouviaõ os gemidos.

A morrer ambos elles s' arriſcáraõ,
Sendo certo, que s' elles removiaõ
Hũa pedra, qu' em falſo ſó eſtiveſſe,
Já ſobr' elles o mais tudo vieſſe.

XX.

Em dois dias emfim bem conſolados
O ſeu fim conſeguíraõ diligentes.
Sahio ſaõ, mas co os membros magoados;
E nos hombros o levaõ mui contentes.
Para o ſitio, ond' eſtavaõ os entrevados,
O conduzem, deixando-o entr'os doentes; (11)
Promptos vaõ dar ós mortos ſepultura,
Qu' o ſeu zelo e fervor inda lhes dura.

XXI.

Todos elles andavaõ fervoroſos,
Trabalhando com goſto neſta empreza,
Com tal ancia e fervor e taõ zeloſos,
Que mudada ſe cria a natureza. (12)

Os

(11) Leváraõ-no para o Convento de S. Bento, onde ficou; mas depois conſtou que lá fallecêra.

(12) Como o Terremoto foi no Sabbado e primeiro dia de Novembro, he bem de crer em que eſtado ſe acharíaõ os cadaveres na Quarta, Quinta, e Sexta feira, em que ſe tratou do ſeu enterramento.

Os defuntos já podres, horrorosos
Sendo ao olfato e á vista, com presteza
Contendendo entre si todos buscavaõ,
E com mãos caridosas sepultavaõ.

XXII.

Neste dia hum banquete elles tiveraõ
Mais famoso, que quantos nas idades
Já passadas os grandes offerecêraõ
Por fomento das suas vaidades.
Dezesete por todos elles eraõ
Entre si de diversas qualidades;
Todos elles ficáraõ saciados,
Para mais trabalhar mais reforçados.

XXIII.

Quatro peras, qu' hum delles lhes reparte,
E de doce mui pouca quantidade,
D' hum só paõ hũa bem pequena parte,
Era toda a comida na verdade.
Tudo a todos chegou por estranha arte,
Eis-aqui de que fórma e qualidade
O banquete lhes poz, quem prevenido
Isto só para si tinha trazido. (13)

XXIV.

(13) Assim succedeo no dia 5 de Novembro no Adro da Igreja dos Martyres, que então ficava nas costas do Convento de S. Francisco. O

XXIV.

Muitos dias depois deſenterrárão
Hũa honeſta Donzella, qu' abraçada
C' huma imagem devota elles achárão,
Qu' inda eſtava d' alentos animada.
Hũas poucas penduras lhe ficárão
De tal fórma, qu' a mão meio-enterrada
Alguns bagos podia com tormento
Arrancar para ſeu tenue ſuſtento. (14)

XXV.

---

banquete em ſeus termos era quatro peras vergoloſas, e meia pucara de jaleia, e hum pão não inteiro.

(14) No dia 10 de Novembro na rua nova da Palma, ouvio o Monſenhor Sam Paio os gemidos de Maria Roza (que aſſim ſe chamava eſta Donzella) e cavando a achou abraçada com huma Imagem de Santo Antonio. Cahira ella de fórma, que não largou a devota Imagem, que ternamente abraçava, e reparou que eſtendendo a mão debaixo das ruinas podia chegar a humas penduras de uvas, de que ſe foi valendo naquelles dez dias com a economia, que a prudencia dictava, não ſabendo, ſe ſeria ou quando ſeria deſenterrada.

XXV.

Era a fome exceſſiva na Cidade,
E geral: quaſi todos padecêraõ
Eſte grande trabalho na verdade,
Inda aquelles, que nunca tal temêraõ.
Os Fidalgos de grande qualidade
Muitos dias ſuſtento naõ tiveraõ: (15)
Inda quem deſta fome bem ſabia,
De offrecer o que tinha pejo havia.

XXVI.

Hum Marquez encontrei mui bem montado
N' hum formoſo cavallo, o qual em vendo,
Qu' alguns pães o bom Tirſo com cuidado
Par' os pobres no ſeio hia mettendo,
A pedir-lhe chegou muito humilhado
Par' os netos, qu' eſtavaõ padecendo
Húa eſmola de paõ, que aſsás contente
Lhes mandou por hum ſervo diligente. (16)

XXVII.

---

(15) Os Marquezes de Tavora na ſua caſa do Campo pequeno, nos primeiros dias, em que tudo eſtava em deſordem, padecêraõ eſte triſte flagello da fome.

(16) Succedeo ao Marquez de Alegrete, que vinha convidar os Padres das Neceſſidades, para ſahirem a enterrar os mortos, que mandou tres pães á ſua Quinta de Entre-Campos.

XXVII.

Nos veſtidos e trages encontrava
O bom Tirſo motivo d' admirar-ſe.
Cada qual ſe cobria c' o qu' achava,
Nem cuidava já mais de concertar-ſe.
Hum bom Padre e bem ſerio caminhava
C' hum capote vermelho, e acaurelar-ſe
Dos rapazes e povo naõ queria, (17)
Pois ninguem deſte caſo entaõ ſe ria.

XXVIII.

Pelas ruas e campos caminhavaõ
O bom Tirſo e Miſſeno reparando
Nas barracas, que ao lado lhe ficavaõ,
Mil motivos d' aſſombro em tudo achando.
N' hum ſó palmo de campo s'abrigavaõ
Mil peſſoas diverſas, alli eſtando
A donzella, o mancebo, o rico, o pobre
A Senhora, os plebeos, a velha, o nobre.

XXIX.

(17) Eſte era o P. Antonio Pereira da Congregaçaõ, que por lhe ficar parte da Roupeta nas ruinas, andou muitos dias pela rua com huma grande capa de baeta encarnada, que lhe empreſtou a Irmã do Padre Ignacio Baleia.

XXIX.

Quando os muros paſsáraõ da cidade,
Eisque novo concurſo ambos ſuſpende.
Cada qual quer ſaber a novidade,
Nem Miſſeno, nem Tirſo o caſo entende.
Porém Tirſo, que tinha aſsás vontade
Do ſucceſſo ſaber, o paſſo eſtende:
Pouco a pouco ſe chega de mais perto
Por hum vaõ, qu' entri' o povo eſtava aberto.

XXX.

Eisque vê vir diante a Cruz alçada, (18)
Que na Gram Cathedral ſempre s' arvora,
Segue o povo de fórma deſuſada,
E o perdaõ do Senhor humilde implora.
A face macilenta e defecada
A voz trémula ó modo de quem chora,
Olhos baixos, mãos poſtas, roſto triſte
Bem declaraõ a dor, que dentro exiſte.

XXXI.

(18) Era a prociſſaõ geral de Penitencia, que ſahio da Ermida de S. Joaquim na Junqueira, e ſe recolheo na Igreja das Neceſſidades, em que quaſi todos hiaõ deſcalços, implorando a miſericordia de Deos.

XXXI.

O primeiro, qu'o povo conduzia (19)
Apoz ſi, era o ſeu Grande Prelado.
Na figura e no geſto compungia,
Indo enfermo e bem fraco e deſcalçado.
Apoz delle deſcalço entaõ ſe via
Tudo o mais; o Fidalgo delicado,
E a Dama mimoſa a planta pura
Naõ duvida trilhar na pedra dura.

XXXII.

Era rara a deſordem que ſe via,
Mas a meſma deſordem os admirava:
Do deſprezo, qu'entaõ lá ſe fazia
Deſte mundo bem clara idéa dava.
Cada qual hia andando e naõ ſabia,
Quem atraz ou aos lados lhe ficava
Só ſeus crimes confuſos hiaõ vendo
Os ſeus olhos da terra nunca erguendo.

XXXIII.

(19) Era o Arcebiſpo Vigario Geral D. Joſé Dantas Barboſa, que pouco antes tinha eſtado gravemente enfermo de hum eſtupor, e fazia as vezes do Patriarca enfermo o Senhor Candeal Manoel.

XXXIII.

Caminhava o Fidalgo delicado
C'o vil preto mui roto e aſsás deſpido:
Atraz delle hia a velha, e par'o lado
Hum mancebo ſe via compungido:
Logo vai da matrona acompanhado
O mendigo horroroſo no veſtido:
Vai o bom Sacerdote conduzindo
Hum velhinho tremendo e já cahindo.

XXXIV.

A donzella ſe via d'hũa banda,
Da contraria hum mulato deſprezado:
Daqui vem hum Soldado, que commanda
Muitos mil, mas naõ vai acompanhado.
Vem o Illuſtre mimoſo, que nunca anda
A pizar lodo immundo acoſtumado: (20)
Logo vem o Paſtor, qu'almas enſina
A guardar fielmente a Lei divina.

XXXV.

(20) Era occaſiaõ em que as ruas eſtavaõ atulhadas de lama, cauſa de tormento conſideravel *para* quem caminhava deſcalço, que eraõ *quaſi todos.*

XXXV.

Alli marcha entr' os juſtos miſturada
Hũa infame mulher, arrependida,
De ſeus crimes, e vai já taõ mudada,
Que ſua facẽ naõ he já conhecida.
O Ermitaõ, cuja vida retirada
Eſtrangeiro o fazia e morto em vida
Alli vai: vaõ tambem os Eſtudantes,
Os quẽ vivem d' Officios, e os tratantes.

XXXVI.

Vai hum Monge, hũa velha c' hum letrado,
Hum menino, e hum cégo c'hum eſtrangeiro:
Vaõ dois Padres, hum coxo, hum aleijado,
Hum Abbade, hum Marquez e hũ barqueiro,
Hum Miniſtro de Toga c' hum Soldado:
Naõ importa ir depois ou ir primeiro.
E a Gram Patriarcal finalizava
Eſte culto, com o qual Deos s' applacava.

XXXVII.

No magnífico Templo conſagrado (21)
Pelo grande Monarca á Virgem Pura,
Do Vigario de Chriſto o graõ Legado (22)
De joelhos ſe poz na terra dura,
Com as mãos o vem eſtar todo applicado
A lavar pobres pés da terra impura.
Toda a Côrte co' povo toma exemplo
No veſtibulo e atrios do Templo. (23)

XXXVIII.

Todos paſmãõ da grande novidade:
Cada qual quer tomar o ſeu calçado,
Mas naõ póde, qu' o lodo da Cidade
Naõ conſente, qu' o faça indo manchado:

He

(21) Era o Templo de Noſſa Senhora das Neceſſidades, que mandou edificar, e conſagrou á Senhora, ElRei D. Joaõ V.

(22) Era o Nuncio Apoſtolico Filippe Acciaoli, que de joelhos ſe poz a lavar os pés aos que vinhaõ na prociſſaõ deſcalços e enlameados.

(23) Os Padres da Congregaçaõ tinhaõ preparado nos corredores, e lugares contiguos á Igreja, bacias de agua quente, com toalhas para *aeſte* miniſterio.

He forçoſo, que ceda eſſa humildade,
Que ſe deixe ſervir; porém lavado,
Promptamente ajoelha, e vai lavando
Os demais, qu' ind' agora vaõ entrando.

XXXIX.

Ferve a obra: huns miniſtraõ promptamente
As toalhas, os outros agoa fria:
Outros trazem ligeiros agoa quente,
Outros vaõ conduzir, quem naõ ſabia (23)
Hum ſe calça, outro alli vai diligente
Santamente vingar-ſe com porfia,
Procurando lavar o pobre immundo,
Sendo delle adorado neſte mundo.

XL.

Vio Miſſeno: e confuſo do que víra
Deixa o Templo, e a Corte, e buſca a aldeia;
Cada vez dos ſucceſſos mais s' admira;
Novo fogo no peito se lh' ateia.

(23) Eſtavaõ á porta da Igreja peſſoas deſtinadas para receber os que vinhaõ deſcalços, e os conduzir onde ſe haviaõ de lavar; os quaes primeiro violentos, depois goſtoſos acceitavaõ eſſe obſequio preciſo, e naõ eſperado.

De tal ſorte em ſu' alma s' imprimíra
Deſte mundo, e de Deos hũa alta idéa,
Que dos olhos da mente naõ podia
Retiralla, e tambem o naõ queria.

XLI.

O ſeu bom companheiro entaõ convida
A viver lá comſigo retirado,
A levar com ſocego doce vida,
Co' as Leis ſantas de Deos mais ajuſtado.
Entaõ Tirſo a mudança promettida
Ao Senhor no perigo já paſſado
Quer cumprir, e trocar já naõ receia
Eſqueleto de Corte por aldeia.

XLII.

Ambos elles de Deos á competencia
Vaõ fallando, Attributos deſcobrindo
No Supremo Senhor, cuja clemencia
Nos caſtigos eſtava reluzindo.
He razaõ, que a divina Providencia,
(Diſſe Tirſo) o ſeu fim vá conſeguindo;
E' pois Deos me livrou para ſalvar-me,
Naõ he juſto, qu' o exponha a condemnar-me.

XLIII.

XLIII.

Sei, que Deos he de ſumma ſantidade,
Qu' aborrece o peccado de maneira
Que naõ póde pôr olhos na maldade:
Tal he a ſuà averſaõ, taõ verdadeira.
Sendo pois tanta a minha iniquidade,
Sobre mim vinha a ira derradeira;
Mas parou de repente, e eſtando irado,
Teve maõ neſſe golpe ameaçado.

XLIV.

E porque, meu bom Deos, porque quizeſtes
Dar-me tempo e lugar par' emendar-me?
Ah, Senhor, que mercê niſto fizeſtes!
Se eu for bom, certamente hei de ſalvar-me:
Mas s' o tempo, qu' agora vós me déſtes
Deſprezar, ſei qu' haveis de condemnar-me,
Se ſois Santo, heide ſer aborrecido;
Se ſois Juſto, heide ſer por vós punido.

XLV.

Iſto diſſe: e Miſſeno levantava
Suas mãos par' os Ceos dando louvores
A quem tal ſentimento a Tirſo dava,
E fazia a su' alma taes favores.

Tirſo entaõ cada vez mais s' inflammava,
Com mais véras, mais fogo e com maiores
E mais vivos impulſos promettia
O ſervir a ſeu Deos como devia.

XLVI.

Mas a noite já vinha ameaçando
A quem longe ſe via da pouzada.
Tirſo entaõ mais Miſſeno vaõ tomando
Seus cajados nas mãos para a jornada.
Cada paſſo ou momento hiaõ parando,
Reflectindo na hiſtoria já narrada.
Mas as ſombras da noite os eſcondêraõ,
E já mais olhos meus delles ſouberaõ.

XLVII.

E tu, louco Poeta do Optimiſmo,
Cuja voz inſolente ſe conhece,
Que ſahio do profundo deſſe abyſmo,
Pois blasfemas de Deos, cala, emudece.
Como viſte acabar em parociſmo
A formoſa Lisboa, te parece,
Que Deos faz o peior, em quanto faz.
Ora eſcuta a Razaõ, e calarás.

XLVIII.

Tu ſe vês ſó c' os olhos, como os brutos,
Sem uſar da razaõ, naõ podes ver
Como Deos ſeus divinos Attributos
Fez aqui muito claros conhecer.
Arrazando Lisboa em dois minutos (24)
Fez-ſe agora adorar, fez-ſe temer,
Fez-ſe amar; pois qu' unio ſua Clemencia
Rectidaõ e Juſtiça e Omnipotencia.

FIM DO SEXTO E ULTIMO CANTO.

NO-

(24) O maior tremor naõ durou mais, que dois minutos; o ſegundo ás onze horas, e terceiro ás *tres da* tarde foraõ menores.

NOTAS E ILLUSTRAÇÕES
AO
POEMA
LISBOA DESTRUIDA,
PELO
P. A. N. C. O.

Syſtema poetico.

O TITULO *Lisboa Deſtruida* excita a memoria do Poema *Lisboa Edificada*, que compoz Gabriel Pereira de Caſtro, onde ſe deſcreve a fundaçaõ de Lisboa por Ulyſſes. Nós naõ temos termos redondos, como os

de

de Ilias, Ulyſſéa, Æneis, &c. na lingoa Latina e Grega, para titulos deſte genero de Poeſia; e naõ ſe perde nada, ſendo baſtante, e aſsás elegante o ſimples termo local, ou peſſoal com o ſeu epithéto caracteriſtico, como *Malaca Conquiſtada*, *Jeruſalem Libertada*, *Paraizo Perdido*, *&c.* Só naõ tem gravidade conveniente os titulos com regime, que por iſſo ſe tem por proſaicos, como *Deſtruiçaõ de Lisboa*; nem os titulos dobrados por conjuncçaõ, como ſe foſſe *Deſtruiçaõ de Lisboa*, ou *Deſcripçaõ do Terremoto*, &c. Mas a invençaõ de termos myſterioſos, á Grega, ſaõ ridicula puerilidade, tal como a que vi ha annos em hum Poema com o titulo Jozefeida, cujo aſſumpto era a Reſtauraçaõ das Letras em Portugal, por ElRei D. Joſé.

Heroe, ou Actor principal.

O OMNIPOTENTE tendo concebido grande i ra contra a Cidade de Lisboa pelas ſuas iniqu dades, determina caſtigalla como nos Seculos antigos fizera a outras cidades perverſas, de que falláraõ os Profétas na antiga Lei, e de que trataõ as Hiſtorias Eccleſiaſticas deſde o Eſtabelecimento da Igreja Chriſtã. Para eſte fim armou, como diz a Eſcriptura, as ſuas creaturas; iſto he, deo or-

ordem aos elementos, para que executaſſem nos habitadores de Lisboa a ſua Juſtiça. E eis-aqui os

Actores Subalternos.

OS Elementos miniſtros da Juſtiça Divina promptamente obedecem á ordem do Altiſſimo, cada hum na ſua ordem, cada hum no ſeu momento preſcripto; cada hum na ſua competente acçaõ:

1.° A terra com inſólitos, e horriveis aballos a huns ſacode de ſi, a outros attrahe, abrindo-lhes nas ſuas entranhas ſepultura.

2.° O mar com impeto nunca viſto das ſuas ondas, rompe os ſeus antigos limites, e vem accommetter, tanto os que jaziaõ nas ruinas, como os que dellas haviaõ eſcapado.

3.° O fogo com a fortiſſima actividade das ſuas chammas vorazes os reduzem a cinzas, e conſomem as ſuas obras, riquezas, e poſſeſsões. E deſte modo dentro de breves inſtantes ſe conſumma a

Acçaõ fatal.

FICANDO Lisboa deſtruida. Deos conſeguio dois grandes fins, que intentára,

hum

hum de ſe fazer temido, e reſpeitado dos prevaricadores daquelle tempo, outro de prevenir com eſte aviſo os Atheos, Deiſtas, e Materialiſtas Portuguezes, que o Senhor pela ſua preſciencia divina ſabia, que poucos annos depois, corrumpidos das impias doutrinas das nações eſtrangeiras, ſe rebellariaõ contra a Religiaõ; para que ſe lembraſſem, que Elle ſabe ſoffrer, porque he eterno; e tambem zombar dos ſeus zombadores, porque he honrado e Santo.

Huma Epopea (definida ſegundo a idéa de Ariſtoteles) ſerá huma Tragedia compoſta de hum numero de Scenas indeterminado, reſervando-ſe o poeta o encher os intervallos da narraçaõ, que deixa aos interlocutores. Os Elementos ſaõ actores mudos; as ſuas acções fallaõ per ſi, ſem diſcurſos, e ninguem ſe lhes oppõe. Era logo neceſſario ao poeta crear

Interlocutores.

A FIM de que a acçaõ foſſe theatral, e intereſſaſſe com a variedade de caracteres, e imagens dos cuſtumes, e com o pathetico dos ſentimentos. Aliàs tomando o poeta toda a narraçaõ ſobre ſi, ſeria em parte hiſtoriador, e em parte declamador. Para evitar pois taes inconvenientes, inſtituio por interlo-

locutores hum *Tirſo* Cavalheiro, e hum *Miſſeno* Filoſofo. Os incidentes epiſodicos do encontro da *Tropa*, e o das *Matronas* deraõ novos interlocutores, concorrendo para a variedade, e continuaçaõ da narraçaõ, e produzindo ſcenas naturaes, mui agradaveis.

Sendo porém eſta Empreza tal como ſe declara, ſerá baſtante para encher todas as medidas de hum Poema heroico? Será eſta obra hum aborto da Poeſia, porque aqui ſe naõ canta a ira de Deos, como a ira do furioſo Aquilles? Mas o Homero da Odyſſéa naõ imitou o Homero da Iliada: hum e outro poema entra no círculo da vaſta natureza: eſta ſó imitou o poeta Grego, e naõ imitou nenhum poeta. O meſmo vemos no Author da Lisboa Deſtruida. Eſte ſerá hum poema novo no ſeu genero; e talvez a regularidade de outros, ſeria nelle huma irregularidade aſsás enorme.

Se ouvirmos o P. Boſſu, nem a Jeruſalem do Taſſo, nem o Paraizo de Milton, nem os Luſiados de Camões ſaõ verdadeiros poemas epicos: mas entre tanto elles ſaõ lidos, e eſtimados em todas as nações cultas.

E que diremos de hum poema, que exclue a ficçaõ taõ applaudida? Boileau lhe negará o titulo de poema epico, porque no ſeu voto. A. Poet. Ch. 3.

v. 160 La Poeſie epique. . .
Se ſoutient par la fable, et vit dela fiction . .
v. 189 Sans tous ces ornements, le vers tombe en langueur,
La Poeſie eſt morte, ou rampe ſans vigueur:
Le Poete n'eſt plus qu'un orateur timide,
Qu'un froid hiſtorien d'une fable inſipide.

Mas eſte paralogiſmo, que ſervio a Boileau de fazer bons verſos, naõ neceſſita de ſer refutado, nem aqui he lugar diſſo. Eſte poema baſtantemente o refuta; e o meſmo poema de Milton, do qual impertinentemente affirma, que naõ offerece outro objecto,

Que le Diable toujours hurlant contre les cieux
v. 206

Quanto á grandeza material, muitos apenas poderaõ reputar por poema epico hum poema reduzido a ſeis Cantos pouco extenſos, e que naõ contém mais que 1887 verſos. E naõ duvido, que aſſim penſem, como aquelles, que tendo viſto alguns jardins ornados de varios labyrinthos, naõ podem crer, que hajaõ jardins perfeitos ſem terem taes ornatos. Mas que outra coiſa he a que fez enfadonho o poema de Milton, ſenaõ a vã cubiça de extender fóra de ſeus juſtos limites o ſeu aſſumpto, com tantas, e taõ prolixas deſcripçõeſ epiſodicas? Milton (diz Mr. Gedoin, Letr. Critiques 2.ª) ſem dúvida receou, que o público eſcravo de certas

tas modas puramente arbitrarias, e cuſtumado ao número de 12 e 24 &c. naõ reputaſſe por poema informe, ou truncado hum poema epico reduzido a nove livros. Eſte defeito evitou o noſſo poeta, de quem podemos dizer, que

Semper ad eventum feſtinat, & in medias res,
Non ſecus ac notas, auditorem rapit.....
Hor. A. P. v. 148

Iſto me pareceo tocar de paſſagem a reſpeito deſta obra, porque outras obſervações particulares ficaõ reſervadas para as notas dos lugares, que ſe offerecem nos ſeis Cantos deſte poema. Poderaõ muitos imaginar, que as bellezas deſte poema, que eu comparo com os lugares de outros poetas famigerados no mundo literario, foraõ imitações do Author, frutos da ſua vaſta erudiçaõ, e muitos eſtudos; enganaõ-ſe: podemos dizer em bom ſentido deſta obra:

Non hæc humanis opibus, non arte magiſtra
Proveniunt. Æn. lib. 12. v. 427.

Tudo o que aqui ha he puramente natureza; o Author deſtinado deſde a primeira idade a outros eſtudos, e nelles empregado até á extrema velhice, já mais conheceo regras da Arte, nem leo os Poetas, que eu cito, tanto antigos como modernos; de maneira, que tendo-me elle moſtrado pela ſua amiſade eſta obra ha mais de trinta

an-

annos, e apontando-lhe eu alguns lugares de poetas, parecidos aos ſeus, elle ſe eſpantou, de ver em outros as imagens dos ſeus penſamentos, confeſſando-me com a candura, que he propria do ſeu genio, e caracter, que nunca lèra taes poetas, nem tivera mais eſtudos de Bellas Letras, que hum ligeiro conhecimento da lingoa Latina. Do que podemos colligir: 1.° o diſtincto, merecimento deſte homem verdadeiramente original, que com differentes eſcritos tem illuſtrado a naçaõ portugueza: 2.° que a natureza ſemelhante em diverſos ſogeitos muitas vezes produz operações ſemelhantes, como ſe ſe communicaſſem huns com os outros; e conſeguintemente, que muitos lugares, que os commentadores aſſignalaõ como imitações dos authores, que tem lido, naõ ſaõ ſenaõ producções originaes de cada hum, frutos da ſua propria fecundidade. Agora continuaremos o que reſta á cerca do ſyſtema poetico deſta obra nos ſeus lugares competentes.

* * *

CAN-

CANTO PRIMEIRO.

ESTANCIA I.

Cantarei de Lisboa o caſo horrendo

Propoſiçaõ do Poema, parte do ſeu exordio, que de ſi meſmo inculca, o que Milton promette do ſeu aſſumpto no livro 9.º do ſeu Paraizo Perdido: „ Aſſumpto „ triſte (diz elle) mas naõ menos ſublime. „ Que digo? Aſſumpto muito mais adequa- „ do á Poeſia heroica do que á ira do fu- „ rioſo Aquilles, &c. „

Que d'eſpanto ſerá para os vindoiros

Os que tomaõ os preceitos da Arte á letra, notaráõ talvez eſte verſo, e os dois ſeguintes, como contrarios áquella ſimplicidade, e ſingeleza taõ recommendada:

Nil tumidus demulce animos, nec grandia jam tum
Convenit, aut nimium cultum oſtentantia fari,
Omnia ſed nudis prope erit fas promere verbis.
Vida. Poet. lib. 2. v. 31. & ſeq.

Devendo advertir, que eſtas qualificações, com que o poeta caracteriza a acçaõ, naturalmente lhe convem como obra do Omnipotente, e naõ como façanha de hum heroe. E quem ſe atreverá a reprehender aquelle divino Poeta, que diſſe: *Cantemus Domino: glorioſe enim magnificatus eſt, &c.*

Deſtruida por fórma, qual vencendo
Naõ podiaõ deixalla os bravos Moiros

Eſteve a Cidade de Lisboa em poder dos Moiros 430 annos, iſto he, deſde o anno 716, em que foi tomada, até o anno 1147, em que D. Affonſo Henriques lhe deo cerco por terra, ajudando-o por mar huma poſſante armada de Alemães Cruzados, unidos com perto de 200 Náos de Inglezes, e Flamengos, que trouxeraõ de Inglaterra com deſtino de irem pelejar á Terra Santa. Munido com eſte ſoccorro D. Affonſo, depois de quatro mezes de cerco tomou a cidade por compoſiçaõ em dia de Saõ Criſpin, 25 de Outubro, e deſde então ficou Lisboa no dominio, e obediencia dos Reis de Portugal. Fleury Hiſt. Eccl. tom. 14. liv. 69. cap. 21.

Ar-

Arrazada de todo parecendo

Tres vezes foi repetido o tremor dentro de ſinco horas, e o ultimo foi taõ forte, que de tres partes de Lisboa pelo menos duas ficáraõ em ruina, como tambem muitos paizes proximos ás praias, e até no Algarve ſe experimentou grande eſtrago.

EST. II.

Eu quizera ter vozes competentes

Da compoſiçaõ da Hiſtoria diſſe Salluſtio (no proemio da Guerra Catilinaria) » Mihi quidem .... imprimis arduum vi» detur res geſtas ſcribere: primum, quod » facta dictis exæquanda ſunt: dein, quia » ... quæ ſibi quiſque facilia factu putet, » æquo animo accipit; ſupra, veluti ficta » pro falſis ducit. » Por tanto naõ he inutil eſte appendis, que o poeta opportunamente ajunta á propoſiçaõ do ſeu aſſumpto para conciliar a attençaõ dos Leitores, 1.° deſejando deſcrever ſucceſſos paſmoſos com expreſsões convenientes á grandeza da materia, e magnificencia do eſtilo poetico: *quod dicta factis exæquanda ſunt*, 2.° receando, que por ſerem paſmoſos os naõ creaõ, os

que os naõ víraõ, *ſupra, veluti ficta pro falſis ducit*:

Eu duvido ..... ſeja crido
O que paſmo de todos ficou ſendo

Segundo a ameaça, que faz o Senhor pelo ſeu profeta da futura deſtruiçaõ de Judea: *Aſpicite in gentibus, & videte; admiramini, & obſtupeſcite, quia opus factum eſt in diebus veſtris, quod nemo credet cum narrabitur*: Habac. 1. 5. Act. 13. 41.

EST. III.

Vinde vós, alto Eſpirito celeſte,
Que eſte caſo chorais amargamente

O poeta Chriſtaõ invoca inſpiraçaõ celeſte com melhores auſpicios do que os poetas pagãos, que ſó o faziaõ por invençaõ, ſem nada eſperarem, mais do que o deſvaneecimento de ſerem acreditados por eſcritores inſpirados. Nem he de admirar que os poetas foſſem taõ obſervantes deſte coſtume, pois que Demoſthenes o praticou na ſua Oraçaõ *pro Corona*, e Plinio delle tomou o principio do ſeu famoſo Panegyrico: *Bene ac ſapienter, P. C., majores inſtituerunt, ut rerum agendarum, ita dicendi mi-*

mittium a precationibus capere; quod nihil rite, nihilque providenter homines, ſine deorum immortalium ope, conſilio, honore auſpicarentur. O P. Almeida judicioſamente aqui invoca o Anjo tutelar de Lisboa, que ſegundo as Eſcripturas devia ſer participante do commum lamento, *Angeli pacis amare flebunt.* Iſai. 33. 7. Tanto na propoſiçaõ, como neſta invocaçaõ, com que termina o exordio do Poema he louvavel a brevidade ſubſtancial, bem contraria á liberdade, que tem tomado varios poetas modernos. O poeta, que ſe ſuppõe inſpirado, cheio de huma luz, e enthuſiaſmo ſuperior, de tal ſorte ſe entrega ao ſeu objecto, que nada mais o poſſa diſtrahir: tudo o que he alheio do ſeu intento, ſerviria de retardar o ſeu impeto, e esfriar o ſeu fogo, ao meſmo tempo, que importunaria no veſtibulo do poema o leitor impaciente por conhecer a ſerie, e exito da empreza, para que he convidado. Que coiſa mais contraria ao decóro? Por iſſo he conveniente depois da invocaçaõ paſſar logo á narraçaõ dos ſucceſſos, ſem ſe demorar em elogios, e dedicatorias, como fez Camões, que gaſta naõ menos que 18 eſtancias antes, que comece a narraçaõ:

Já no largo Oceano navegavaõ.

Ou como o Milton, que envolve no

exordio huma cadêa de incidentes taõ complicada, que enjoa de morte.

Dirigime de modo eſta memoria,
Que a Deos ſó ſeja dada toda a gloria.

Aquí manifeſta propôr-ſe o intereſſe da divindade, que he o meſmo da naçaõ Portugueza, e de toda a Chriſtandade, como quem tinha em conſideraçaõ deſtruir com eſte poema o erro deteſtavel de Voltaire no ſeu poema *Le Candide*; e deſte modo podia dizer com mais juſtiça do que Gabriel Pereira de Caſtro na *Lisboa edificada.*

. . . . . ſe eu podeſſe tanto
A' patria, ao mundo, á eternidade canto.

EST. IV.

Vinha o Tejo ſoberbo e caudaloſo

Imagem ſublime, e bem poetica, ſimilhante á do noſſo Macedo no ſeu Ulyſſippo. Cant. 2. eſt. 80.

A todos cortezmente recebia
Claro eſquadraõ dos rios luſitanos,
Que aſſiſtiraõ ao Tejo aquelle dia
Por amiſade já de muitos annos.

Ou como a de Camões, quando deſcreve o congreſſo dos Deozes maritimos, Cant. 6. eſt. 20.

Vinha o Padre Oceano acompanhado
Dos filhos e das filhas, que gerára.

Tejo ſoberbo, epitheto, e imagem poſta ſegundo o uſo dos Latinos, por magnifico, mageſtoſo, alto, levantado, excellente, ſegundo os objectos, a que ſe applica, como em Virgilio, Æn. 1. v. 25.

Hinc populum late regem, belloque *ſuperbum*.
. . . . . Atina potens, Tiburque *ſuperbum*.
Liv. 7. v. 630.

Eisque agora tres vezes receoſo

Tres vezes naõ he poſto aqui por ficçaõ para auxiliar a imagem, mas he neceſſario para exprimir a circunſtancia do facto, ſegundo o que o Author declara na ſua nota.

Receoſo he imagem ſublime, que anima grandemente o poetico deſta deſcripçaõ, como ſaõ as de Camões. Cant. 4. eſt. 28.

Ouvio o monte Artabro, e Guadiana
Atras tornou as ondas de medroſo:
Ouvio o Douro e a terra Tranſtagana:
Correo ao mar o Tejo duvidoſo.

EST. V.

As muralhas .... já derribado
O tremor, e nas pedras Tirſo eſtava

Opportunamente imagina o poeta a Tirſo ſentado ſobre os muros derribados á borda do Tejo, lamentando as ruinas. A analogia do lugar da Scena epica com a acçaõ, que o poeta narra, naõ deve ſer indifferente: he hum dos myſterios da Poeſia, fundado na veroſimilhança, que a natureza inſpira ao Poeta Filoſofo. Aquilles na Iliada de Homero naõ buſca a ſombra de hum ameno prado para lamentar a morte do ſeu amigo Patroclo, mas huma praia árida, e ſolitaria, onde deſaffoga o ſeu pranto.

EST. VI.

Neſte tempo paſſava hum foraſteiro

No proemio deſtas notas com o titulo de *Syſtema poetico* tocamos alguma coiſa da invençaõ dos interlocutores Tirſo, e Miſſeno, a quem o poeta dá a narraçaõ.

EST.

EST. VII.

Era hum homem d'aſpecto venerando

Deſcreve o caracter de Miſſeno, que no progreſſo do poema ſuſtenta gradualmente, ſimilhante ao que Camões deſcreve epiſodicamente no Cant. 4. eſt. 94.

Mas hum velho de aſpeito venerando....

EST. XIV.

Obeliſcos parecem levantados

Obeliſco he termo Grego, vulgar em todas as lingoas modernas: chama-ſe *Obeliſco* huma pedra alta talhada em fórma de pyramide, que deſde a baſe quadrangular ſe termina em ponta aguda, a qual ſervia de ornato nas praças públicas, e nella ordinariamente ſe gravavaõ inſcripções, e jeroglyficos: ao que allude o poeta, quando diz que os cunhaes das paredes, figurando Obeliſcos,

Sem ter letra na baſe eſtaõ dizendo
De Lisboa infeliz o caſo horrendo.

Bem ſabido he, que aos poetas he con-

cc-

cedido uſar de comparações, ou imagens de objectos nobres, poſto que ignorados do vulgo, como eſta dos Obeliſcos.

EST. XV.

. . . . . os formoſos
E ſoberbos palacios vás pizando

Outra vez põe o epitheto *ſoberbos*, ſegundo o uſo da lingoa latina, como diſſemos na nota á Eſtancia IV.

Igualmente hum ſó paſſo vai calcando
Humildes caſas, torreões pompoſos

Parece que o poeta teria lembrança daquella ſublime imagem do Lyrico Latino

Mors æquo pulſat pede
Pauperum tabernas, regumque turres

. . . . . tu bem conheceſte
A Lisboa antes deſta novidade

Aqui ſe aproveita Tirſo da informação, que tomára de Miſſeno; quando *depois de ſaudado ſe informou de quem era*, como ſe diz na Eſtancia VI.; e ſerve a comparação do antigo, e preſente eſtado para augmentar a idéa da ſua grande deſolação.

EST.

EST. XVII.

. . . . . *Inda naõ leſte*
Mais funeſta mudança na verdade

He exaggeraçaõ propria da ſituaçaõ do ſogeito. Podia Miſſeno ter lido na hiſtoria dos ſeculos paſſados outros horrendos terremotos, e ſeus funeſtos effeitos, mas a paixaõ preſente faz eſquecer tudo, o que naõ he o objecto, que occupa a imaginaçaõ; e quem póde requerer a exacta verdade deſta potencia, quando ella falla na lingoagem, que lhe he propria, e pinta as coiſas como as vê?

EST. XVIII.

Que alta idéa naõ faremos de huma ſolidaõ tal, quando

. . . . . *eſtamos vendo*
Paſſarinhos cuidando em fazer ninhos
Nos mais francos e publicos caminhos?

Muitos verſos mui elegantes naõ valeriaõ a energia deſtes dois, em que ſe deſcreve hum fenomeno taõ ordinario da natureza, mas que exprime as ruinas de Lisboa, como em Virgilio aquelle *demiſſum lapſi*

per

per funem, a immenſa altura do cavallo de Troia.

EST. XIX.

Os altares de Deos, que naõ peccáraõ
Tambem noſſo caſtigo experimentáraõ.

Faciam domui huic, in qua invocatum eſt nomen meum, & in qua vos habetis fiduciam, ſicut feci Silo. Jerem. 7. 14. Os Judeos cuidavaõ, que ainda que commetteſſem muitas maldades, como tinhaõ o Templo do Senhor, que elle ſempre lhes havia de ſervir de refugio, e eſcapariaõ do caſtigo, que mereciaõ os ſeus crimes, como lhes declara o Profeta, *Et dixiſtis: liberati ſumus, eo quod fecerimus omnes abominationes iſtas.* Mas acháraõ-ſe enganados: huma grande multidaõ de povo, que lá ſe havia refugiado, lá meſmo foraõ paſſados á eſpada, ſem nenhuma miſericordia, ſem diſtincçaõ de idade, nem de ſexo. Só em huma galaria do Templo morrêraõ ſeis mil peſſoas, huns deſpedaçados, outros abrazados das chammas. O meſmo Templo, como toda a cidade, ficou taõ plano e raſo, que quaſi ſe naõ conheceo veſtigio, de que já mais alli tiveſſe havido cidade: de fórma, que os inimigos até fizeraõ paſſar a charrua em ceremonia ſollemne por aquelle deſ-

deſcampado, para ſignal de extrema aſſolaçaõ, por cuja ceremonia ſe prohibia, ſegundo as leis Romanas, que ninguem já mais nem huma barraca podeſſe levantar em taes paizes.

EST. XXVII.

. . . . tomando a palavra com brandura
Lhe foi dando doutrina bem ſegura.

Doutrina ſolida, e juntamente bella juſtificaçaõ das obras de Deos na ſua Juſtiça, clara refutaçaõ do impio ſyſtema de Voltaire.

EST. XXVIII.

Deos he juſto, e muito ſanto....

Vigilavit Dominus in malis, & adducit ea ſuper nos: quia juſtus eſt Dominus in omnibus operibus ſuis, quæ mandavit nobis. Baruc. 2. 9. Nos Proverbios ſe diz com grande energia, que o Senhor péza na balança da ſua eterna juſtiça os premios, e caſtigos, que manda aos homens, *Pondus & ſtatera juſtitia Domini.* 16. 11., e diſſo enſina o profeta Daniel hum triſte exemplo na peſſoa do Rei Balthaſar, do qual diz, *appenſus eſt in ſtatera, & inven-*

ventus eſt minus habens. Deſte, e de outros attributos divinos falla Homero vivendo quaſi mil annos antes da vinda de Chriſto. Na Iliada 8. v. 69., e 22. v. 209. nos repreſenta o ſeu Jupiter com humas balanças de ouro nas mãos, pezando o deſtino dos homens, iſto he, as proſperidades, ou adverſidades, que lhes envia; de fórma, que mudado o nome Jupiter em Deos, e a palavra fado, ou deſtino em Providencia, teremos neſte poeta boa parte da Theologia Santa, e veſtigios das primitivas tradicções, que a divina Religiaõ nos recommenda: Argumento, que devera confundir os impios deſta era, que ſe fingem hum Deos todo inerte, e deſcuidado das coiſas humanas.

Mas que amor nos naõ moſtra caſtigando!

Ego, quos amo, arguo & caſtigo. Apoc. 3. 9. *Cum iratus fueris miſericordiæ recordaberis. Habac.* 3. 2.

Au bien de ſes enfants un pere intereſſé
Punit même a regret, quand il eſt offenſé.
Racine Epitr. ſur l'Homme.

Milton na traducçaõ de Racine introduz Adaõ réo, fallando com a ſua cumplice da bondade do ſeu Juiz, dizendo:

Quand

Quand il nous prononça cet arret ſi ſevere,
Vimes nous eclater en lui quelque colere?
Ses regards n'annoncoient que bonté dans ſon coeur;
Jusqu'au tom de ſa voix tout n'etoit que douceur:
Il ne pareciſſoit pas nous juger, maís nous plaindre.
Contr'unfroid,qui pour nous maintenãt eſt á craindre
Lui meme de ſes mains il daigna nous couvrir
Ah! ſans doute il ſe laiſſe aiſement attendrir.

EST. XXIX.

Se peccavaõ, depois ficavaõ rindo

Similhantes ao impio, de que ſe trata no Eccleſiaſtico (5. 4.) o qual triunfando com a impunidade, affoitamente dizia: *Peccavi, & quid mihi accidit triſte?*

Ficavaõ rindo: expreſſaõ rica, que declara aquella impudencia dos máos, que o Senhor argue por Iſaias. (3. 9.) *Agnitio vultus eorum reſpondit eis: & peccatum ſuum quaſi Sodoma prædicaverunt, nec abſconderunt.*

Ficavaõ rindo: logo feridos do açoite naõ ſe riraõ vendo como

Moſtrou Deos, que era juſto e juntamente Bravo, honrado, zeloſo, Omnipotente.

Eſte *rir-ſe* quando diz relaçaõ á im-

pu-

punidade, e a huma eſpecie de deſprezo, e inſulto contra o offendido, naõ he expreſſaõ particular ao noſſo idioma, mas tem exemplo na antiguidade. Tacito deſcrevendo os coſtumes dos Germanos, póvos mui ferozes, para moſtrar, que entre elles era raro, e ſeveramente punido o adulterio, tudo remata em huma ſentença, dizendo com energia: entre elles ninguem ſe ri do crime, nem ſe diz dos namoros, que he moda do tempo: *Nemo illic vitia ridet, nec corrumpere, aut corrumpi ſæculum vocatur.*

EST. XXX.

Viſtes já como as ondas agitadas

Excellente imagem, ſimilhante á de Virgilio, Liv. 7. 586.

Ille velut pelagi rupes immota reſiſtit;
Ut pelagi rupes magno veniente fragore,
Quæ ſeſe multis circum latrantibus undis
Mole tenet: ſcopuli nequicquam, & ſpumea circum
Saxa fremunt, laterique illiſa refunditur alga.

A bella comparaçaõ deſta eſtancia, e a da ſeguinte, ſervindo aqui como breve digreſſaõ, para moderar o tom grave, e auſtero da moralidade, produz ao meſmo tempo o bello effeito da variedade, que Boileau re-

recommenda na ſua Poetica. Cant. I. v. 69.

Voulez vous du public meriter les amours ?
Sans ceſſe en ecrivant variez vos diſcours.
Un ſtile trop exacte & toujours uniforme
En vain brille a nos y eux, il faut, qu'il nous endorme.
On lit peu ces auteurs nés pour nous ennuyer
Qui toujours ſur un ton ſemblent pſalmodier.

Eſta monotonia deſagradavel he o defeito do Telemaco de Fenelon, ſendo alias hum Poema de tanto merecimento.

Est. XXXII.

Mandou Deos, e desfez-ſe n'hum momento
Dize agora: onde eſtá?

Imitaçaõ de huma das mais ſublimes imagens da Poeſia Sagrada: *Dixi: Ubinam ſunt? Ceſſare faciam ex hominibus memoriam eorum. Deut.* 32. 26.

A Lisboa em Lisboa procuramos
Mas ſó cinza, poeira e fumo achamos.

Que energia! Quantas idéas reſumidas neſtes dois verſos! Naõ nos impede eſte fumo de diviſar a bella expreſſaõ do poeta Latino:

Et campos, ubi Troja fuit.

Do

Do penſamento do noſſo poeta parece gloſſa aquelle lugar da *Lisboa edificada*:

Arde a Neptunia Troja já rendida ...
Em cinza, em fumo, em ſombra convertida ...
Que a gloria humana he fumo, he ſombra, he nada.
Lisb. Edific. Cant. 2. eſt. 3.

EST. XXXIII.

Que ſeria dos bons? . . . . . .
Mil tormentos deveriaõ padeçer.

Aſſim o ſuppõe o Profeta, prevenindo o Senhor com eſtes, mais rogos, que queixàs: *Quare reſpicis ſuper iniqua agentes, & taces devorante impio juſtiorem ſe? . . In ipſis incraſſata eſt pars ejus, & cibus ejus electus. Habac.* 1. 13. 16. 17.

EST. XXXIV.

Deos hum freio tem poſto á liberdade.

No Canto 7.° da Henriada, Voltaire faz dizer a Henrique IV., que nós ſeriamos mais felices, ſe Deos

A l'homme hela! trop livre avoit daigné ravir
Le pouvoir malhereux de lui deſobeir.

Tal lingoagem convinha a Henrique IV. he-

hereje: mas quem naõ ſabe o malicioſo artificio, com que eſte Poeta coſtuma accommodar ás perſonagens, que repreſenta, os ſentimentos ímpios, que em ſi meſmo concebe?

Sem temor de maior ſeveridade
O furor das paixões ninguem contraſta

Ut enim probaret vos, venit Deus: & ut terror illius eſſet in vobis, & non peccaretis. Exod. 20. 20.

EST. XXXV.

Entre as garras crueis dos carniceiros
E raivozos Leões os innocentes
Deos veria eſpirar . . . . . .

Cum exurgerent homines in nos, forte vivos deglutiſſent nos: cum iraſceretur furor eorum in nos, forſitan aqua abſorbuiſſet nos. Benedictus Dominus, qui non dedit nos in captionem dentibus eorum. Pſ. 123. 2. 3. 5.

No poema de Milton ſe lê, que Adaõ vendo na sua futura raça reinar todas as deſordens da crueldade, voltando-ſe magoado para o Anjo, que o dirige lhe diz, ſegundo a traducçaõ de Racine:

Qu'enteus-je? Quelle horreur! E que! carnage affreux!
Miniſtres de la mort, ils s'egorgent entre eux.
L'homme maſſacre l'homme! O monſtres ſanguinaires
Quels autres pouvez-vous maſſacrer, que vos freres?

EST. XXXVI.

Donde vês, caro amigo ſer bondade...
Caſtigando peccados com rigor.

Segundo o penſamento do Author da hiſtoria dos Macabeos: *Etenim multo tempore non ſinere peccatoribus ex ſententia agere, ſed ſtatim ultiones adhibere, magnæ beneficii eſt indicium.* 2. *Machab.* 6. 12.

Deſte modo conclue a ſua propoſiçaõ: (eſt. 28.)

Mas que amor nos naõ moſtra caſtigando?

A qual provou, moſtrando: 1.º Que Deos quiz caſtigar Lisboa, para que os homens naõ zombaſſem da ſua juſtiça. Eſt. 29. 30. 31. e 32.

2.º Para que os bons foſſem preſervados da tyrannia dos malvados.

3.º Para que o temor ſerviſſe de freio ao furor das paixões.

EST.

EST. XXXVII.

Depois diſſo dirás, ſe tens ouvido
Que outro caſo taõ grande tenha havido

Pela hiſtoria conſta, que no eſpaço de quatro ſeculos até o anno de 1755 acontecêraõ em Lisboa varios terremotos, e todos qual maior.

1.° No anno 1344: e tardando 12 annos
2.° No anno 1356: paſſados 175 annos
3.° No anno 1531: no fim de 224 annos
4.° O que ſerve de aſſumpto deſte Poema.

Em todo eſte intervallo ſuccedeo o da Jamaica no anno de 1692, que por taõ eſpantoſo, que foi, he o que mais ſe póde comparar nos ſeus funeſtos effeitos a eſte de Lisboa. Veja-ſe a nota da Eſtancia 17.

Na longa carreira de huma narraçaõ epica a bella ordem ſegundo a praxe ordinaria dos inſignes poetas, he que o poeta

Jam nunc dicat, jam nunc debentia dici
Pleraque differat & præſens in tempus omittat.

Iſto he, que o poeta deixados os preambulos, e preliminares da acçaõ, ſe metta logo no meio dos ſucceſſos, como ſe o

Leitor eſtiveſſe já informado das antecedencias, e depois no progreſſo, havida occaſiaõ favoravel, entre a deſenvolver as cauſas dos meſmos ſucceſſos. Aſſim o praticou aqui o P. Almeida, quanto lho permittia a natureza do aſſumpto, que trata. No 1.° Canto, que he como Scena preliminar de todo o poema, colloca os effeitos da cataſtrofe, e vai notando o eſtado laſtimoſo, em que ſe achava Lisboa arrazada, a cada paſſo acompanhaõ os ſentimentos de admiraçaõ, de mágoa, &c. juntamente com os da Religiaõ; e neſte eſpectaculo ſe entretem Tirſo e Miſſeno. Mas Miſſeno, a quem o funeſto deſaſtre ſó trouxe á cidade, eſtá já impaciente por ſaber as cauſas de tudo. Por tanto a iſſo ſerve o Canto 2.°, e os ſeguintes. A acçaõ da terra, do mar, do fogo, ſaõ aqui para a acçaõ fatal, como os combates dos Capitães Gregos em Troia.

* * *

CAN

CANTO SEGUNDO.

ESTANCIA I.

PAra a parte do Norte s'elevava
Hum dos montes, que cercaõ a cidade

Jamque aſcendebant collem, qui plurimus urbi
Imminet, adverſasque aſpectat deſuper arces
Virg. lib. 1. v. 423.

Lá Eneas examina com admiraçaõ os edificios de Cartago: *Miratur molem Æneas.* Aqui Miſſeno obſerva as ruinas com laſtima:

Magoado de pena e ſaudade

A admiraçaõ de Eneas traz comſigo huma inveja do novo imperio.

O' fortunati, quorum jam mœnia ſurgunt!

A laſtima com que Miſſeno olha para as ruinas o põe em eſtado, que

O ſeu pranto impedir já naõ podia
E c'os olhos chorojos já naõ via.

EST. III.

Neſta forma Miſſeno tinha eſtado
Largo tempo a olhar . . . . . .

Dum, ſtupet, obtutuque hæret defixus in uno
Æn. lib. 1. v. 499.

EST. IV.

. . . . . (ruinas) *taõ notaveis*
Nunca vi, nem me lembra de ter lido

Naõ he contra a veroſimilhança tal exaggeraçaõ, ſegundo o que fica notado no Canto 1.° Eſt. 17., e paſſa com a meſma licença, que tinha Camões para dizer, (Cant. 3.° Eſt. 115.) que

. . . o poder do Mouro grande e horrendo
Foi pelos fortes Reis desbaratado
Com tanta mortandade, que a memoria
Nunca no mundo vio taõ graõ victoria.

Miſſeno, como ſe diz no Canto 1.° Eſt. 7., que

Na frequente liçaõ ſe divertia,

Talvez tiveſſe lido na hiſtoria terremotos bem horriveis, que no mundo tem acontecido. Baſta lembrar o terremoto de Conſtantinopla no anno de 446, taõ furioſo, que continuou ſeis mezes, de fórma, que cada dia cahiaõ alguns edificios, 50 torres ficáraõ deſtruidas, os muros da cidade rotos, e abertos por muitas partes. Quem poderá ler ſem eſpanto o terremoto de Antioquia no anno 525 á hora do meio dia, que a deixou quaſi toda arrazada com mortandade de innumeraveis peſſoas, acabando o fogo de aſſolar (como ſuccedeo em Lisboa) o que o terremoto tinha deixado? naõ fallaremos de outros mais repetidos em differentes ſeculos, porque Conſtantinopla, e Antioquia, foraõ nos tempos antigos a bigorna dos golpes da ira de Deos. E com effeito tal cuſtuma ſer a ultima reſpoſta, que Deos manda do Ceo aos ímpios, que ſe obſtinaõ a deſprezar as muitas, que lhes tem dado pelas doutas penas dos varões ſantos, e Paſtores da Igreja.

EST. VI.

Tu me mandas (diz Tirſo) que fallando
Eu renove huma dor . . . . . .

Tu me mandas: naõ diz, *pedes*, ou *rogas*: expreſſaõ commedida com o decóro devido á peſſoa de Miſſeno, como anciaõ venerando, e filoſofo illuſtrado, qual ſe figura no Canto 1.º Eſt. 7., e 8. Parece, que o poeta ſe lembraria do ſimilhante proemio de Eneas a Dido. Liv. 2. v. 3. 6. 7. 12.

Infandum, Regina, jubes renovare dolorem . . .
. . . . . Quis talia fando
Temperet á lacrymis! . . . . . .
Quamquã animus meminiſſe horret luctuque refugit.

Os poetas cuſtumaõ dar a narraçaõ da acçaõ eſſencial ás perſonagens, que nella ſe intereſſaõ. Virgilio põe a narraçaõ das ſuas aventuras na boca de Eneas, para ſatisfazer a curioſidade, e empenho da Rainha Dido: *Infandum, Regina, jubes.* Ulyſſes em Homero conta as ſuas façanhas a Alcinóo. O Arcanjo Rafael he quem faz a narraçaõ a Adaõ no *Paraizo Perdido.* „ Tu me pergun-„ tas (diz) ó Pai dos homens coiſas altiſſi-„ mas, difficeis, e triſtes de ſe contar; &c. Dante porém no ſeu Poema do *inferno*, ven-

vendo lá o Conde Ugolino, que eſtava roendo o cerebro ao Arcebiſpo Roger, pergunta ao Conde, porque cauſa obrava tal crueldade com aquelle Arcebiſpo, e o Conde reſponde ſegundo a traducçaõ de Mr. Le Beau:

. . . . infandum cogis renovare dolorem:
Sed ſi noſtra poteſt meritam vox addere labem
Perjuro capiti, æterno quod rodere morſu
Nos juvat, en lacrymas inter vox noſtra ſonabit.

. . . . . *Pois contando,*
O que vi torno a ver na minha mente

Penſamento enthymematico, que comprehende o dito, e a ſua razaõ. Para referir caſos horroroſos he preciſo recordallos; recordallos he eſtar vendo novamente em eſpirito a laſtima, e horror, que já ſe vio; e iſſo naõ ſe póde ver ſem ſentir nova dôr, e tormento: pelo que diſſe Eneas em Virgilio:

Quamquã animus meminiſſe horret, luctuque refugit.

Eſte tormento, e dôr conſta por evidencia de facto nos que referem caſos laſtimoſos, como ſe foſſem preſentes: o que acontece nos theatros, onde os que repreſentaõ eſpectaculos deſta natureza, ainda ſem deliberaçaõ ſe ſentem fortemente commovi-

dos,

dos, e Quintiliano o affirma como teſtemunha ocular dos Comediantes do ſeu tempo: *Vidi ego ſæpe hiſtriones, cum ex aliquo graviore actu perſonam depoſuiſſent, flentes adhuc egredi. Inſtit. Orator. lib. 6.*

EST. VII.

De Novembro contava unicamente....

Principia a deſcripçaõ, diſcorrendo pelos bellos fenomenos, que a natureza naquelle dia offerecia aos mortaes. Saõ frequentes na Poeſia ſimilhantes deſcripçõẽs, e mais livres. Humas ſaõ meramente epiſodicas, outras ſó epiſodicas no artificio, e colorido poetico, mas entranhadas com o facto, como eſta em que eſtamos. E que paſmoſo contraſte do geral ſocego, e ſerenidade deſte dia com o repentino ſobreſalto, e terriveis anguſtias, que ſe deſcrevem deſde a Eſtancia II. por diante! Iſto faz na narraçaõ poetica huma impreſſaõ, como a paſſagem do claro ao eſcuro, que na Pintura he admiravel. He aqui o inverſo do que com ſimilhante artificio praticou Taſſo na ſua *Jeruſalem*, onde a imaginaçaõ do Leitor, depois de atraveſſar os medonhos, e aſperos deſertos, ſe torna mais ſenſivel á belleza do palacio de Armida.

O

O Sol claro, benigno, e mui patente

Epithetos conformes á idéa de Ovidio. (Liv. 14. Metam. v. 768.)

. . . . . nitidiſſima Solis imago. . . .

Tanta ſerenidade do Ceo, quando no centro da terra ſe preparava contra os homens a mais horroroſa tormenta. Aquelle naſce igualmente para o juſto, e para o peccador, produzido pela bondade daquelle, *qui Solem ſuum oriri facit ſuper bonos & malos*; (*Mat.* 5. 45.) quando tambem a calamidada, e a ruina procedida da ſevera juſtiça daquelle: *Cujus iræ nemo reſiſtere poteſt.* (*Job.* 9. 13.)

Eſta deſcripçaõ do dia ſereno he bem ſimilhante áquella do Taſſo. Cant. 1.° Eſt. 35.

Facea nell' Oriente il Sol ritorno
Sereno e luminoſo oltre l' uſato,
Quando co' raggi uſci del nuovo giorno
Sotto l' inſegne ogni guerriero armato. . . .

Nem bulia c'o vento o tenro feno

Aſſim deſcreve Camões a monçaõ da partida das Náos Portuguezas. Cant. 1.° Eſt. 43.

Taõ

Taõ brandamente os ventos os levavaõ,
Como quem o Ceo tinha por amigo:
Sereno o ar, e os tempo ſe moſtravaõ
Sem nuvens, ſem receio de perigo.

EST. VIII.

Ouvia o paſſarinho, e deſcantava...
Eſtas vozes os outros eſcutando
D'huns raminhos nos outros vem ſaltando.

He virtude da imaginaçaõ poetica, isto he rico, e florido, approximar em hum quadro os objectos de belleza analoga.

Macedo deſcrevendo as delicias de Lisboa na eſtaçaõ em que Ulyſſes nella deſembarcou. Cant. 3.° Eſt. 15.

As aves velozmente diſcorrendo,
O ar de varias penas eſmaltando,
Em reciprocos cantos reſpondendo,
Vaõ ſuaves córos alternando.

EST. XI.

Toda a terra tremia, e juſtamente

Virg. Æn. Lib. 3. v. 90., & ſeq.; quando Eneas aportando em huma Ilha proxima á Traſſia, foi conſultar Apollo ſobre o rumo, que devia levar:

... tre-

. . . . . tremere omnia viſa repente
Liminaque laurusque Dei totusque moveri
Mons circum, & mugire adytis cortina reclusis.

Eſtremecem do monte os fundamentos

A meſma imagem, de que uſou o Profeta David, quando deſcreve poeticamente a Omnipotencia de Deos irado. Pſ. 17. 9. & ſeq. *Commota eſt, & contremuit terra: fundamenta montium conturbata ſunt, & commota ſunt, quoniam iratus eſt eis.*

A meſma imagem lemos em Iſaias. (24. 18.) *Concutientur fundamenta terræ; confractione confringetur terra: contritione conteretur terra: commotione commovebitur terra: agitatione agitabitur terra ... & gravabit eam iniquitas ſua, & corruet.*

Est. XII.

Hum ſuſſurro horroroſo, e nunca ouvido
Lá por baixo da terra hia ſoando.

Como em Taſſo: Cant. 13. Eſt. 21.

Eſce allor dalle ſelve un ſon repente,
Che per rimbombo di terren, che treme,
El mormorar degli auſtri in lui ſe ſente,
El pianto d'onda, che fra ſcogli geme,
Come rugge il Leon, fiſchia il ſerpente
Com' urla il lupo, e come l' orſo freme.

Est.

EST. XV.

Ás paredes, qual boſque accomettido.

Comparaçaõ, que genuinamente repreſenta o terremoto, que os Fyſicos chamaõ de *Undulaçaõ*, que o Author explica na ſua Diſſertaçaõ. As circunſtancias da imagem ſaõ eſcolhidas, como convem, e naõ ſe vê a prolixidade, de que ás vezes uſa Homero nas ſuas comparações.

EST. XVII.

Eu naõ poſſo pintar-te vivamente
Ás imagens de horror, que neſſe dia...

Quis cladem illius noctis, quis funera fando
Explicet? aut poſſit lacrymis æquare labores?
Æn. lib. 2. v. 267.

Alarido geral, morte frequente
Tudo pranto e clamor, tudo agonia

. . . . . crudelis ubique
Luctus, ubique pavor & plurima mortis imago.
Liv. 2. v. 36.

EST.

EST. XXVII.

As Igrejas, que Deos tinha mandado
Erigir . . . . . .
Eſſas meſmas agora, eſtando irado,
Quiz fazer cadafalſo . . . . . .

He como fez o Senhor no Templo de Jeruſalem : os Templos, eſſes domicilios terreſtes, em que por teſtemunho de amor, e de alliança com os homens, quiz habitar entre elles, eſſes meſmos deſtroe para conſummaçaõ da ſua grande ira, como ſe moſtrou na nota do Canto 1.º Eſtancia 19. Aſſim naquelle dia nem os Templos foraõ preſervados das ruinas, nem das chammas, e vio-ſe em Lisboa o que Iſaias vaticinára, e que a ſeu tempo ſuccedeo no Templo de Jeruſalem : *Domus ſanctificationis & gloriæ noſtræ, ubi laudaverunt te patres noſtri, facta eſt in exuſtionem, & omnia deſiderabilia noſtra verſa ſunt in ruinas.* *Iſai.* 64. 12.

EST. XXVIII.

Qual ſe ſóbe aos altares, e ſe abraça

Camões uſando da meſma figura na deſcri-

cripçaõ do combate dos doze Cavalleiros de Inglaterra, diſſe; Cant. 6.° Eſt. 64.

Qual do cavallo voa, que naõ deſce,
Qual c'o cavallo em terra dando geme:
Qual vermelhas as armas faz de brancas:
Qual c'os penachos do elmo açouta as ancas.

EST. XXXI.

Tudo morre . . . . . .
Hum momento depois ſe cala tudo

Lugar ſublime, e pintura viva, e natural. E com effeito naõ menos que 150000 peſſoas ſe conta terem perecido em Lisboa naquelle dia, parte enterradas nas ruinas dos Templos, e edificios, parte affogadas do mar, parte queimadas do incendio.

EST. XXXII.

De poeira huma nuvem levantava
. . . . . a poeira eſcurecia
A luz clara do Sol naquelle dia.

Hyperbole para elevar a idéa: parece imitada de Virgilio. Lib. 1. v. 92.

Eripiunt ſubito nubes cœlumque diemque.

EST.

EST. XXXIII.

Quiz commoſco acabar por huma vez

Tirſo ſegundo o ſeu caracter tudo o que penſa de Deos neſte caſtigo he horror, e nada vê, que naõ ſeja juſtiça de extrema ſeveridade ; o que dá occaſiaõ ao diſcurſo de Miſſeno , em que moſtra, refutando a opiniaõ de Tirſo , como na meſma juſtiça daquelle dia reſplandeceo muito a bondade do Senhor para com os homens, conforme os ſentimentos do Author do livro dos Macabeos: *Reputent ea , quæ acciderunt , non ad interitum , ſed ad correctionem eſſe generis noſtri .... Propter quod numquam quidem a nobis miſericordiam ſuam amovet ; corripiens vero in adverſis populum ſuum non derelinquit.* 2. *Mach.* 6. 12. 16.

EST. XXXIV.

. . . . . *Deos oſtentou*
Mais amor a nós outros , mais bondade

Raccine no Poema ſobre a Religiaõ (Cant. 6.º v. 105.) dá huma imagem da Juſtiça Divina , como a deſcreve Heſiodo , e

da clemencia do Senhor, como ſe acha em Eſtacio Theb. 12.

A l'un de ſes côtés la juſtice de bout
Jette ſur nous ſans ceſſe un coup-d'oeil, qui voit tout,
Et leve le glaive a la main demandant ſes victimes,
Preſente devant lui la liſte de nos crimes.
Mais de l'autre côté la clemence a genoux,
Lui preſentant nos pleurs, déſarme ſon courroux.

E na Carta a Mr. Rouſſeau, v. 293. & ſeq.

C'eſt lui qui ſouvent prend contre nous les armes,
Et qui par ſes rigueurs preparant ſes bienfaits,
Nous livre des combats, pour nous rendre la paix.

EST. XXXIX.

Ninguem póde os ſegredos penetrar

Theſeo diz a Jocaſta na Tragedia de Corneille, intitulada Edipo:

N'enfonçons toutefois ni votre oeil, ni le mien
Dans ce profond abyme, ou nous ne voyons rien.

Segundo o penſamento do Apoſtolo: Rom. 4. 33. *Incomprehenſibilia ſunt judicia ejus, & inveſtigabiles viæ ejus*: E no Profeta Pſ. 35. *Judicia tua abyſſus multa.* Eſta verdade bem ponderada ſeria baſtante para reprimir a impudencia de tantos im-

impios, que ſe atrevem a citar para o tribunal da ſua meſquinha razaõ as obras da Juſtiça, e Bondade Divina.

Est. XL.

Os mortaes iraõ vendo, que peccando
Nunca eſtaõ da eſpada juſticeira

Penſamento ſemelhante ao de Camões; Cant. 3.° Eſt. 140.

Do peccado tiveraõ ſempre a pena
Muitos, que Deos o quiz e permittio

E na Eſt. 69.

Mas o alto Deos, que para longe guarda
O caſtigo daquelle, que o merece,
Ou para que ſe emende ás vezes tarda,
Ou por ſegredos, que o homem naõ conhece:
Agora lhe naõ deixa ter defeza. . . .

Est. XLII.

Quer o mal muitas vezes, iſſo ſim:
Mas he ſó para hum bem conveniente

Conſequencia tirada contra a impiedade de Voltaire, que ſuſtentou, tomando argumento do terremoto de Lisboa, que o Se-

nhor no governo do mundo obra ſempre peior: fiel interpretaçaõ de Iſaias, por quem o Senhor diſſe: (45. 7.) *Egô Dominus .... formans lucem, & creans tenebras, faciens pacem, & creans malum: Ego Dominus faciens omnia hæc.* O que naõ he incompativel com a proteſtaçaõ do Santo David: *Non Deus volens iniquitatem tu es. Pſ. 5. 5.*

CANTO TERCEIRO.

O ENCONTRO das tres Matronas, objecto deſte 3.º Canto he hum *Epiſodio* felizmente inventado, inherente á acçaõ, intereſſante ao eſpectaculo, e fórma huma ſcena admiravel, que illuſtra o poema, e ſerve de continuaçaõ á narraçaõ, offerecendo huma viva pintura da natureza na variedade de caracteres, e nobreza de ſentimentos, ſegundo a differente ſituaçaõ das perſonagens: tudo proprio para produzir o pathetico, e augmentar o intereſſe, como ſe verá nas obſervaçõès ſeguintes.

ESTANCIA I.

. . . . . aviſtáraõ de repente
Junto a ſi tres matronas mui formoſas

Pintura ſimilhante á da formoſura fyſi-

ca,

ca, com que ſe deſcreve Junia na Tragedia Franceza:

Belle ſans ornements, dans le ſimple appareil
D'une beauté, qu'on vient d'arracher au ſommeil.

EST. VI.

A mais velha moſtrava huma igualdade
Admiravel . . . . . .
Nem triſteza moſtrava, ou alegria.

Aſſim conſtitue o poeta o caracter desta perſonagem, qual depois ſe moſtrará nas ſuas fallas: nem lhe ſeria facil inventar outro á ſeu arbitrio, pois que ainda ſaõ vivas peſſoas, que a conhecêraõ; termos em que naõ he licito ao poeta apartar-ſe da opiniaõ commum da verdade.

EST. VIII.

Voſſas obras ſaõ taes, que eu tenho pena,
Naõ poder ... mas eu diſto m'envergonho

Deſte lugar ſe vê, que naõ ſó nos affectos impetuoſos, e violentos, mas ainda nos brandos tem lugar a Reticencia.

EST.

EST. IX.

Eu, que na Aſia por força de vaidade
Diſputei tratamento ás Soberanas.

Penſa de modo ſimilhante ao da Deoſa Juno, em Virgilio. Lib. 1. v. 50.

Aſt ego, quæ divum incedo Regina Jovisque
Et ſoror & conjux una cum gente tot annos
Bella gero . . . . . .

Juno demanda queixoſa as ſuas prerogativas com indignaçaõ, e enveja; aqui a Marqueza allega humilhada as honras da ſua antiga dignidade, comparando a ſua antiga grandeza com a miſeria preſente; enternece, e commove; toda a ſua narraçaõ he viva, e pathetica. O poeta naõ imitando a ninguem, movido ſó da ſua luz interior, imitou a bella natureza. Quem conheceo eſta Senhora, no caracter em que o poeta a figura, deſcubrirá huma altiveza digna do ſeu naſcimento, bem ſimilhante á de Zenobia Rainha de Palmira, quando reſpondeo laconicamente ao Imperador Aureliano, que lhe eſcrevêra propondo-lhe condições favoraveis para que ſe rendeſſe. » Naõ ſe conſ-
» tranje a render-ſe hum inimigo por huma
» car-

» carta, mas por valor. Vós já foſtes der-
» rotado por huns poucos de aventureiros;
» quanto mais o deveis temer de Cidadãos,
» que ſe defendem. Lembrai-vos, que Cleo-
» patra antes quiz morrer, que ſer venci-
» da. »

Na narraçaõ que faz a Marqueza do ſeu perigo deſde a Eſtancia IX. até á XVIII. ſe vê geralmente huma nobre ſimplicidade, e ingenuidade, nada de hyperboles, ſimilhanças, comparações, nada de allusões, penſamentos refinados, ornatos falſos, tudo he natural. Parece que o poeta tinha diante dos olhos a maxima de Horacio: (Poet. v. 112.)

Si dicentis erunt fortunis abſona dicta
Romani tollent equites, peditesque cachinnum.

Reprehenſaõ, que aſſenta bem na falla de D. Ignez de Caſtro a ElRei D. Affonſo, taõ cheia de artificio, quanto impropria da ſituaçaõ da infeliz Rainha, que oſtenta o tom declamatorio, que Camões lhe empreſtou, ſubſtituido à ſincera voz da natureza.

EST.

EST. X.

Algum dia teraõ neſta pobreza
Gram theſouro, os que tem maior nobreza

Eſtes ſentimentos, ſe me naõ engano, podem-ſe conſiderar em parallelo com os do heroe da Eneida, variados os motivos. Eſtá ſe conſola da pobreza, aquelle dos trabalhos:

.... forſan & hæc olim meminiſſe juvabit.
Lib. 1. v. 207.

EST. XI.

Eſcapei por milagre do ſeu braço:
Niſto as lagrimas chovem no regaço.

Eſte natural accidente faz bella a pintura da ternura femenina com a interrupçaõ do diſcurſo, ſervindo ao meſmo tempo de tranſiçaõ para a narraçaõ do ſucceſſo: *Eu, apenas me treme o apoſento, &c.*

As lagrimas chovem

Chuva manſa de lagrimas, como naſcida da ternura, e reconhecimento para com

Deos,

EST. XVI.

Entaõ chega a ſeu peito enternecida

He claro quanto ſimilhantes accidentes conduzem para a viveza da imagem, e para o pathetico, como na Eneida. (Lib. 7. v. 510.

Trepidæ matres preſſere ad pectora natos.

EST. XVII.

Eſſa meſma deſgraça embravecida

A deſgraça *embravecida*, enfurecida, executora da crueldade, poeticamente transfigurada em perſonagem, he imagem bem ſublime; mas quanto mais admiravel eſſa meſma deſgraça, quando illudida abre a porta, iſto he, preſerva com o meſmo ſegundo golpe, com que raivoſa pertendia matar a eſperada victima?

Por ſimilhante modo Camões (Cant. 3.° Eſt. 141.) fallando do obito de D. Affonſo Henriques perſonaliza com ſublimidade a doença:

A pallida doença lhe tocava
Com fria maõ o corpo enfraquecido.

EST.

EST. XVIII.

E ſabiſte! oh . . . . . .

He mui frequente nos poetas interromperem a narraçaõ de couſas atrozes, laſtimoſas, &c. com apoſtrofes, e exclamaçõeſ ao meſmo objecto, que intereſſa, como na Eneida. (Lib. 2. v. 56.

Trojaque nunc ſtares, Priamique ars alta maneres

E na falla de Sinon. (Liv. 2. v. 110.)

Feciſſentque utinam! . . . . . .

EST. XIX.

Porque o ter nos trabalhos companhia
De ordinario a nós todos alivia

Iſto paſſa por maxima univerſal, e he muito verdade, naõ porque gente racional faça goſto de ver padecer os outros, mas como diſſe Lucrecio:

Quibus ipſe malis careas, quia cernere ſuave eſt.

Iſto he, que todos goſtaõ de ver os males, de que eſtaõ livres. E quantas vezes naõ acontece ver-ſe miſturado nos theatros o pran-

pranto de compaixaõ com o deleite do eſpectaculo, e chorarem por divertimento os que antes juraria͂o perſiſtir na maior indifferença. Deſta fonte pois naſceo aquelle célebre dictame de Terencio, que Santo Agoſtinho naõ ceſſava de admirar: *Homo ſum: hic mani nihil a me alienum puto.* Aſſim aquella razaõ de Miſſeno podia a Marqueza reſponder, como Dido a Eneas. (Liv. I. v. 133.)

Non ignara mali miſeris ſuccurrere diſco.

Est. XXV.

. . . . a mim e mais outros inimigos
Defendeſtes da morte e dos perigos

Caſtigans caſtigavit me Dominus & morti non tradidit me. Pſ. 117. 18.

Est. XXXI.

Sempre he Pai, que caſtiga para emenda
E he pena, que o mundo o naõ entenda

Para que o povo Judeo aſſim o entendeſſe eſcreveo o Author do livro dos Macabeos a doutrina, que ha pouco notámos. Naõ o entendeo Homero, mais cégo da alma, que do corpo, que naõ obſtante dar-

nos

nos nos ſeus poemas taõ bellas reflexões ſobre os attributos divinos, incoherente como gentio no conhecimento da Divindade, na ſua Odyſſea faz huma exclamaçaõ dizendo, conforme a verſaõ de Racine:

Jupiter, Dieu cruel, pour quoi dans la miſere
Plongez-vous les humains, dont vous êtes le Pere

Naõ o entende grande parte do povo rude, e mal inſtruido das verdades da Religiaõ; naõ o entendeo Voltaire, que blasfemou de Deos no ſeu Poema ſobre o Terremoto de Lisboa; e aſſim naõ o entendem todos os ímpios, que imputaõ á negligencia do Senhor as deſordens do mundo.

EST. XXXIII.

Oh mil vezes felizes, exclamava

Exclamaçaõ bem tempeſtiva em ſimilhantes lances. Virgilio faz exclamar o ſeu Eneas: (Lib. I. v. 98.)

. . . . . O' terque, quaterque beati
Queis ante ora patrum Trojæ ſub mœnibus altis
Contigit oppetere! . . . . . .

O noſſo Camões naõ ſe eſqueceo de imitar o Poeta Latino em ſimilhante acontecimento

cimento, (Cant. 6.° Eſt. 83.) onde o Capitaõ Gama exclamou:

Oh ditoſos aquelles, que poderaõ
Entre as agudas lanças Africanas
Morrer . . . . . .

Mas o affecto de anguſtia, e afflicçaõ produzio a exclamaçaõ de Eneas, e do Gama; na Marqueza reſpira o affecto de admiraçaõ, e gozo.

Est. XXXIV.

Como a bella Princeza, que paſſando
Vai as flores mais lindas degolando

Comparaçaõ nobre, e engraçada, que em certo modo tira o objecto do eſtado lugubre em que antes ſe concebêra, para hum eſtado de jucundidade, que recebe da comparaçaõ naõ eſperada.

Est. XXXV.

Eisque agora deixou com gram clemencia
Ir vivendo no mundo os viciados

Parece naſcida eſta reflexaõ do penſamento de Santo Agoſtinho. (Tract. ſup. Pſalm. in Pſ. 54.) *Ne putetis gratis eſſe ma-*

malos in hoc mundo, & nihil boni de illis agere Deum. Omnis malus aut ideo vivit, ut corrigatur; aut ideo vivit, ut per illum bonus exerceatur. Iſſo entra na queſtaõ, que ſe lê no Livro de Job. (21. 7.) *Quare ergo impii vivunt, ſublevati ſunt, confortatique divitiis.* O meſmo ſe acha em Jeremias. (12. 1. & ſeq.)

EST. XXXVI.

Sua ira . . . . cahiſſe, qual torrente,
Deſde os Ceos deſpenhada, de repente

Imagem ſublime, mui frequente nas Eſcrituras. *Spiritus ejus velut torrens inundans uſque ad medium colli ad perdendas gentes. Iſai.* 30. 28. Jeremias uſa da meſma imagem para declarar o impeto, vicdencia, e rapidez da ira divina, que as naçõẽs hiriaõ executar nos Filiſteos: *Erunt quaſi torrens inundans, & operient terram, & plenitudinem ejus, urbem & habitatores ejus...* 47. 2. E como a rapidez da agoa e fogo eſtaõ em gráo quaſi igual, o Profeta David exprime o furor dos ſeus inimigos pela imagem da *chamma* em lugar da imagem da *torrente*: *Exarſerunt ſicut ignis in ſpinis. Pſ.* 117. 12.

EST. XXXVIII.

Deſte modo a Matrona diſcorria

E ſerá veroſimil? Convirá ao caracter de huma mulher diſcorrer taõ judicioſamente, e moralizar os ſeus acontecimentos com tanta conſequencia, e energia? Quem o poderá negar, principalmente em perſonagem por nobreza, por educaçaõ, e cultura, por viveza de juizo, taõ recommendavel, como era eſta Senhora? Quanto mais, ſe conſiderarmos, que os meſmos Filoſofos, e Theologos ſaõ povo nas coiſas de ſentimento, e que o povo nas coiſas do ſenſo commum, e intereſſes das ſuas paixões ſempre he aſsás eloquente? de maneira que huns e outros na occaſiaõ dada ſem eſtudo, nem preparaçaõ, fallaráõ optimamente a lingoagem da natureza, que he univerſal, ſem prejuizo da regra (Poet. 114.)

Intererit multus Davus ne loquatur, an heros
. . . . . an matrona potens, an ſedula nutrix.

EST. XL.

. . . . . Miſſeno e Tirſo olhárão
Apóz deſſas Matronas, que poderão
Por cortezes ſeguir . . . . . .
Não quizerão vexar quem s'eſcondia.

A Poeſia eſtá em poſſe deſde a ſua mais antiga origem de inſtruir os homens nas maximas de bem viver; e eſtá bem clara neſta paſſagem huma bem importante; vem a ſer, que as ceremonias de urbanidade, que em muitas occaſiões ſeria culpa omittir, em muitas outras por indiſcriçaõ ſeriaõ importunas; e os homens, que ſuperſticioſamente as obſervaõ, ſaõ os que vulgarmente chamamos *cauſticos.*

EST. XLI.

As mãos tremulas juntas, no cajado

A deſcripçaõ dos coſtumes he de grande belleza na Poeſia, e por conſequencia hum dos importantes deveres do poeta, ſegundo a regra.

Ætatis cujusque notandi ſunt tibi mores
Mobilibusque decor naturis dandus & annis
Hor. P. v. 156.

Eſta do poeta he bem ſimilhante á que faz Camões de outro velho venerando, que ſe achava na praia entre o povo, quando partia de Lisboa a armada portugueza. (Cant. 4.° Eſt. 94.

Mas hum velhò de aſpeito venerando,
Que ficava nas praias entre a gente,
Poſtos em nós os olhos, meneando
Tres vezes a cabeça deſcontente,
A voz pezada hum pouco levantando,
Que nós no mar ouvimos claramente,
Com ſaber ſó de experiencias feito,
Taes palavras tirou do experto peito.

EST. XLII.

Parabens, pois que eſtás reſuſcitado

Miſſeno guardou em lembrança os perigos, de que Tirſo tinha eſcapado, ſegundo o que havia referido á Marqueza; e como entaõ naõ era lugar de o interromper, agora por occaſiaõ da deſpedida, toma pé de o congratular da ſua felicidade.

EST. XLIII.

Tu nos moſtras, que a gram Sabedoria
Nos ſucceſſos mais vis he quem te guia

Se ainda nos mais vis, que ſerá nos de maior importancia, e de mais alto intereſſe da ſua gloria. *Puſillum, & magnum ipſe fecit, & æqualiter cura eſt illi de omnibus. Sap.* 6. 8. *Nonne duo paſſeres aſſe veneunt, & unus ex iſtis non cadet ſuper terram ſine Patre veſtro? Mat.* 10. 29.

Em Galeno e Plinio vemos huma reflexaõ tal como a do Cardeal Polignac no ſeu Anti-Lucrecio, onde diz:

Maximus in minimis certe Deus, & mihi major
Quam vaſto cœli in templo aſtrorumque caterva.

CANTO QUARTO

ESTANCIA I.

DAs mercês, q̃ Deos nelles tinha obradas

Eſſe *obradas* em lugar de *obrado*; participio por Supino, conſtrucçaõ ordinaria na antiga idade da Lingoa Portugueza, e muito uſada do Camões, ficou para ornato, e variedade da Locuçaõ poetica.

EST. II.

. . . . . os mares eſtava ſubjugando
Os mares furioſos, que bramiaõ.

A meſma fórma de penſamento, que vemos em Virgilio, quando deſcreve o ſenhorio de Eolo ſobre os Ventos. (Lib. 1. v. 58.)

Im-

Imperio premit, ac vinclis & carcere frænat.
Illi indignantes magno cum murmure montis.
Circum clauſtra fremunt.

Racine deſcreve admiravelmente eſte furor do mar. Poem. ſur la Relig. Cant. 1. v. 63.

Et toi, dont le courroux veut engloutir la terre,
Mer terrible en ton lit quelle main te referre?
Pour forcer ta priſon tu fais des vains efforts;
La rage de tes flots expire ſur tes bords.

EST. IV.

E de hum pullo arremete de repente
Derruba, fila, e mata o atrevido

Figura de locuçaõ ſimilhante á de Camões, Cant. 6.° Eſt. 6.

Mas o máo Thioneo . . . . . .
Arde, morre, blasfema, e deſatina.

EST. V.

Era forte a prizaõ, que lhes fizera

Circumdedi illud terminis meis, & poſui vectem & oſtia. Job. 38. 10.

De raivoſo eſpumando

He a imagem de Virgilio:

Furit æſtus arenis. Lib. I. v. III.

EST. VI.

Sem demora Lisboa eſtá alagada

Effeito do grande poder, que ſoltou o mar, e que a Eſcritura nos pinta prodigioſo naquelle: *Dixit, & adſtitit ſpiritus procellæ: intumuerunt fluctus ejus: aſcendunt uſque ad cœlos, & deſcendunt uſque ad abyſſos. Pſ.* 106. 25. O grande Boſſuet, que tinha boas balanças para avaliar a mageſtade terrivel deſtas imagens *Non hic Juno* (diz) *Eolo ſupplex, non hic Neptunus in ventos tumidis exaggeratisque vocibus ſæviens, atque æſtus iræ ſuæ vix ipſe interim premens. Uno ac ſimplici juſſu ſtatim omnia peraguntur. Boſſuet Præfat. in Pſalm. tit. De grandiloq. & ſuavit. Pſalm.*

EST

EST. VII.

Lá das meſmas entranhas do profundo
Parecia ſahir o furioſo

Aſſim Camões na deſcripçaõ da tempeſtade: (Cant. 6.° Eſt. 77.)

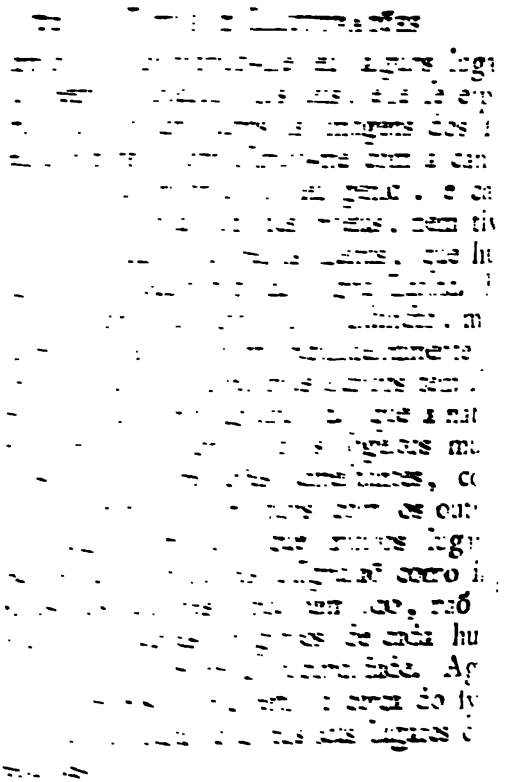
Agora a ver parece, que deſciaõ
A's intimas entranhas do profundo

E na eſtancia 8, deſcrevendo o Palacio de Neptuno,

No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar ſe eſconde,
Lá donde as ondas ſahem furibundas
Quando ás iras do vento o mar reſponde:

Aſſuſtava feroz a todo o mundo

O Profeta David (Pſ. 32.) para declarar a Omnipotencia de Deos, põe a par os dois mais eſtupendos objectos, que ha na natureza; 1.° os Aſtros: *Verbo Domini cœli formati ſunt, & ſpiritu oris ejus omnis virtus eorum*: 2.° o Mar, *Congregans ſicut in utre aquas maris.* Mas nas Eſcrituras vemos que deſtes dois objectos o Mar he o que o Senhor mais frequentemente põe diante dos olhos ao ſeu povo para lhe of-



CA

oſtentar o ſeu poder. O primeiro milagre depois da ſahida do Egypto foi a paſſagem do mar vermelho, onde os Hebreos viraõ com ſeus olhos, o que paſſados muitos ſeculos David communicou á poſteridade de hum modo viviſſimo, e com as mais fortes imagens, dizendo: *Mare vidit & fugit: Jordanis converſus eſt retrorſum. Quid eſt tibi, Mare, quod fugiſti? & tu, Jordanis, quia converſus es retrorſum?* Pſ. 113. *v.* 3. 5. E o meſmo Profeta para repreſentar a coiſa com maior evidencia, uſa de amplificaçaõ comparando força com força, poder com poder: *Mirabiles elationes maris, mirabilis in altis Dominus.* (Pſ. 92.) Como quem diz: Se taõ admiravel he o mar na força, com que levanta as ſuas ondas, quanto mais admiravel naõ ſerá o Senhor, que lá do alto Ceo o doma, e ſobjuga? E fallando com o meſmo Deos diz em outro lugar. (Pſ. 88.) *Tu dominaris poteſtati maris; motum autem fluctuum ejus tu mitigas.* O meſmo Senhor fallando ao ſeu povo por Iſaias, como que faz timbre de ſer conhecido por eſte poder, que exercita com o mar: *Ego ſum Dominus Deus tuus, qui conturbo mare, & intumeſcunt fluctus ejus.*

Os Filoſofos gentios obſervando os fenomenos deſta Creatura, levados da admiraçaõ,

çaõ, e curioſidade entráraõ a indagar, qual ſeria a cauſa, que retinha as ſuas ondas para naõ ſahirem fóra dos ſeus limites:

Quæ mare compeſcant cauſæ?
Hor. Epiſt. lib. 1. ep. 12. v. 16.
Curve ſuos fines altum non exeat æquor?
Propertius.

O que lhes naõ enſinou a ſua céga razaõ, a nós o enſina a divina revelaçaõ.

Est. VIII.

Como toiro bravio enfurecido

Eſta ſimilhança do mar com hum toiro bravo he propriiſſima, e entra na claſſe das boas comparações, que naõ ſó repreſentaõ o ſeu objecto, mas demais o illuſtraõ, e amplificaõ. Da meſma uſou Camões, deſcrevendo a furia dos ventos: Cant. 6.° Eſt. 84.

. . . . . os ventos, que luctavaõ
Como toiros indomitos bramando
Mais e mais a tormenta acreſcentavaõ

Est.

EST. XIII.

Naõ ha voz, que declare a ligeireza
Com que ás agoas lhes trocavaõ
A's campinas o nome e a natureza

Expreſſaõ delicada do que Ovidio diſſe ſimplesmente, á excepçaõ da imagem: (Lib. I. v. 285.)

Exspatiata ruunt per apertos flumina campos

A *ſumma ligeireza* eſtá na imagem *ruunt*; mas agoas *trocarem o nome, e a natureza aos campos* naõ eſtá em *per apertos campos.*

Os jardins eraõ mar, e navegavaõ
Pelos boſques os barcos . . . . . .

O que no penſamento antecedente era *delicadeza*, neſte he *energia*, e bello contraſte, que moſtra no quadro *mar nos jardins*, *barcos nos boſques*; mudada a natureza do terreno em natureza de mar, que he o penſamento de Ovidio: (Lib. I. v. 291.)

Jamque mare & tellus nullum diſcrimen habebant
Omnia pontus erant . . . . . .

EST.

EST. XVI.

Ora o ſobe, ora o deſce (o baixel)

Do ſeu Gama na occaſiaõ da tormenta diſſe Camões, (Cant. 6.° Eſt. 80.) que elle eſtava

Vendo ora o mar até o inferno aberto.
Ora com nova furia ao Ceo ſobia.

EST. XX.

Entrè tanto os ladrões naõ receando
Nem o braço de Deos, nem os caſtigos.

Fallando em ſentido literal da ruina de Babilonia, e em ſentido profetico dos ſignaes do dia de Juizo, diſſe Iſaias, (13. 7.) que entaõ ſe veriaõ os homens com braços decepados, coraçaõ desfeito e ralado: *Omnes manus diſſolventur, & omne cor hominis tabeſcet, & conteretur.* E tambem diſſe o Filho de Deos dos que viſſem os ſignaes do fim do mundo, que todos andariaõ mirrados de pavor, *areſcentibus hominibus præ timore.* (*Luc.* 21. 26.) Aſſim ſuccedeo ao povo de Lisboa naquelle dia da ira do Senhor, como o Poeta adiante declara (Cant. 6.° Eſt. 30.), e iſſo he crivel; a razaõ, e

á natureza o perſuade: de ſorte que ninguem poderia crer, ſe tantas, e taõ verdadeiras teſtemunhas, que o viraõ, e ainda vivem, o naõ átteſtaſſem: ninguem (digo) poderia crer nos ſeculos futuros, que entaõ entre o povo conſternado ſe levantaſſe hum bando de malvados, arrojando-ſe a attentados de taõ extrema barbaridade. Mas bem he de crer, que até eſſa meſma impia conſpiraçaõ dos homens eſtava no decreto de Deos para eſſe dia: *Convenerunt in civitate ... facere, quæ manus tua, & conſilium tuum decreverunt fieri.* (*Act.* 4. 27. *& ſeq.*) Pois aſſim como o Senhor no dia da Redempçaõ ſe ſervio dos impios para o altiſſimo deſignio da ſua grande miſericordia; aſſim ſe ſerve ainda todos os dias dos malvados para as obras da ſua juſtiça, caſtigando a huns por maõ de outros, que a ſeu tempo teraõ ſeu caſtigo.

EST.

EST. XXI.

Como lobos famintos inveſtiaõ

Simil equivalente ao de Virgilio, poſto que differente no detalhe, e colorido: (Lib. 2. v. 355.)

. . . . . inde lupi ceu
Raptores atra in nebula, quos improba ventris
Exegit cæcos rabies, catulique relicti
Faucibus expectant ſiccis, per tella, per hoſtes
Vadimus haud dubiam in mortem . . . . . .

CANTO QUINTO.

ESTANCIA I.

NEſte ponto no monte retumbáraõ
Duas roucas horriſonas trombetas

O ſegundo verſo he hum dos mais notaveis em todo o Poema pelo ſom imitativo formado de hum progreſſo de aſpereza de ſons, que por ſi meſmo pintaõ o objecto, como ſe eſtiveſſemos ouvindo. O epitheto *roucas* tomáraõ varios poetas, quando fallaõ da trombeta de guerra. Em Taſſo temos: (Cant. 4.° Eſt. 3.)

Chiama gli habitator dell' ombre eterne
Il rauco ſuon de la tartarea tromba.

Cujo lugar imitou Macedo: (Cant. 1.° Eſt. 11.)

Ao rouco ſom de tubas diſſonantes
Sahiaõ já das infernaes cavernas . . .

Nos Luſiados ha:

. . . . . com ſuas armas ſe move
Ao ſom da Mauritana e rouca tuba.

E fizeraõ as aves inquietas

Em lugar ermo e deſcampado eſta muĩ proprio e poetico lembrar a timida ſenſibilidade e reboliço dos paſſarinhos ao ſom dos timbales e trombetas. Na *Lisboa Edificada* (Cant. 3.° Eſt. 66.) a reſpeito da voz horrenda de Polifemo, diz o Poeta, que

Dos ſeus gritos e vozes eſpantados
Os animaes nas covas ſe eſcondêraõ

Na Eneida (Lib. 7. v. 510.) lembrou-ſe o Poeta do ſuſto femenino, quando a furia infernal tocou a buſina:

Contremuit nemus, & ſylvæ intonuere profundæ:
Audiit & Triviæ longe lacus, audiit amnis
Sulfureâ Nar albus aqua, fontesque Velini;
Et trepidæ matres preſſere ad pectora natos.

Cuja imagem natural imitou o inſigne Camões. (Cant. 4.° Eſt. 28.)

Deo ſignal a trombeta Caſtelhana
Horrendo, fero, ingente e temeroſo ...
E as mãis, que o ſom terrivel eſcutárão
Aos peitos os filhinhos apertárão.

EST. IV.

Que quereis homens cégos

Niſto apparece hum pouco de fogo de ira natural. Os vicios igualmente como as virtudes no ſyſtema poetico tem ſeu heroiſmo, quando chegão a hum ponto de grandeza, que excede o commum: ſó ſe requer, que não excedão a medida da veroſimilhança; iſſo he, a medida, que os homens tem na ſua idéa. Convem pois, como obſerva Gravina, para que ſeja a pintura dos coſtumes verdadeira, formar os caracteres dos ſogeitos, miſturados de virtudes, e de vicios, e ſem huma extrema igualdade, como ſe obſerva no Aquilles da Iliada. A inconſtancia, e inſtabilidade he o vicio mais ordinario da natureza humana. Ora já vimos que Tirſo tem moſtrado o ſeu caracter fogoſo; caracter, que convinha á ſua idade: agora no incidente de ſubito opprobrio era natural que ſe lhe accendeſſe a ira, e rompeſ-

peſſe os limites de huma prudencia anciã, que ſó quadra a Miſſeno, ſegundo a idade, longa experiencia, e tranquillidade habitual de Filoſofo, qual o deſcreve o Poeta no Canto 1.º Eſtancia VIII.

EST. V.

. . . . . *minha innocencia*
Sabe bem compenſar eſta indecencia.

Sentença moral, maxima de grande pezo, deſconhecida das almas da infima ordem. Mas ainda aquelle

Nihil conſcire ſibi, nulla palleſcere culpa
Hor. Epiſt. 1. v. 60.

Iſto he, naõ ſe achar complice de crime algum, naõ ſentir em ſi culpa, de que a conſciencia accuſe, era hum ſegredo, que fazia a Ariſtides gozar huma bemaventurança, que Catilina naõ podia achar na ſua impunidade.

EST.

EST. VI.

Nunca he homem, ſó tem delle a figura;
Mas he bruto, pois obra tal loucura.

Comparatus eſt jumentis inſipientibus, & ſimilis factus eſt illis. Pſ. 48. 12.

Racine refuta com graça, e acrimonia o argumento de Bayle, e outros Atheos, tirado do teſtemunho de alguns viajantes á cerca da probidade dos póvos ſelvagens, dizendo: (Relig. Cant. 1.° v. 383.)

Un ſtupide Seuvage arrant a l'avanture
A peine de nos traits conſervant la figure;...
Qu'a bon droit, Libertins, vous êtes mé priſables,
Lorsque dãs ces forets vous cherchez vos semblables!

EST. VIII.

Eu a pena do crime mais horrendo
Nunca pude temer . . . . . .

E eſte grande bem, que faz o homem na terra ſuperior a tudo, e a todos, naõ póde reſultar, ſenaõ do teſtemunho da boa conſciencia, ſegundo o penſamento do Orador Romano: (pro Milone) *Magna vis eſt conſcientiæ in utramque partem, ut neque timeant, qui nihil commiſerint, &*

pœ-

pœnam ante oculos verſari putent, qui peccarint. O impio, diz Racine, (Relig. Cant. 1.° v. 405.)

. . . . . s' il cherche a ſe cacher,
Un eternel témoin les lui vient reprocher :
Son Juge eſt dans ſon coeur, tribunal où réside
Le cenſeur de l'ingrat, du traitre, du perfide . . .
De ſes remords ſecrets triſte & lente victime,
Jamais un criminel ne s'abſout de ſon crime.

Est. VIII.

Mas naõ ſei quem lhe encobre a fealdade

Naõ ſei ſe diz enfaticamente das coiſas mais certas, e ſabidas, e ſerve eſta fórma de extenuaçaõ para com mais efficacia as aſſeverar. Aſſim ſe moſtra quaõ horroroſo ſeja o vicio, porque elle meſmo ſe conhece primeiro, e ſe envergonha de ſi meſmo de maneira, que ſe vê obrigado a cobrir-ſe com a maſcara da virtude,

Com que a todos formoſo parecia

O que ſe conforma ao penſamento de Juvenal

Exem-

Exemplo quodcumque malo committitur, ipſi
Diſplicet auctori: prima hæc eſt ultio, quod, ſe
Judice, nemo nocens abſolvitur . . . . . .
Pœna autem vehemens, ac multo fævior illis
Nocte dieque ſuum verſare in pectore teſtem.

EST. IX.

Sem caſtigo nenhuma Lei s' obſerva

Aos impios, que deſdanhaõ da Lei de Deos, e a fazem odioſa, porque contém ameaças, reſponde muito bem Racine, que

. . . . . D'imaginaires loix,
Quand d'un Etre vengeur s'ai ſecoué la crainte,
Ne peuvent ſur mon ame etablir leur contrainte.
C'eſt pour moi que je vis, je ne dois rien qu'a moi:
La vertu n'eſt qu'un nom, mon plaiſir eſt ma loi.
La Relig. Cant. 1.º v. 98. & inde.

EST. XI.

. . . . . *a natureza*
Fazer deves, qu' eſteja mui ſenhora
De ſi meſma . . . . . .

Tendo tocado neſta falla os grandes bens, que reſultaõ do caſtigo, 1.º que a pena no culpado he medicina, que cura o vicio, (Eſt. V.) 2.º que a pena no innocente he preſervativo do contagio do vicio;

e

e iſto porque, 3.° moſtra claramente o ſeu horror, e fealdade: conclue por exhortaçaõ á conſtancia, e victoria de ſi meſmo, que he a quinta eſſencia do que Claudiano elegantemente exprime. (de 4. Conſul. Honor.)

Tu licet extremos late dominere per Indos,
Te Medus, te mollis Arabs, te Seres adorent,
Si metuis, ſi prava cupis, ſi duxeris irâ;
Servitii patiere jugum, tolerabis iniquas
Interius leges . . . . . .

EST. XIV.

Mas he roubo, que a ti te deixa ſolto

Clauſula ſentencioſa, e aguda, com que ſe termina o diſcurſo do Commandante juſto, e humano.

EST. XV.

Eſſes homens . . . mais que ſettas ligeiros . . .

Aqui temos o meſmo *ſimile* em hyperbole da Eſtancia I., onde diſſe: *Voavaõ como ſettas.* Camões uſou deſte *ſimile.* (Cant. 2.° Eſt. 18.)

Mas a linda Erycina . . . . . .
Voa do Ceo ao mar como huma ſetta.

EST.

EST. XVI.

Os cavallos s'affligem neſſe inſtante.

Imagem collectiva, que encerra varios ſentimentos, e acções deſte animal brioſo, cuja inquietaçaõ deſcreve elegantemente Virgilio. (Georg. lib. 3.)

. . . . . ſiqua ſonum procul arma dederunt
Stare loco neſcit, micat auribus, & tremit artus

Mas nada ha em Homero, ou Virgilio, que iguale a bella deſcripçaõ de hum cavallo de campanha, que ſe lê no livro de Job. (39. 19.) Ouvido o primeiro ſom da trombeta, o cavallo ſe impacienta; ſeguem-ſe varios outros ſignaes ordenados a varias diſpoſições do regimento militar, o animal os naõ póde ſoffrer, e em ſeu modo ſe eſtá conſumindo, e comſigo murmura de tantas demoras, naõ podendo nem aquietar-ſe em ſeu poſto, nem deſobedecer; bate o pé continuamente, e em ſeu modo ralha dos ſoldados eſtarem perdendo o tempo a olharem huns para os outros: *Terram ungula fodit: exultat audaciter: contemnit pavorem, nec cedit gladio: fervens, & fremens ſorbet terram, &c.*

EST.

EST. XVII.

Tu hes moço: ora aprende cá dos velhos.

Clauſula faceta com que Miſſeno adoça as maximas antecedentes, a fim que ſó pareçaõ conſelhos de amigo, e naõ reprehensões de régulo. Por ſimilhante eſtilo exhorta Eneas o ſeu Aſcanio, veſtindo-lhe as armas para entrar em campanha:

Diſce, puer, virtutem ex me, verumque laborem,
Fortunam ex aliis . . . . . .
Æn. lib. 12. v. 435.

EST. XVIII.

Já ouvi, que huma chamma mui ligeira
Do Ceo vinda . . . . . .

Em dia taõ terrivel eſtaria o povo aſsás diſpoſto a filoſofar ſobre as cauſas fyſicas do incendio? Eſtando já bem ferido da maõ de Deos, era natural lembrança, que caiſſe do Ceo aquelle fogo. Depois que entrou nos homens a furia chamada Filoſofia, força de eſpirito, illuminaçaõ, tem-ſe por prejuizo o ſer Chriſtaõ, e chama-ſe ſuperſtiçaõ temer a Deos. Ainda aos doutos naõ era ne-

neceſſaria naquelle dia outra Filoſofia, que lembrar-ſe do fogo do Ceo, que nos ſeculos antigos choveo ſobre Sodoma, e outras cidades vizinhas; e que já muitos ſeculos depois no tempo do Imperador Commodo, quaſi 200 annos depois de Chriſto, do Ceo cahio fogo em Roma, e a abrazou quaſi toda; donde ſem injúria da Filoſofia, nem erro de ſuperſtiçaõ, podiaõ inferir, que o Deos de Sodoma era o Deos de Lisboa, como he de todo o univerſo.

EST. XIX.

Mas as obras de Deos, e da ſua ira....
He razaõ, que publiques .....

He correctivo da eſcuſa antecedente, quando a mágoa lhe faz dizer: *Oh naõ queiras que eu refira, &c.*

Opera Dei revelare & confiteri honorificum eſt ... Benedicite Deum, & narrate omnia mirabilia ejus, diſſe o Anjo Rafael a Tobias. (12. 7. 20.) Para eſte fim ſervem as antigas tradições, de que faz menſaõ o Profeta: *Deus auribus noſtris audivimus; patres noſtri annuntiaverunt nobis opus, quod operatus es in diebus eorum, & in diebus antiquis.* (*Pſ.* 43.) Para eſte fim conſerva a Igreja as memorias con-

conſignadas na Hiſtoria Eccleſiaſtica, que os inimigos da Religiaõ em vaõ tem tentado eſcurecer, e desfigurar.

Voltaire affecta achar trévas impenetraveis na Infancia da Igreja; cauſa porque com fingida modeſtia diz na ſua Hiſtoria univerſal: » Je ne veux point percer l'ob» ſcurité impenetrable, qui couvre le ber» ceau de l'Egliſe naiſſante. » Mas ſobre tudo he inſupportavel a impudencia deſte ſabio embuſteiro, quando pertende perſuadir, que os Ceſares naõ foraõ perſeguidores, dizendo na meſma Hiſtoria univerſal, que: » l'Egliſe de Rome reſta tranquille » au milieu d'un Senat & d'un peuple, » qui avoit ſept cens Temples. » E ſó neſte paradoxo naõ ſe embaraça com as trévas daquelle tempo.

EST. XXI.

Era fogo, que Deos tinha accendido . . . .

Naõ obſtante que, (como o Poeta declara na Eſtancia antecedente)

Naõ foi vindo das nuvens, nem ſubia
Dos abyſmos o fogo, que abrazava

Com tudo *era fogo, que Deos tinha*

ac-

accendido, ſervindo-ſe das cauſas occaſionaes, que concorrêraõ para a acçaõ do incendio; iſto he, dos fogões das cozinhas nas caſas, dos cirios, e alampadas nas Igrejas; em fim da ruina dos edificios, do vento, que ſoprava, da violencia do meſmo calor, da multidaõ, e rapidez das faiſcas, que voavaõ de huma parte para a outra. Aſſim vemos, que Deos fallando por Iſaias ao meſmo tempo attribue o incendio de Jeruſalem aos homens, e a ſi meſmo; aos homens: *Ecce vos omnes accendiſtis ignem, accincti flammis ambulate in lumine ignis veſtri, & in flammis, quas ſuccendiſtis*: a ſi meſmo: *De manu mea factum eſt hoc vobis, in doloribus dormietis.* (*Iſ.* 50. 11.)

EST. XXII.

Tudo ardia . . . . . .

. . . . . omnis humo fumat Neptunia Troia.
Æn. 3. v. 3.

EST.

EST. XXIII.

Muitos vivos, que o fogo receando,
Quando eſtavaõ das chammas affaſtados;
Com clamores ſe eſtavaõ lamentando

Sentitur plerisque priùs, quam cernitur ignis
. . . . . multorumque ora vocantum
Auxilium invadunt flammæ . . . . . .
Sil. Ital. lib. 17.

Era em vaõ, porque já deſamparados

Clamaverunt, nec erat, qui ſalvos faceret; ad Dominum, nec exaudivit eos. (*Pſ.* 17. 45.)

EST. XXV.

Viſtes já como os Tigres ferrolhados

Naõ ha comparaçaõ mais juſta: tudo o que ſe póde imaginar de deſeſperaçaõ a mais furioſa, e horrivel, eſtá expreſſa ao vivo na imagem dos Tigres. Deſta imagem ſe manifeſtaõ os affectos dos miſeraveis luctando com as chammas.

EST. XXVIII.

Filha minha; meu Pai ſe reſpondiaõ

Naõ ha ſcena mais terna; nem acções, e ſentimentos mais filhos da natureza, ou que mais intereſſem a humanidade, do que os que ſe exprimem neſte lugar.

Eſte mútuo relanço, *minha filha*; *meu Pai*, entre os dois afflictos he o centro do pathetico ſublime, mas o producto total reſulta de todas as partes;

1.° Da preparaçaõ da acçaõ, que o Poeta enſaia:

Inda agora me parece que eſtou vendo...
(Eſt. XXVII.)

2.° Da propoſiçaõ do eſpectaculo laſtimoſo...

Das ruinas eſtava pertendendo
Sua filha livrar .....
(Eſt. a meſma)

3.° Da intenſaõ do fogo, e da afflicçaõ dos miſeraveis:

Entretanto o calor naõ ſe podia
Supportar . . . . . ,. . . . . .
Hum mais outro nas chammas quaſi ardiaõ.
(Eſt. XXVIII.)

4.° Dos ultimos extremos, e ſeparaçaõ: quer largalla, torna á diligencia: outra vez a quer largar, a filha clama, em fim a deixa.

(Eſt. XXIX.)

Eſtes fenomenos da natureza ſoube bem apreciar hum Corneille, e hum Racine. Aqui ſómente ajuntei hum dos mais inſignes lugares de Voltaire, quando deſcreve huma mãi deſeſperada de fome, eſtando para matar o ſeu menino.

Furieuſe, elle approche avec un cotelas,
De ce fils innocent, qui lui tendoit les bras:
Son enfance, ſa voix, ſa miſere, ſes charmes
A ſa mere en fureur arrachent mille larmes;
Elle tourne ſur lui ſon viſage effroyé
Plein d'amour, de regret, de rage, & de pitié,
Trois fois le fers échappe a ſa main defaillante.
La rage en fein l'emporte, & d'une voix tremblante
Deteſtant ſon hymen, & ſa fecondité:
Cher & mal heureux fils, que mes flancs ont porté,
Dit elle, c'eſt en vain que tu reçus la vie;
Les tyrans ou la faim l'auroit bientot ravie.

E pour quoi vivroiſtu? pour aller dans Paris
Errant & malheureux pleurer ſur ces debris?
Meurs avant de ſentir mes maux & ta miſere,
Rends moi le jour, le ſang, que t'a donné la mere;
Que mon ſein malheureux te ſerve de tombeau;
Et que Paris du moins voie un crime nouveau.
En achevant ces mots, furieuſe, egarée
Dans les flancs de ſon fils ſa main deſeſperée,
Enfonce en fremiſſant le parricide acier,
Porte le corps ſanglant auprés de ſon foyer,
Et dun bras, qui pouſſoit ſa faim impitoyable
Prepare avidement ce repas effroyable.

EST. XXXII.

Muitos dias ardeo toda a cidade

A duraçaõ do incendio, que o Poeta declara na ſua nota, e a actividade das ſuas chammas abrazou a parte inferior de Lisboa, onde eſtava o theſoiro das riquezas de toda a capital, conſumindo laſtimoſamente as obras, e trabalhos de muitos annos. Mas huma coiſa bem digna da obſervaçaõ do Filoſofo Chriſtaõ, e que moſtra como o Omnipotente ſoube deſte grande mal, com que muitos perecêraõ, tirar muitos bens, com que outros ſe conſervárao, he que eſſe meſmo funeſto incendio foi de grande proveito para os que eſcapárao. Por quanto ſendo entaõ a eſtaçaõ humida, fria, e deſabrida, e tanta a multidaõ de cadaveres, era forçoſo,

ſo, que pela corrupçaõ do ar ſe geraſſe a peſte; outro incendio, que deixaria a cidade de todo deſpovoada: quando pelo contrario o incendio queimando, e reſecando a terra, e purificando o ar, defendeo o reſto dos habitadores da infecçaõ; e vivendo muita gente longo tempo em barracas, naõ experimentou os encommodos, que ſe podiaõ recear em tal eſtaçaõ.

EST. XXX.

Todos quantos preſentes alli eſtavaõ....
Compaſſivos no pranto o acompanhavaõ

Tanta he a força da veroſimilhança na Poeſia: maior ſem dúvida, que a da verdade nua, que póde muitas vezes naõ ſer veroſimil; e quando o naõ he, naõ chega ao coraçaõ. O Leitor crê, porque ſente: *Homo ſum; humani nihil a me alienum puto.* O poeta move, porque penſou, e eſcreveo commovido:

. . . . . Si vis me flere dolendum eſt
Primum ipſi tibi: tunc tua me infortunia lædent.
Hor. Poet. v. 102.

CANTO SEXTO.

ESTANCIA IV.

A Gram pompa c'os ricos apparatos,
Com que a Eſpoſa de Chriſto . . . . .
Triunfante o conduz chea d' ornatos.

Aſſim foi noutro tempo; já naõ ſucede aſſim neſte ſeculo da ſua anguſtia, em que por toda a parte a tem poſto os filhos da perdiçaõ; mas ſem aquella grande pompa, e ſem tanta riqueza de apparatos ſempre he verdade, que ella conduz triunfante ſeu Eſpoſo, poſto que gemendo opprimida. Antigamente naquella grande pompa, como tambem no ſuſtento, e ſoccorro do povo de Deos ſe empregavaõ as ſuas riquezas: mas hum filho ſeu deſgraçado, Juliano Apoſtata, com affectado zelo do Evangelho, que ultrajava, lhe roubou os ſeus bens, dizendo, que

que o Evangelho mandava aos Chriſtãos a obſervancia da pobreza. Hoje os ímpios, que ſe gloreaõ de hum tal Patriarca, naõ ceſſaõ de ſuggerir, enſinuar, eſpalhar por toda a parte nos ſyſtemas, e planos de nova Politica, que aquella riqueza da Igreja he a miſeria, e ruina dos Eſtados, cuja ſegurança, e felicidade naõ conſiſte nos cultos da Religiaõ, e riquezas, que a Igreja para iſſo poſſue, mas em tropas, exercitos, armamentos, armadas navaes, &c. Calculaõ, e diſcorrem magnificamente; mas Deos ha muitos ſeculos lhes reſpondeo claramente: *Non in fortitudine equi roborabitur vir.* (*Pſ.* 146. 11.) Os exemplos de todos os ſeculos fallaõ, e confirmaõ a divina palavra: *O' mucro Domini, uſquequo non quieſcis!* (*Jer.* 47. 6.) *Pro eo enim, quod habuiſti fiduciam in munitionibus tuis, & in theſauris tuis tu quoque capieris.* (*Ib.* 48. 7.)

EST. V.

Dois Miniſtros de Deos cheios de terra,
Cada qual no ſeu vaſo a Deos encerra.

Naõ ſeria juſto diſſimular taes circunſtancias deſte facto, para naõ expôr a Religiaõ ás mófas, e zombarias dos ímpios? Naõ he a corrupta prudencia do mundo, a que

que governa a Igreja de Deos. S. Paulo altamente clamava, que o myſterio da Cruz era eſcandalo para os Judeos, e para os gentios loucura; mas a huns, e outros igualmente o prégou. Neſte ſeculo ſe vê por toda a parte immenſa multidaõ de ímpios com os ſeus cathecumenos apoſtados a inſultar, e blasfemar de todo o culto ſagrado da Religiaõ, que chamaõ abſurda. Eſtes naõ veraõ neſte facto ſenaõ os abſurdos, que lhes dicta o Eſpirito do erro; mas o Catholico fiel verá hum ſignal, e demonſtraçaõ da ira de Deos. Será prudencia diſſimular? *Abſit. Verbum Crucis pereuntibus quidem ſtultia eſt, iis autem, qui ſalvi fiunt, Dei virtus eſt.*

EST. VI.

. . . . . *a penha dura . . .*
Echo alegre, e mui claro repetia.

Como tinhaõ deſcido do oiteiro, e ao lado lhes ficava hum monte, no canto de Tirſo opportunamente ſe faz menſaõ do *Echo*, fenomeno ordinario em ſimilhantes ſitios, ſegundo a doutrina do Poeta nas ſuas obras filoſoficas. *Echo* he vocabulo Grego, vulgarizado em todas as lingoas modernas. Com elle quizeraõ os Gregos denominar o ſom re-

reflexo, que reſulta das reverberações do ar, e que admiravaõ como portento de peſſoa encantada, e inviſivel, ou divindade, que repetindo, arremedava as vozes dos que fallavaõ. Daqui tiráraõ os poetas varias ficções engenhoſas, como Ovidio. (Lib. 3. Metam. v. 507.)

Planxere & Dryades, plangentibus aſſonat Echo.

O poeta Auſonio teve arte de deſencantar eſſa eſcondida divindade, e de a obrigar a deſcobrir-ſe, declarando:

Aeris & linguæ ſum filia: mater inanis,
Indicii vocem, quæ ſine mente gero.
Extremos pereunte modos a fine reducens,
Ludificata ſequor verba aliena meis:
Auribus in veſtris habito penetrabilis Echo;
Et ſi vis me pingere, pinge ſonum.

EST. IX.

Deſſa gram Cathedral ſahido havia
Tendo as veſtes do côro . . . . . .

A Epopea adopta ſimilhantes deſcripções, que na Tragedia ſaõ eſtranhas. Eſta faz lembrar a do poeta latino, quando deſcreve a appariçaõ de Venus em traje de caçadora. (Æn. Lib. 1. v. 320.)

. . . qua-

. . . . . qualis equos Threiſſa fatigat
Harpalyce, volucremque fuga prævertitur Hebrum.
Namque humeris de more habilem ſuſpenderat arcū
Venatrix, dederatque comam diffundere ventis,
Nuda genu, nodoque ſinus collecta fluentes.

EST. X.

Vinde os mortos (lhes diz) ſepultar antes

No poema *Lisboa edificada* Ulyſſes tambem ordena aos ſeus enterrar os mortos, que o mar tinha arrojado ás praias. (Cant. 2.° Eſt. 70.)

Refaçamos a armada, e com piedoſo
Affecto aos córpos, que na praia lança
O mar, demos ſepulcro eterno e breve,
Que c'os mortos piedade uſar ſe deve.

EST. XVII.

. . . . . *ligeiro vai voando*
O bom Tirſo, qual galgo nas campinas

Os que cuſtumaõ cenſurar com mais precipitaçaõ do que Crítica, imaginaraõ, que vem aqui hum galgo voando, como hum prodigio abſurdo; mas os que lerem com reflexaõ achaõ duas differentes imagens, das quaes cada huma, juntas como eſtaõ, ou ſeparadas, illuſtraõ o objecto, e o fa-

zem

zem mais ſenſivel; hum na hyperbole *voando*, que pela conſtrucçaõ da fraſe pertence ſó a Tirſo, outra no ſimil *qual galgo, &c.* que ſe entende ſeparado, como ſe o Poeta diceſſe: Tirſo corria com tanta ligeireza como huma ave voando, ou como hum galgo na carreira: e naõ ſe entende Tirſo vai voando, qual voa o galgo nas campinas.

Est. XIX.

A morrer ambos elles s'arriſcáraõ

Eſta heroica reſoluçaõ de animo, que muitos julgaraõ temeridade, e empreza, que o Author do Poema attribue a Tirſo e Miſſeno foi obra delle ſó, ſegundo as informações, que achei deſtes ſucceſſos. Faltáraõ a Ceſar acções deſta natureza para merecer aquelle ſublime encomio de Cicero: *Nihil habet, Ceſar, nec fortuna tua maius, quam ut poſſis, nec natura melius, quam ut velis ſervare quamplurimos.*

EST. XXIII.

Quatro peras, que hum delles lhes reparte...
Tudo a todos chegou por eſtranha arte.

Que coiſa mais tenue, e apoucada para a gravidade, e nobreza de hum poema heroico? Mas querer que hum tal poema ſeja perpetuamente hum tecido de ſucceſſos inauditos, e eſtrondoſos, he ignorar a Arte, he querer reproduzir o vicio das antigas novellas. Que perde o decóro de huma obra na ſimplicidade natural de certos objectos familiares, quando elles ſe offerecem em eſpectaculo no ponto de viſta mais favoravel ao intento do poeta? Perguntaráõ donde vem a dignidade e a nobreza ao objecto que aqui ſe deſcreve, *quatro peras*, &c.? A reſpoſta eſtá diante dos olhos: he ſer iſſo naquelles dias hum banquete

Mais famoſo, que quantos nas idades
Já paſſadas os Grandes offerecêraõ
Por fomento das ſuas vaidades.

EST. XXV.

Era a fome exceſſiva na Cidade

Conſequencia dos flagellos antecedentes, e por ſi meſma hum flagello aſsás terrivel, ſegundo a deſordem, e deſalento, em que ſe achava o povo, interrompido o exercicio dos negocios, contratos, e officinas; flagello geral, que chegou aos grandes e pequenos, como o poeta declara. Para impedir o progreſſo do mal logo ſe paſſou ordem ao Duque de Lafões Regedor das Juſtiças para que nomeados tantos Procuradores, quantos eraõ os bairros, por elles fizeſſe ajuntar forneiros e padeiros, que por medo andavaõ diſperſos, e procurar trigos, ouro e prata, tanto em moeda, como em peças, &c. Mandou-ſe ordem aos Magiſtrados dos Lugares vizinhos (Santarem, Villa-Nova, Alemquer, Mafra, Torres-Vedras, Caſcaes, Cintra, Oeiras) para que fizeſſem conduzir para a Cidade em barcos toda a farinha, que ſem encommodo dos moradores dos ditos paizes, ſe pudeſſe diſtrahir. O que aſſim ſe cumprio, e foi provido para a diſtribuiçaõ dos mantimentos em Lisboa o Marquez de Alegrete, ſervindo-o doze

Se-

Senadores eleitos para os doze bairros da Cidade.

EST. XXVII.

Cada qual ſe cobria com o que achava

Entre os eſpectaculos de grande admiraçaõ, que ſe viraõ, ſe conta certa Senhora illuſtre, que levava ſua filha a ſeu lado, a qual eſtava reduzida a taes extremos, que quando lavava a camiſa da filha, entretanto a envolvia no ſeu lenço, e quando mandava lavar o lenço, ſervia-ſe da camiza da filha.

EST. XXVIII.

. . . . . *reparando*
Nas barracas, qu'o lado lhe ficavaõ.

Os habitadores de Lisboa, que reſtáraõ de taõ fatal eſtrago, eſpavoridos ſe retiráraõ para os Suburbios, onde armáraõ barracas de panno, e paſſado algum tempo as edificáraõ de madeira. ElRei com a Familia Real quaſi hum anno habitáraõ em barracas de campanha no ſitio da Ajuda, onde eſtaõ os Jardins Reaes, huma legoa em diſtancia da Cidade.

EST.

EST. XXX.

Segue o povo de fórma deſuſada ...
A face macilenta e defecada

Deſcreve-ſe a Prociſſaõ de penitencia com as miudezas, e individuaçõeſ de caracteres de diverſas claſſes de peſſoas de maneira, que confirma a licença, que aos poetas ſe permitte em ſimilhantes lugares, quando a interrupçaõ naõ prejudica a ordem dos ſucceſſos. Mais breve he a deſcripçaõ do Poeta Latino, quando deſcreve a prociſſaõ das Damas de Troia ao Templo de Pallas; mas he brevidade juſta porque deſcrevendo o que Eneas via em cada quadro naõ podia exceder a veroſimilhança. (Æn. lib. I. v. 483.)

Interea ad templum non æquæ Palladis ibant
Crinibus Iliades paſſis, peplumque ferebant,
Suppliciter triſtes, & tunſæ pectora palmis.

EST. XL.

Ferve a obra: huns miniſtraõ promptamente
As toalhas . . . . . .

Ferve a obra, he expreſſaõ figurada, que exprime o reboliço de gente afervorada em alguma grande empreza. Os Poetas namoráraõ-ſe tanto deſta imagem, de que uſou o poeta Latino, que naõ perdêraõ occaſiaõ de a introduzir nos ſeus poemas, de ſorte, que até na converſaçaõ dos eruditos ſe ouve o *fervet opus*, como allegoria, para ſignificar, que ſe trabalha com diligencia e ardor em algum negocio. Ha razaõ para ſer taõ lembrada, porque Virgilio naõ menos de tres vezes a empregou nos ſeus famoſos poemas: 1.ª nas Georgicas (Liv. 4. v. 169.) deſcrevendo o trabalho das abelhas:

Fervet opus, redolentque thymo fragrantia mella

2.ª Na Eneida (Lib. 1. v. 440.) comparando os Carthaginezes com as abelhas: 3.ª na meſma Eneida (Liv. 4. v. 407.) onde faz comparaçaõ dos Troianos accelerando a partida do porto de Carthago com as formigas

. . . . . opere omnis ſemita fervet.

Taſſo

Taſſo na ſua Jeruſalem (Cant. 13. Eſt. 16.) fallando da reparaçaõ dos muros da Cidade:

Le turbe tutte, e cittadini, e ſerve
S'impiegan quì, l'opra continue ferve

Macedo no Ulyſſippo comparando a diligencia dos Gregos, trabalhando na fundaçaõ de Lisboa, com a das abelhas: (Cant. 14. Eſt. 79.)

Bem como na apraſivel Primavera
Sollicitas abelhas repartindo
Igual cuidado, architectura em cera
Vaõ com materia florida erigindo,
Ferve o commum trabalho, e naõ ſe altera
Brando rumor, fragrancias repetindo:
Aſſim com incanſavel peito ardente
Inſtava no edificio a grega gente.

. . . . . *huns miniſtraõ promptamente*
As toalhas, os outros agoa fria

Proſegue o detalhe da deſcripçaõ, de que como já declaramos ſe cuſtuma ornar a narraçaõ epica. Os que por nimia delicadeza de goſto acharem na enumeraçaõ deſtes pequenos miniſterios menos gravidade, poderaõ mudar de opiniaõ, confrontando outras ſimilhantes de Homero, e entre as de Virgilio aquella onde o poeta deſcreve o ban-

banquete dos navegantes Troianos. (Lib. II v. 214.)

Illi ſe prædæ accingunt, dapibusque futuris
Pars infruſta ſeccant, veribusque trementia figunt,
Litore ahena locant alii, flammaſque miniſtrant.

Cujo lugar imitou Macedo. (Cant. 14. Eſt. 78.)

Todos ſe esforçaõ com igual cuidado
A levantar dos muros o edificio.
Parte demarca o ſitio com o arado,
Parte de trazer pedras toma o officio,
Em quanto outros o tem mais arriſcado,
Que as forças ajudando c'o artificio,
Pedreiras rompem arrancando á terra
Os duros oſſos, que no ſeio encerra.

EST. XLI.

De tal ſorte em ſua alma s'imprimira
Deſte mundo e de Deos huma alta idéa

A mudança de Tirſo, que neſta, e na ſeguinte Eſtancia ſe annuncia, he ſymbolo de hum grande número de peſſoas de ambos os ſexos, e varias condições, que abraçáraõ os inſtitutos de vida mais ſeguros para a ſalvaçaõ.

EST.

EST. XLIV.

. . . aborrece o peccado de maneira
Que naõ póde pôr olhos na maldade

He o que proferio o Profeta Habacuc. 1. 3. *Mundi ſunt oculi tui ne videas malum, & reſpicere ad iniquitatem non poteris.*

EST. XLVIII.

E tu, louco Poeta do Optimiſmo

Serve de Epilogo, ou Peroraçaõ deſte Poema a invectiva contra Voltaire, onde ſe manifeſta o intento ſecundario da obra. Se alguem julgar eſta parte ſuperflua, ou alhea da obra, porque Homero, e Virgilio naõ fizeraõ outro tanto; por ventura ſerá iſſo baſtante para provar, que naõ he licito ao Poeta reſpirar com o ſeu Leitor, e moſtrar-lhe o termo, aonde ſecretamente ſe dirigia o ſeu intento?

Ora a sã razaõ eſcuta e ſaberás

Do meſmo modo argue Racini os ímpios: (Relig. Cant. I.° v. 10., e 12.)

La raiſon dans mes vers conduit l'homme a la Foy..
Vous donc, qui la vantez, daignez du moins l'entẽdre.

EST. XLIX.

Tu ſe vês ſó c'os olhos como os brutos

Nolite fieri ſicut equus & mulus, quibus non eſt intellectus. (*Pſ.* 31. 11.) *Vir inſipiens non cognoſcet, & ſtultus non intelliget hæc.* (*Pſ.* 91.)

Arrazando Lisboa em dois minutos

O maior tremor naõ durou mais, que dois minutos: o ſegundo ás onze horas, e o terceiro ás tres da tarde foraõ menores. O primeiro foi o que ſe ſoltou com maior furor, e cauſou o maior eſtrago.

CONCLUSAÕ.

Eſtas foraõ as reflexões, que ſe me offerecêraõ a reſpeito do preſente Poema, cu-

cujo aſſumpto, como he huma *Juſtificaçaõ das obras de Deos*, deve ſer hum monumento eterno da memoria dos homens, naõ ſó em Portugal, mas em todo o mundo; pois que de *Lisboa por Deos arrazada em hum momento*, com mais razaõ podia dizer o Poeta,

. . . . . Se eu podeſſe tanto
A' patria, ao mundo, á eternidade canto:

Do que outro, que cantou

A graõ Lisboa, e ſeus primeiros muros.
Lisb. Edific. Cant. 1.° eſt. 1.

Alguns quereriaõ, que eu igualmente notaſſe os defeitos como as bellezas da obra; mas eſta ſimples ſuſpeita naõ era motivo baſtante, que me obrigaſſe a taõ ardua empreza: além de que ha muitos ſeculos foi reſpondido para ſempre, e para todos:

... ubi plura nitent in carmine, non ego paucis
Offendar maculis, quas aut incuria fudit,
Aut humana parum cavit natura
A. P. v. 351.

DISSERTAÇAÕ

Sobre a cauſa natural do famoſo Terremoto de Lisboa no de 1755.

PROEMIO.

NAÕ ſaõ implicatorias, nem repugnantes as cauſas naturaes com a ſobrenatural, e ſuprema cauſa, que taõ claramente ſe manifeſta no governo deſte mundo, que habitaõ os homens. Tanto huma como as outras attende o Filoſofo Chriſtaõ: a cauſa ſuprema

ma lhe merece o ſeu maior reſpeito em todo o ſentido; as naturaes como dependentes, e ſubordinadas naõ excluem o ſeu exame, e prudente averiguaçaõ, até onde chegaõ as forças do entendimento humano. E como no Poema antecedente foi a noſſa empreza moſtrar as terriveis operações da Juſtiça, e Omnipotencia Divina no funeſto Terremoto, que deſcrevemos, a fim de que os homens cégos, ou allucinados reconheceſſem, e reſpeitaſſem aquella primeira cauſa; aſſim agóra moſtraremos os fenomenos, ou operações da natureza, inſtrumento, que continuamente ſerve á execuçaõ da ſantiſſima, e adoravel vontade do Ser Supremo nas obras da ſua juſtiſſima Providencia. Aſſim, ſe me naõ engano, ficará inſtruido, e contente o Filoſofo, e o Chriſtaõ. Para eſte fim pois ſerá dividido eſte Opuſculo em duas partes. Na primeira porei algumas obſervações prévias dos fenomenos, que occorrêraõ no Terremoto, de que ſe trata: na ſegunda darei as reflexões, que ſe eſtabelecem nas obſervações antecedentes.

PRI-

PRIMEIRA PARTE.

OBSERVAÇÕES,

Sobre as circunſtancias do Terremoto.

OBSERVAÇAÕ I.

ANTES do aballo, e tremor de terra, de ordinario ſe ſentia hum ſuſſurro ſubterraneo, á maneira do de muitos coches, que vinhaõ ao longe, e acabado eſſe tal ſuſſurro começava o tremor.

OBSERVAÇAÕ II.

O balanço deſte terremoto em diverſas partes foi de diverſo modo. No Convento do Eſpirito Santo, que habitavaõ em Lisboa os Padres da Congregaçaõ do Oratorio de S. Filippe Neri, havia certo corre-

redor grande, que hia na direcçaõ quaſi de Sul a Norte; era de altura mui grande, porque debaixo delle ficava o Refeitorio tambem de grande altura, e debaixo deſte dois andares de caſas, lojas, e ſobrelojas. A face deſte corredor olhava para o Caſtello, como ainda hoje ſe vê depois de reparadas as ruinas. Hum Padre, que ahi eſtava no ſeu cubiculo, ſentindo o tremor, ſaltou logo para o vaõ da ſua janella, e poſto ſobre huma caixa, que ahi tinha, e que entrava pelo vaõ deſſa janella, ſe agarrou aos feixos della. Mas foraõ taõ violentos os balanços da parede, que faltou de todo a abobada, e telhados, que ſobre ella ſe firmavaõ, e levou tambem o pavimento do corredor, e tudo foi abaixo.

Da meſma ſorte tambem a parede do cubiculo, onde eſtava o Padre ſacodio de ſi a caixa, que no ſeu vaõ até entaõ ſe conſervava; e o dito Padre teve animo de ſe conſervar em taõ deſmarcada altura agarrado ſempre aos fechos da janella, até que lhe deraõ ſoccorro. (1)

Daqui ſe prova com toda a evidencia, que alli o balanço foi de Naſcente a Poente.

O B-

(1) Eſte era o P. Joſé Clemente da Congregaçaõ, que falleceo de idade de mais de oitenta annos.

OBSERVAÇAÕ III.

A torre da Igreja de Noſſa Senhora das Neceſſidades dos Padres da Congregaçaõ de S. Filippe Neri, tem nos cantos quatro fogachos de cantaria, ſeguros por humas eſpigas de ferro no centro de cada hum. Hum deſtes fogachos balanceou de fórma, que dobrou a eſpiga de ferro, que o ſegurava, e aſſim ficou muitos tempos: indicio famoſo, e ſeguro, de que o balanço fóra de Sul a Norte.

Mas hum Pedreiro barbaramente deſejoſo de reparar as ruinas, endireitou o dito fogacho, perdendo deſte modo hum eterno monumento para a hiſtoria da direcçaõ deſte balanço.

OBSERVAÇAÕ IV.

No meſmo Convento das Neceſſidades eſtaláraõ varias pedras groſſas; o que dá prova de que tambem ahi o movimento foi debaixo para cima, movendo-ſe huma parte do terreno para cima mais que a outra, de fórma, que o pezo ſuperior carregaſſe deſigualmente ſobre as pedras, e por iſſo fizeſſe eſtalar as que ficavaõ em falſo.

Tambem na eſcada Conventual eſtalá-

raõ

raõ alguns degráos de cantaria, e no terceiro cubiculo contando da parte da torre, ainda hoje ſe vê a pedra horizontal, que divide a porta da bandeira, eſtalada de todo, e partida junto á hombreira. Ora he evidente, que quando huma hombreira da porta eſtava firme, ſe a outra deſcia para baixo, por ficar todo o pezo ſuperior em falſo devia eſtalar a pedra, naõ obſtante ſer bem groſſa.

Confirma-ſe eſta conjectura, porque immediatamente á fenda da traveſſa, ou pedra horizontal ſe vê na hombreira pela parte debaixo huma laſca de hum palmo: o que dá prova de que ſobre eſſa parte da hombreira he que carregou a traveſſa, quando eſtalou.

Confirma-ſe mais pelo que ſe obſervou na parede diviſoria deſſe cubiculo ao quarto, que ficou taõ rachada, que talvez ſe naõ acharia hum pé quadro inteiro. Ora iſto bem prova, que as diverſas partes deſſa parede de pedra e cal tinhaõ movimento irregular; porque ſe o movimento foſſe igual e no todo naõ podia ficar taõ eſmigalhada, mas ſó ſendo debaixo para cima podia ſuceder o que ſe vio.

OBSERVAÇAÕ V.

Na caſa de campo, que tem em Mafra o Illuſtriſſimo e Excellentiſſimo Marquez de Ponte de Lima, Mordomo-Mór, obſervei eu, que as Eſtatuas do Jardim tinhaõ as baſes todas inclinadas igualmente para huma parte; de fórma que a face da baſe de cada huma, que ſempre eſtivera parallela á rua do Jardim, depois do Terremoto ficou hum tanto inclinada para o lado; mas em todos elles igualmente inclinada: o que naõ podia ſer ſem que as Eſtatuas andaſſem algum tanto á roda de ſi meſmas.

E para iſto he indiſpenſavelmente preciſo, que remoeſſem ſobre hum canto da baſe; e iſto ſómente podia ſer deſte modo, em quanto a Eſtatua balanceava de tras para diante, firmando ſobre a eſquina de diante, vir outro balanço lateral, para ficar ſómente firme em huma extremidade deſſa eſquina remoendo toda a Eſtatua ſobre hum canto da baſe.

OBSERVAÇAÕ. VI.

Na Igreja de Matozinhos hum tanto longe da barra da Cidade do Porto, o frontiſpicio tem huma Cruz de pedra ſobre o remate da empena, e vio-ſe, que pelo terremoto ficou a pedra que fórma os braços da Cruz inclinada de maneira, que hum braço ficou mais para fóra, e outro mais para dentro, quando antes do tremor devia ficar parallelo á face do frontiſpicio.

OBSERVAÇAÕ VII.

Em Lisboa na rua, que vai da Ponte de Alcantara para Belem, ſe abríraõ tres fendas parallelas, que atraveſsáraõ toda a rua. A primeira diſtava da ſegunda ſete ou oito paſſos: a ſegunda diſtava da terceira dez ou doze. A abertura em cada huma ſeria coiſa de palmo e meio até dois palmos. Os vizinhos atteſtavaõ, que por ellas tinha eſpirrado agoa, com cheiro de enxofre, e quando eu ahi cheguei ainda vi o chaõ molhado nas bordas de cada huma dellas.

OB-

OBSERVAÇAÕ VIII.

Neſſe terrivel dia do terremoto houve repetiçaõ do grande tremor. O primeiro foi ás nove horas e tres quartos da manhã: o ſegundo ás onze da manhã: o terceiro ás tres da tarde. Obſervou-ſe, que meia hora, ou pouco mais depois de cada hum dos tremores ſuccedeo a intumeſcencia do mar; a qual naõ era acompanhada de vento algum. Em partes fugio muito o Tejo, e o mar deſcobrio praias, que nunca víraõ o Sol. Em outras partes entráraõ as agoas muito dentro da terra. Na Fabrica da polvora em Alcantara ficou encalhado hum barco, que lá foi ter, e na eſtrada, que dividia o Convento do Calvario das Religioſas Flamengas, dava a agoa pelo joelho a quem queria atraveſſar a rua para ſalvar a vida a algumas peſſoas do Calvario, que ſe refugiaraõ no Convento vizinho. Onde o ſitio era mais eſpraiado foi mais ſenſivel eſta fugida do mar, e igualmente a ſua invaſaõ.

OBSERVAÇAÕ IX.

Nas Ilhas da America Septentrional, que chamaõ *Antilhas* ſe achava Mr. Colonque meu amigo, Capitaõ de Navios, o qual

qual com grande admiraçaõ obſervou neſte dia, que o mar creſcia, e ſe elevava mais do ordinario nas praias orientaes daquellas Ilhas, e naõ nas praias occidentaes; cuja obſervaçaõ, me diſſe, fôra conſtante: e naõ ſe ſentio lá o tremor. He de ſaber, que como aquelle Arquipelago eſtá povoado de innumeraveis Ilhas, a face oriental de muitas eſtá mais longe da Europa, do que a face occidental de outras: e como iſto foi obſervaçaõ conſtante, devemos inferir, que o mar, que creſcia na face oriental, v. gr., da Martinica, e naõ na ſua face occidental, vinha da parte da Europa, e como ſó achava encontro nas faces orientaes das Ilhas, ahi ſe elevava, e paſſando pelos lados de cada huma, e levando elle o movimento para o occidente, deixava illeſas as faces occidentaes, que lhe ficavaõ atrás, e ſómente encontrando novo obſtaculo na Ilha, que lá mais longe ſe lhe offerecia, he que podia elevar-ſe pelo encontro no obſtaculo. Do que, ao que me parece, ſe collige, que o mar movendo-ſe do Oriente para o Poente com movimento placido, e pauzado, he que podia fazer aquellas elevações, que ſe experimentáraõ nas *Antilhas.*

Iſto quanto aos fenomenos mais verdadeiros, e conſtantes, que ſe obſerváraõ no Terremoto: agora examinaremos a cauſa deſ-

ſes

ſes meſmos fenomenos, e ſerviráõ como de reſpoſta ás queſtões, que ſe deduzem das antecedentes obſervações, vem a ſer:

1.ª Porque cauſa antes de vir o tremor ſe ſentia aquelle medonho ſuſſurro?

2.ª Donde procedia aquella diverſidade do abalo no terremoto?

3.ª Donde procedia o abalo de Sul a Norte?

4.ª Como podia ſer o movimento debaixo para cima?

5.ª Como ſe concorda a mudança que ſe vio nas eſtatuas com os ditos movimentos?

6.ª Que he o que fez a mudança que ſe vio nas traveſſas das cruzes, que ſerviaõ de remate do frontiſpicio das Igrejas?

7.ª Que he o que cauſou as fendas, que abrio a terra no tremor, e agoa que de ſi lançavaõ?

8.ª Donde naſceo depois do tremor a intumeſcencia, retroceſſo, e innundaçaõ do mar?

9.ª Como podia ſer ſenſivel nas *Antilhas* eſta intumeſcentia, e fóra da Europa?

SE-

SEGUNDA PARTE.

REFLEXÕES,

Sobre as cauſas dos effeitos referidos.

NAÕ ha coiſa mais propria dos Filoſofos do que pelos effeitos indagar as cauſas, que ſegundo as Leis da natureza os podem produzir. Firmados pois nas obſervações antecedentes, e nas leis do movimento, que a Mechanica nos enſina, agora eſtabeleceremos varias verdades.

I. VERDADE.

Primeiramente eſte notavel fenomeno do Terremoto naõ podia naſcer, ſenaõ da inflammaçaõ ſubterranea originada da miſtura de Mineraes, como conſta das operações Chimicas; pois que coiſa fria, manſa, e quieta naõ póde produzir ſimilhante aballo,

e

e tal que de algum modo ſe fez ſentir nas quatro partes do mundo.

Logo

No tempo do tremor houve inflammaçaõ ſubterranea, que durou, em quanto durou o abalo.

II. VERDADE.

Eſta inflammaçaõ ſubterranea dependia de que os mineraes eſtiveſſem no ponto preciſo para ſe inflammarem; e como nas diverſas concavidades, em que ſe achavaõ ſeria diverſo o gráo de diſpoſiçaõ para a inflammaçaõ, diverſo o tempo, e ora aqui, ora alli ſe faria a inflammaçaõ no meſmo tempo ſenſivel:

Logo

O tremor podia ſer ſucceſſivo, communicando-ſe de huma a outra caverna a inflammaçaõ: e ſendo muitos os focos ſubterraneos, podia ſer differente o balanço em varias partes de Lisboa, como ſe vê na obſervaçaõ II., e III.

III.

III. VERDADE.

Neſta inflammaçaõ forçoſamente ſe havia de expellir ar, agoa, e gaz inflammavel, que ſe dilataſſe no tempo da inflammaçaõ; e eſte fluido dilatado com força e paſſando pelas fendas dos rochedos, e paſſagens eſtreitas, havia de fazer o ſuſſurro ſubterraneo, que ſe ſentio no tempo do tremor, e antes delle.

Logo

Temos explicado o ſuſſurro, e o devemos attribuir ao ar, e agoa reſolvida em vapor, e ao gaz inflammavel, que ſe accendeo.

IV. VERDADE.

Nós ſabemos, que a agoa quando ſe reſolve em vapor quente ſe dilata por hum eſpaço 14 mil vezes maior do que occupava no eſtado de agoa, como cada qual póde obſervar facilmente com huma garrafa das que trazem vinho de Florença, ſeguindo o methodo do Abbade Nollet.

Tambem ſabemos, que a força do vapor quente he maior, que a da polvora acceza dez vezes, ſegundo as experiencias do inſigne Muſchembroek.

Sabemos pelas experiencias de Mr. de Vauban, qual he a força da polvora acceza.

Sabemos os horriveis, e paſmoſos effeitos do gaz inflammavel pelas experiencias quotidianas.

Ajuntando agora todos eſtes fluidos em acçaõ por cauſa da inflammaçaõ ſubterranea, ar, vapor quente, gaz inflammavel, pois que tudo iſto temos nas entranhas da terra, devemos crer huma extraordinaria dilataçaõ, e violentiſſima, como ſuccede na polvora acceza, e no vapor quente, ainda maior dez vezes, e no gaz inflammavel.

Logo

No tempo em que eſtes mineraes, e fluidos eſtiveſſem em acçaõ, forçoſamente havia de haver grande dilataçaõ nas cavernas ſubterraneas.

Logo

Ou as paredes lateraes das cavernas ſe haviaõ de affaſtar, ou o téćto havia de ſubir, e levantar-ſe o terreno de Lisboa, em quanto duraſſe a inflammaçaõ: e eis-aqui a cauſa das tres fendas parallelas, que ſe abríraõ na eſtrada de Alcantara. (obſervaçaõ VII.)

Lo-

Logo

As agoas, que banhavaõ eſſe terreno; que ſe levantou, haviaõ de fugir, e deſamparar o cuſtumado leito.

Logo

Tornando o Terreno de Lisboa a aſſentar no ſeu lugar antigo, as agoas, que das ſuas praias tinhaõ fugido, haviaõ de buſcallas de novo.

Logo

A' maneira do Pendulo, que vem buſcar o perpendiculo, e ſe levanta da outra parte, quanto deſce da primeira; aſſim as agoas, vindo com impeto buſcar as praias, que deſamparáraõ, haviaõ de entrar muito dentro.

Logo

Eſta invaſaõ das agoas ſe havia de repetir tantas vezes, quantas houveſſe nova inflammaçaõ, novo tremor, nova elevaçaõ do terreno.

Logo

Temos explicado, como naquelle terrivel dia aos tremores das dez, e das onze horas da manhã, e das tres da tarde succedêraõ tres invasões do mar, ſegundo a obſervaçaõ VIII.

V. VERDADE.

Nós ſabemos, que as oſcillações dos Pendulos, quando cahem, e ſobem, gaſtaõ certo tempo deſde que começaõ a deſcer, e acabaõ de ſubir, ſendo o tempo de toda a oſcillaçaõ proporcionado á altura, a que o Pendulo ſubio. Ora iſto meſmo he o que ſe obſervou na invaſaõ do mar, que tardou coiſa de meia hora depois de cada tremor, tempo preciſo para agoas irem, e voltarem, por ficar já o terreno no ſeu lugar antigo; como ſuccede, quando inclinamos huma bacia com agoa, e a levantamos de hum lado, e depois a deixamos aſſentar, como eſtava.

Logo

Temos explicado como o mar naquelle dia fugio das praias, e depois entrou com furia muito dentro da terra.

Lo-

Logo

Temos explicado como eſta invaſaõ do mar naõ era com vento, nem borraſca, mas com undulaçaõ manſa, e juntamente fortiſſima por ſer de huma immenſa porçaõ de mar.

Logo

Temos explicado, como o mar, que fugio das praias occidentaes de Lisboa, tomou a direcçaõ para o Poente, e encontrando as *Antilhas*, havia de fazer embate nas faces dellas, que olhavaõ para a Europa, e por nenhum modo nas outras, que naõ ſe oppunhaõ ao ſeu movimento, ſegundo a experiencia de Mr. Colonque, que ahi eſtava. (obſervaçaõ IX)

Logo

Sendo tres os principaes tremores da terra naquelle dia, tambem haviaõ de ſer tres as elevações do ſolo, ou terreno de Lisboa, tres as fugidas do mar deſamparando as praias; e paſſado o intervallo preciſo para a oſcillaçaõ, e volta das agoas, por ter aſſentado o terreno no ſeu lugar antigo ha-

haviaõ de ſer tres as invasões do mar, como de facto ſuccedeo. (obſervaçaõ VIII.)

VI. VERDADE.

Como o ſolo, ou terreno de Lisboa naõ he de huma peça fixa, ou inteiriça, mas de muitos rochedos encadeados com materias heterogeneas, he crivel, que levantando-ſe tudo pela fermentaçaõ inferior, huns rochedos ſubiriaõ mais do que outros, ou por terem debaixo de ſi maior fermentaçaõ, ou poderem ceder mais á ſua força; e deſſe modo as paredes, ainda ſem cahirem, ficáraõ taõ moidas, e rachadas, que naõ havia dois pés em quadro ſem raxa. E eis-aqui como as pedras de cantaria nos degráos das eſcadas, e vergas das portas podiaõ eſtalar; porque em quanto huma parte eſtava em ſima, e entalada, a outra ficava em falſo, e eſtalava.

Logo

Temos explicado eſte effeito, que conſta da obſervaçaõ IV.

VII. VERDADE.

Como as cavernas inferiores, em que ſe formou a fermentaçaõ, e effervéſcencia, ſe com-

communicavaõ com outras, em que havia agoa, eſta havia de ſer expellida com força, e levar o cheiro de enxofre, que certamente havia de ſer hum dos ingredientes para a fermentaçaõ;

Logo

Temos modo de explicar a razaõ, por que nas tres fendas parallelas, que ſe abríraõ na eſtrada de Alcantara para Belem, ſahio agoa com cheiro de enxofre, como conſta da obſervaçaõ VII.

FIM.

APPENDIX

AO POEMA

DE

LISBOA DESTRUIDA,

PELO P. T. A. C. O.

PROLOGO.

O Impio Voltaire na ſua obra, que intitulou *le Candide*, ou *L'optimiſme*, tomou por empreza impugnar a Pope, quando diz que Deos no governo deſte mundo ſempre faz *o melhor*, e ſerve-ſe do Terremoto de Lisboa para o impugnar. Eſta obra impia vindo ás minhas mãos me inflammou para moſtrar os muitos bens, que Deos fez neſte grande Terremoto, o que de algum modo ſe conhece no Poema da *Lisboa Deſtruida*, e ſuas notas. E como hum dos Bens que Deos fez naquelle triſte caſtigo, foi voltar muitas almas para o caminho da perfeiçaõ, com edificaçaõ até daquelles que os naõ imitáraõ, julguei conveniente ajuntar aqui como Appendix a heroica reſoluçaõ de huma Dama do Paço, illuſtriſſima por todos os motivos, que deixando a Corte, e hum caſamento por todos os modos eſtimavel, ſe ſepultou em hum clauſtro religioſo, com geral edificaçaõ de todos; e eſte ſucceſſo me pareceo proprio para comprovar o que no Poema diſſera. Vale.

APPENDIX

AO POEMA

DA

LISBOA DESTRUIDA.

I.

Eu cantei de Lisboa o deſgraçado,
Triſte fim, mas a luz ſuperior
Minhas lagrimas tem muito enchugado;
Porque Deos niſſo tem feito o melhor.
Attributos Divinos tem moſtrado,
Os quaes ſaõ ſeu Divino reſpendor;
Quero agora cantar ſua Clemencia,
Pois que tem no rigor Benevolencia.

II.

Tu que lá deſſas nuvens obſervaſte,
Anjo ſanto, que muitas almas puras,
Cujos rogos a Deos prompto levaſte,
Deteſtáraõ viver com as creaturas:
Dá-me a luz, que de Deos tu me alcancaſte;
Para que eu vá cantar, que vaõ ſeguras,
Entregando ao Senhor as ſuas vidas,
Que a naõ ſer Deos taõ bom eraõ perdidas.

III.

Muitas vi que o Senhor tinha cuberto
Com eſcudo benigno, caſtigando
Muitos mil em redondo, e muito perto
Suas vidas da morte preſervando.
Deſtas almas algumas no Deſerto
Acabáraõ a vida, outras voando
Para os Clauſtros fugíraõ mais eſcuros,
Enterrando-ſe dentro de ſeus muros.

IV.

Porém huma entre muitas diſtinguia,
Que mais gloria a ſeu Deos tem tributado;
Pois que a gloria, e a pompa em que ſe via
Com valor a ſeus pés já tem calcado.

Eſta pois excitou a Melodia,
Com que a Muſa os ſucceſſos tem cantado,
Que lhe deraõ motivo a tal fugida,
Que de muitas talvez ſerá ſeguida.

V.

Numa tarde calmoſa caminhava,
E de hum longo caminho bem cançado
Para hum boſque ſombrio, que aviſtava
D'arvoredo mui freſco, e mui copado.
Com bem calma entrei nelle, e deſcançava
Lá na relva o meu corpo fatigado,
Eſperando no Sol mais piedade,
Pois queimava com muita actividade.

VI.

Os paſſaros com calma o bico abriaõ,
Eſcondidos nas ramas mais fechadas;
Lagartichas ligeiras ſe eſcondiaõ
Nas arvores já velhas, e quebradas.
E pendentes dos ramos ſó ſe ouviaõ
As cigarras mui roucas, e cançadas;
Os ſeus écos no boſque reſoavaõ,
E cuidando ver outras mais cantavaõ.

VII.

Eisque vejo hum concurſo numeroſo
De Berlindas, e Coches, que a poeira
Levantavaõ co' curſo furioſo
Dos brutos, que paſſavaõ de carreira.
Voavaõ: porém hum mais vagaroſo,
E mais rico, paſſava de maneira,
Que ſe via quem dentro em ſi levava;
Porque menos poeira levantava.

VIII.

Neſtas horas o Sol já remettia
O calor de ſeus raios, e paſſando
Pouco eſpaço de tempo já ſe via,
Que as eſtradas ſe vinhaõ innundando.
Toda a Corte apreſſada concorria,
Nos caminhos o povo atropelando,
E huns homens, que perto me paſsáraõ,
O motivo do caſo me contáraõ.

IX.

Huma Dama do Paço vem fugindo
Do mundo, que a buſcava liſongeiro;
Mas agora eſſe mundo a vem ſeguindo,
E ſe esforça ao combate derradeiro.

Neſ-

Neſta pompa, e liſonja eſtá fingindo,
Que até agora era amigo verdadeiro;
Mas a Dama triunfa em poucos annos
Deſſe mundo, e de todos ſeus enganos.

X.

Eu de caſo taõ novo arrebatado,
Me metti no concurſo; e perguntando
Me inſtrui do ſucceſſo, e tranſportado
Totalmente de aſſombro fui ficando.
Quando a vi com meus olhos, penetrado
Eu naõ ſei de que affecto, rebentando
De meus olhos as lagrimas cahiaõ;
Pelas faces abaixo me corriaõ.

XI.

Numa idade mui tenra, e delicada,
Eſta Dama mimoſa era querida
Da Nobreza, de todos adorada,
Pelas prendas, de que era enrequecida.
Eſta Dama quando era mais buſcada
Deixa a Corte, e o Mundo, deixa a vida,
Enterrando-ſe dentro da Clauſura
Apertada, que he quaſi ſepultura.

XII.

Eſpoſo illuſtre deixa, e mui prendado;
Pois que o ſangue, e amor, o tinhaõ feito
Mais que a vida querido, e mais amado
Eſpoſo que vivia no ſeu peito.
Deſpreza grande caſa, hum Marquezado,
Huma caſa a que o mundo tem reſpeito;
Tudo deixa por Chriſto, e bem quizera
Inda mais deſprezar, ſe mais tivera.

XIII.

Deixa o Paço, eſſe Paço por que morrem,
Os que vivem por honras ſuſpirando;
Os que á roda dos muros, já diſcorrem,
Já paraõ, pedras mudas adorando:
Os que obſervaõ as portas, os que correm
Como gamos ligeiros, em ſonhando
Se lhes abre a fortuna alguma entrada;
Sem querer conhecer que foi ſonhada.

XIV.

Deixa os Reis cujo agrado merecia,
Pelas prendas que nella ſe notavaõ;
E no trato frequente bem ſe via
Quanto as prendas da Dama lhe agradavaõ:

Com que dor a licença que pedia
Magoados lhe deraõ! Mas achavaõ,
Que era juſto deixar os Reis humanos,
E ſeguir os impulſos Soberanos.

XV.

As Infantas deixou, a quem ſervia
Com carinho, cuidado, e com deſvelo;
Eſſe agrado que nellas conhecia
Naõ podia deixar de conhecelo.
Amava-as dentro da alma, e bem queria
Com ſervillas mais tempo agradecelo;
Mas deixou-as: oh quanto lhe cuſtava,
E naõ ſendo por Deos, naõ as deixava

XVI.

Deixa os Pais: Pais amantes que a adoravaõ,
Porque viaõ de perto quanto havia
Que eſtimar neſta Filha: elles paſmavaõ,
Vendo as prendas que a Filha poſſuia:
Ajuntava eſſas prendas que eſtimavaõ,
E que a ſorte por muitos repartia,
A graça e natureza tinhaõ feito
Neſta Filha hum modelo mui perfeito.

XVII.

Deixa a Corte, os Parentes, a Nobreza,
Deixa as galas, a pompa, o luzimento;
Deixa o mimo, o regalo, e a grandeza
Do trato, deixa em todos ſentimento.
Deixa o Povo que a amava, e com fineza
Tinha vindo choroſo em ſeguimento;
O mundo todo deixa, ſe o quizera
Goſtoſo todo o mundo ſe lhe dera

XVIII.

Foje pois, deixa o mundo, a Deos ſe entrega,
Do diluvio fugindo eſta alma pura;
Como Pomba innocente naõ ſocega
Senaõ na Arca fechada da Clauſura.
Vendo o mundo alagado, ſó ſe emprega
Em fugir de tocar na terra impura:
Ligeira bate as azas, e voando
Deſejos de a ſeguir nos vai deixando.

XIX.

Naõ fizeraõ pois nada os que quizeraõ
Ir viver neſſas ſerras elevadas
Entre as penhas, que as féras naõ puderaõ
Aturar por ſer frias e geladas:

Na-

Nada foi ſe nas covas ſó comêraõ
As raizes das pedras arrancadas;
Muito mais que tudo iſſo faz agora
Huma Dama do Paço, huma Senhora.

XX.

Nada faz quem nos membros já quebrados,
Que mal podem co pezo de huma idade
Dilatada, carrega mui pezados
Golpes, e que os cilicios ſem piedade
Muito apertaõ nos membros já mirrados,
Uſando até com os oſſos crueldade,
Se offerece aos rigores da clauſura
O ſeu corpo innocente eſta alma pura.

XXI.

As lagrimas dos olhos derramadas,
Eſſe ſangue das coſtas eſcorrendo,
He preciſo a lavar almas manchadas
Dos peccados que andáraõ commettendo.
As raizes antigas arraigadas
Na ſubſtancia das almas, ſó querendo
Ferir, cortar ſem dó, nem ter piedade,
Se podem arrancar com brevidade.

XXII.

Mas a Dama innocente que naõ tinha
Das culpas mais que o medo, que vivendo
Em total liberdade ſe continha
Nuns limites bem curtos, e tremendo,
Cada paſſo que dava ſe detinha
Receando offender a Deos, e vendo
Ou ſonhando ſer contra a ſantidade,
A ſi meſma tirava a liberdade.

XXIII.

Huma Dama do Paço que mettida
No tumulto da Corte e na torrente
Furioſa do mundo, he combatida
De amor, finezas, honra juntamente,
Que do vento e liſonja he perſeguida,
Que arraſtra para a culpa a tanta gente;
Mas immovel perſiſte na Lei ſanta
Sem já mais ter cedido a força tanta.

XXIV.

Eſta Dama mimoſa e delicada,
E nos annos taõ tenros deſſa idade,
Se faz guerra a ſeu corpo declarada
Guerra aos olhos, á lingua, á liberdade;

Guer-

Guerra viva cruel, guerra apoſtada
A' memoria, ao juizo, e á vontade,
A's armas ſe arremeça e bem deſeja
Derramar o ſeu ſangue na peleija.

XXV.

Cortada ſe quer ver das diſciplinas,
Dos cilicios ferida e maltratada,
Mettida nas humildes officinas,
Quer viver eſcondida e deſprezada;
As vigilias, jejuns, eſſas ruinas
A vivenda taõ pouco accommodada
O veſtido groſſeiro, a cama dura
Apetece, em fim buſca a ſepultura.

XXVI.

Deſte modo eu fallava, e recubrado,
Já do aſſombro e do paſmo, fui notando
Os ſemblantes da Corte, e com cuidado
Nas palavras e géſtos reparando.
Vi que a todos os tinha penetrado
Sentimento geral, e ſuſpirando,
Humas vezes do caſo s'admiravaõ,
Outros lagrimas triſtes derramavaõ.

XXVII.

Entre todos hum via mais ſentido
E de pena intrior mui treſpaſſado
Palido roſto, triſte, e deſcahido
O ſemblante ſombrio e carregado:
Bem moſtravaõ ſeus olhos ter ſervido
De lagrimas ſem conto ter chorado:
Mudo eſtava e ſuſpenſo diſcorrendo
Só comſigo, os ſeus olhos nunca erguendo.

XXVIII.

Cortava o coraçaõ ver tal figura
Porém tinha aſsás cauſa da triſteza:
Perdia para ſempre huma ventura
Que buſcára ha ſinco annos com firmeza
Neſta Eſpoſa perdia formoſura
Virtude, ſangue illuſtre, e madureza
Perdia o goſto a tudo, e tudo dera
Se ſómente eſta Eſpoſa naõ perdêra

XXIX.

Mil queixas, me differaõ lhe formára,
Para ver ſe arguindo a reduzia;
Mas a Dama moſtrando que eſtimára
Seu amor noutro tempo, reſpondia;

Que

Que ella agora por ſi naõ duvidára
Dar-lhe a maõ; mas que Chriſto lha pedia;
Que era crime enjeitar hum tal Eſpoſo
O mais rico, o mais nobre, o mais formoſo.

XXX.

Se me amaſtes amei-vos (lhe dizia)
Tenho pago eſſe amor como he devido:
Outro amor inda agora principia
A pagar-ſe, ha de ſer correſpondido.
Deos me quer por Eſpoſa, Elle bem via
Ser indigna, inda aſſim quer ſer ſervido:
He meu Deos, Pai, e Eſpoſo juntamente
Todo o amor lhe he devido inteiramente.

XXXI.

Deixei-vos, mas por Deos; naõ vos offendo
Eis-aqui quem me leva o meu cuidado:
O Mundo todo em pezo offerecendo
Quanto tem, naõ me houvera ter voltado.
Mais que a vós, ſó meu Deos eſtimo; e ſendo
Deos quem he, naõ ficais vós ultrajado.
Deſcançai que deſpreza o mundo todo
A que chega a deixar-vos deſte modo.

XXXII.

XXXII.

Condemnais-me de falſa, e de inconſtante?
Porque a vós vos deixei? Iſto he peccado
Contra as leis da firmeza e d'hum amante
Coraçaõ! Que mal tendes opinado!
Eu morro para o mundo neſte inſtante:
Meu amor até agora tem durado:
Por ventura ha de haver amor mais forte
Que o que chega a durar até á morte?

XXXIII.

Deixei-vos, mas por quem? Se ponderaſſeis
Como agora o que nego vos compenſo,
Eu ſeguro que vós naõ deſejaſſeis
Outra paga do amor, poſto que intenſo.
Certa eſtou que eſta acçaõ vós me louvaſſeis
No voſſo lugar entra hum Deos imenſo
Quanta gloria ſerá teres gozado
Do lugar que de Deos he occupado!

XXXIV.

Deſte modo fallava a Dama e vendo,
Que razões naõ podiaõ conſolallo,
Os ſeus olhos ó Ceo devota erguendo
Falla a Deos para aſſim deſenganallo.

Voſ-

Voſſa Eſpoſa já ſou: eu naõ pertendo
Que o mundo me deſculpe aſſim deixallo:
Amar-vos quero a vós unicamente
Que outro amor em meu peito he indecente.

XXXV.

Huma vida me deſtes; e devia
Só por iſſo, adorar-vos com verdade;
Mas entaõ minha infancia m' impedia
Ponderar eſſa voſſa grã Bondade.
Mas agora eſſa vida (que eu perdia
No deſaſtre geral) com piedade
Ma tornaſtes a dar: agora quero
Provas dar deſte amor que he bem ſincero.

XXXVI.

Voſſa Maõ poderoſa me arrancou
D'entre as garras da morte, e conſidero
Que de novo no mundo me creou
Quando já com mais luz iſto pondero.
Tendo pois eſta luz que me illuſtrou
Devo ſer toda voſſa, e niſto quero
Que ſe veja que morro neſte inſtante
Para quem noutro tempo fôra amante.

XXXVII.

XXXVII.

Parabens coraçaõ que tens Eſpoſo
Que finezas por ti tantas tem feito
Que já mais ninguem fez, que gencroſo
Deo a vida por ti; deo-te o direito.
Ao ſeu Reino, a ſeu Throno glorioſo
Só te pede o amor o mais perfeito
Ah que amor tu lhe deves, coraçaõ?
Ao Eſpoſo do Ceo, a outro naõ.

XXXVIII.

Sim meu Deos: eu vos tomo deſde agora,
Por Senhor da minha alma inteiramente,
Do meu corpo e vontade, que ſenhora
Até agora tem ſido totalmente.
Voſſa eſcrava hei de ſer, e ſem demora
A Vós toda me entrego livremente
Sois Senhor deſte voſſo coraçaõ:
Governai, pois que o tendes já na maõ.

XXXIX.

Com valor eſta Dama aſſim quebrava
Os grilhões com que o mundo pertendia
Prendella: reſoluta ella cortava
Por carne, ſangue, amor, tudo rompia:

Co

Co as prizões com que o mundo a ſegurava,
A' clauſura ella a raſtros o trazia;
E quebrados, foi golpe taõ ſenſivel
Na Corte que a ninguem ſe fará crivel.

XL.

A Corte toda eſtava enternecida
Muitas lagrimas triſte derramando,
Deſte golpe ſua alma mui ferida
Pelos olhos ſe eſtava deſangrando:
Semblante triſte, lingua emudecida
Os parpados inchados enxugando;
E no Povo ſe tinha derramado
Ternura e ſentimento deſuſado.

XLI.

Hum ſemblante ſómente d'alegria,
Entre todo o concurſo ſe notava:
Era a Dama que vinha neſſe dia
Taõ alegre que a todos admirava.
Do fundo da ſua alma lhe naſcia,
O prazer que cá fóra trasbordava
Os olhos, o ſemblante, e todo o geſto
Eraõ da alma hum retrato manifeſto.

XLII.

Parecia que eſtava reſumida
No ſeu roſto a alegria, que eſpalhada
Pela Corte ſeria bem creſcida;
D'antes era nos trages deſcuidada,
Mas agora pertende que excedida
Naõ quer ſer de ninguem; pois apoſtada
Nos enfeites procura deſſe modo
Declarar o ſeu goſto ao mundo todo.

XLIII.

Qual torrente detida que engroſſando
O volume das aguas, e creſcendo,
Contra os diques carrega e forcejando,
Os encurva com o pezo e vaõ gemendo,
E com forças imenſas arrombando
Eſtacadas e diques, vai correndo;
Allaga, innunda os campos de repente,
Tudo muda de face inteiramente.

XLIV.

Deſte modo na Dama acontecia
A torrente de gozo reprezada
Nos diques da demora, naõ podia
Já ſoffrer huma eſpera dilatada:

Eis-

Eisque toda de golpe neſſe dia
Innundava a ſua alma, e na levada
Coraçaõ, e ſentidos affogando,
Pelos olhos ſe via trasbordando.

XLV.

Neſte tempo dois velhos que encoſtados
Na parede fronteira eſtavaõ vendo
O ſucceſſo, ſuſpenſos e paſmados
Lá comſigo os ouvia diſcorrendo:
Cheguei-me de mais perto, e ſaudados
Na materia preſente os fui mettendo:
No principio diſcurſos naõ formavaõ
Cá comigo, mas antes perguntavaõ.

XLVI.

Ambos eraõ de aſpecto veneravel
Habito pobre, roſto penitente,
Barbas compridas, geſto muito affavel;
E fallavaõ modeſtos brandamente.
O mais velho dotado de notavel
Solidez de diſcurſo, e mui prudente,
Diſcorrendo comnoſcos ponderava
As cauſas por que tanto ſe admirava.

XLVII.

Nós deixamos o mundo já cançados
De o gozar quanto as forças permittião,
Das flores mais mimoſas de ſeus prados
Nos coroámos até que deſcahião:
Se murchavaõ, de novo affadigados
Novas flores nos prados ſe colhião
E ſó quando de todo ſe murcháraõ
He que noſſas fadigas ſe acabáraõ.

XLVIII.

Mas a Dama deſpreza o mundo, quando
Eſſe mundo a brindalla principia:
As flores mais formoſas ajuntando
Huma coroa a mais linda lhe tecia:
Debaixo de ſeus pés vai deſprezando
Eſſas flores que alegre lhe trazia
Piza o mundo na flor da mocidade
Quando o mundo tem mais amenidade.

XLIX.

Se deixamos o mundo foi ſómente;
Quando o mundo nos tinha já deixado:
E deixou-nos (ah falſo) ingratamente
Servindo-o nós com brio, e com cuidado.

Eſte corpo de raſtos fielmente
O ſervio: eſtá poſto neſte eſtado
Sem mais premio me dar ſenaõ deixar-me
Motivos para aſſim deſenganar-me.

L.

Huma cara do mundo liſongeira
M'enganou muitos annos, fui ſervindo
Mas depois foi taõ feia a derradeira
Que moſtrou, que medroſo eu vim fugindo.
Tarde foi porque a Dama mais ligeira
Logo foge do mundo quando lindo
Semblante eſtá moſtrando e mui riſonho
Confuſo fico agora e m'envergonho.

LI.

Pelas faces o pejo derramando
Me envergonha: contente me moſtrava,
Quando o mundo deixei ſendo louvado
Déſſa acçaõ que por grande eu reputava
Huma ſorte infeliz tinha deixado
Mundo ingrato, que quanto mais o amava
E ſervia, mais elle carrancudo
Com deſprezo e rigor pagava tudo.

LII.

Vejo agora pizar com pé valente
As fortunas mais altas que os mundanos
Procuraõ; que da mais illuſtre gente
Com fagida ſe elcançaõ em muitos annos.
Deſpreza a Dama e deixa juntamente
Tudo quanto ſe eſtima entre os humanos;
E por certo que mais ella deixára,
Se mais alguma coiſa s'eſtimára.

LIII.

Neſte ponto os dois velhos naõ pódiaõ
Já conter-ſe mais tempo, em fim ſoltando
De ſeus olhos as lagrimas cahiaõ
Suas barbas compridas ſalpicando.
As vozes do mais velho interrompiaõ
Suſpiros porque eſtava rebentando,
Deſpedio-ſe ligeiro, e de repente
Se eſcondeo de meus olhos entre a gente.

LIV.

O outro que reſtava tendo ouvido
O diſcurſo do velho, e receando,
Que o fervor de repente concebido
Imprudencias lhe foſſe motivando

Deſ-

Deſpedio-ſe de mim mui compungido
O bom velho na turba procurando:
Puzeraõ-ſe ó caminho c'os cajados
Para a ſerra onde vivem retirados.

LV.

Desfeita deſte modo a companhia
Dos dois velhos, voltei-me com cuidado
Para ver o que a Dama entaõ fazia;
Mas veſtida já eſtava noutro Eſtado
Deſſas galas e joias que trazia
Para ſempre ſe tinha deſpojado,
Com a mortalha veſtida taõ contente,
Que alegria cauſava em toda a gente.

LVI.

Bem como a Ave innocente, qu'eſcapando
Dos laços que rompêra, vai fugindo,
Mais que a ſeta ligeira, e vai voando
Muitos giros nos ares repetindo;
Poſta n'arvre fronteira, deſcançando
Deſſes laços quebrados ſe eſtá rindo;
Nem ſe farta de olhar para o perigo
Que na rede lhe armára o inimigo.

LVII.

Eis-ahi como a Dama ſe gabava
De romper eſſa rede que a prendia
Cá no mundo, e liberta já voava
Cantando de prazer, e d'alegria
Para o mundo riſonha ſe voltava
Lá de dentro, e dos laços já ſe ria,
Celebrando contente a liberdade,
Que buſcára com tanta anciadade.

LVIII.

Entre tanto o concurſo deſgoſtoſo
Se parte: foge o mundo envergonhado
Vai confuſo, corrido, e mui choroſo
Por vencido ſe ver o deſprezado:
Eſperava voltar victorioſo
Havendo as forças todas empenhado;
Mas venceo no combate derradeiro
Huma Dama mimoſa o Mundo inteiro.

LIX.

Eu fiquei-me paſmado contemplando
No que víra, e por tempo dilatado;
Mas a noite que vinha já chegando
Me fez pôr a caminho com cuidado.

Ca-

Caminhava, mas hia meditando
Parava a cada paſſo alienado;
Cuidando no ſucceſſo e diſcorrendo
Cá comigo a mim meſmo hia dizendo.

LX.

Grande exemplo nos deixa eſta alma pura
Aos que o mundo abraçamos; quantos quantas
Apóz della ſe iraõ para a clauſura
A buſcar o caminho de ſer ſantas?
As Senhoras da Corte que a ventura
De ſeguilla pertendaõ ſeraõ tantas,
Que ſe fica do clauſtro a porta aberta
Brevemente eſta Corte eſtá deſerta.

LXI.

Quando os Pais pelos ſeculos futuros
A ſeus filhos quizerem dar alento
Para o mundo deixar, áquelles muros
Devotos os traraõ para eſte intento:
A' viſta das paredes ſeus maduros
Conſelhos lhes daraõ, e o filho attento
Olhará com reſpeito e humildade
Os muros que reſpiraõ ſantidade.

LXII.

Para aqui nos fugio a Dama ſanta
(Lhe dirá mui devoto o Pai chorando)
Os olhos e as mãos ao Ceo levanta
As virtudes da Dama declarando.
Quem me dera meu filho que outra tanta
Virtude no teu peito dominando
Te arrancaſſe do mundo, mundo infame
Que he vergonha que ainda haja quem o ame.

LXIII.

As paredes que vês, ſe tu ſoubeſſes
Que virtudes heroicas eſcondêraõ,
Eu te affirmo que a terra tu quizeſſes
Em que tantas virtudes florecêraõ.
Tu furtáras as lages, ſe pudeſſes
Em que os ſantos joelhos eſtiveraõ:
Pois imita-a buſcando outra clauſura;
E farás tambem ſanta a ſepultura.

LXIV.

Deſte modo comigo eu diſcorria
Como louco com os troncos converſando:
Com acções eu fallava, e parecia
Eſtar vendo o que eſtava imaginando.

To-

Totalmente embebido, nem ſabia
Que parava, ou que eſtava ſó fallando:
Os encontros dos homens que paſſavaõ
Me faziaõ mover e deſpertavaõ.

LXV.

Neſtas horas a Dama dedicava
A ſeu Deos nos altares da clauſura,
E nas chammas de amor ſacrificava
Coraçaõ innocente, e alma pura.
Prostrava-ſe por terra, aſſim ficava
Tranſportada dizendo de doçura
Inda bem que já tenho o que queria
Que he meu Deos: tudo o mais me aborrecia.

LXVI.

E qual pedra mui grande e mui pezada
Que arrancada da terra e ſuſpendida
Numa altiſſima torre, deſpegada
Como hum raio ſe move deſpedida.
Enterra ſe no chaõ mui deſcançada,
Só ficára no centro bem mettida
Se no centro da terra eſtar pudera,
Porque ſó para o centro propendera.